

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - UNICAP

**A REAÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL AO ADVENTO
DO PENTECOSTALISMO EM PERNAMBUCO (1920-1930)**

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA

Recife, 2013

UNIVERSIDADE
CATÓLICA
DE PERNAMBUCO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - UNICAP

**A REAÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL AO ADVENTO
DO PENTECOSTALISMO EM PERNAMBUCO (1920-1930)**

JOSÉ ROBERTO DE SOUZA

Trabalho apresentado a Banca Examinadora, objetivando cumprir as exigências necessárias para a defesa da dissertação final do Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP, tendo como orientador o Dr. Prof. Drance Elias da Silva.

Recife, 2013

S729r

Souza, José Roberto de

A reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao advento do pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930) / José Roberto de Souza ; orientador Drance Elias da Silva, 2013.
129 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Pró-Reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2013.

1. Igreja Presbiteriana do Brasil. 2. Identidade - Aspectos religiosos. 3. Pentecostalismo. 4. Protestantismo - Pernambuco. 5. Presbiterianismo.
I. Título.


CDU 284.57


JOSÉ ROBERTO DE SOUZA


**A reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao Advento do
Pentecostalismo em Pernambuco (1920-30)**

Dissertação apresentada a Banca Examinadora ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião. Orientador: Dr. Prof. Drance Elias da Silva.

BANCA EXAMINADORA


Presidente da Banca Prof. Dr. Drance Elias da Silva (UNICAP)
Orientador


Prof. Dr. Newton Cabral Darwin de Andrade (UNICAP)
Examinador Interno


Prof. Dr. Gustavo Gilson Sousa de Oliveira (UFPE)
Examinador Externo

Dissertação: A Reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao Advento do Pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930). Defendida e aprovada em 09/04/2013. Aprovada com Distinção.

Dedico esse trabalho aos Amores da minha vida:

Edilza, Robertinha e Thiaguinho.

AGRADECIMENTOS

Ao nosso poderoso e eterno Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, a nossa profunda gratidão, pois sem o Seu auxílio constante jamais chegaríamos até aqui;

A minha querida esposa Edilza, que tem sido uma verdadeira auxiliadora idônea, companheira, amiga e, principalmente incentivadora nas batalhas;

Aos nossos queridos e amados filhos: Robertinha e Thiaguinho, filhos da Aliança/do Pacto. Presentes de Deus na nossa vida.

Aos meus queridos pais: Sr. Josias (in memória) e D. Lourdes, os quais me ensinaram lições que jamais aprendi em nenhum outro lugar.

Aos meus irmãos Robson e Rosemary, os quais permanecem sendo alvos nas minhas orações;

Ao meu orientador e amigo Professor Doutor Drance Elias da Silva, a minha profunda gratidão, pois, mesmo diante de tantos compromissos aceitou o desafio de ser o meu orientador. Obrigado professor Drance pelas suas ricas sugestões.

Aos Professores Doutores Newton Cabral Darwin de Andrade (UNICAP), e Gustavo Gilson Sousa de Oliveira (UFPE), agradeço imensamente pelo prazer e privilégio de tê-los na banca.

Ao Professor Doutor Leonildo Silveira Campos (UMESP) pela rica amizade e a calorosa receptividade que tive no período que passei de estudos e pesquisas na UMESSP (Março de 2012). Obrigado também pelas sugestões.

Ao amigo, tutor, e grande incentivador Professor Mestre Rev. Stéfano Alves, talvez não fosse a sua “insistência” não teria dado início a esse curso. Stéfano, muito obrigado por tudo.

A HEBRON-ASSECC, na pessoa do seu presidente o Dr. Pb. Josimar Henrique, pelo fiel acompanhamento e apoio, sem o qual, seria quase impossível ter dado início a esse mestrado. Obrigado a todos que fazem parte dessa honrosa empresa e família. Vocês são sempre lembrados em minhas orações.

Ao Programa Nacional de Cooperação Acadêmica (PROCAD), pelo seu valioso investimento durante o mês de março de 2012, onde tive o privilégio e o prazer de pesquisar durante esse período na UMESP.

Ao Doutor Diácono Urbano Vitalino de Melo Neto, pelo seu apoio no início do curso, bem como pela viagem que fiz para a UMESP, apoio esse, de importância fundamental.

A Igreja Presbiteriana do Ibura (UR 1), onde atualmente tenho o prazer de servir ao Senhor no ministério pastoral. Ao Conselho da referida Igreja pelo apoio ministerial durante esse tempo. Tempo de desafios, mas acima de tudo, tempo de paz e amizade. Meus agradecimentos aos presbíteros, por ordem alfabética: Carlos e Edvaldo

Ao Seminário Presbiteriano do Norte (SPN), no qual tive o prazer de ser formado em 2001, e hoje tenho a grata satisfação de ser professor dessa Casa de Profetas desde 2006;

Ao diretor do SPN, Rev. Marcos Andre Marques, pelas oportunidades e confiança, e acima de tudo, por uma importante ligação feita, a qual não tenho dúvidas, foi de grande importância, para que eu tivesse o apoio nos meus estudos;

Ao Colegiado do Mestrado de Ciências da Religião da UNICAP, na pessoa do seu coordenador Professor Doutor Gilbraz Aragão, externo e amplio meus agradecimentos a todos. Serei sempre grato a vocês.

Aos amigos de sala, meu(s) muito(s) obrigado(s). Bom demais esse tempo de convivência com vocês.

Aos amigos de caminhada acadêmica: Claudio Souza, Márcio Vilela, e Paulo Julião, obrigado pelas conversas, sugestões e apoios. “Vamos em frente, que atrás vem gente!”.

À Dra. Michelline Reinaux, meu agradecimento pelo despertar para esse tema, fruto das suas pesquisas na biblioteca do SPN;

A todos que de uma maneira direta ou indireta contribuíram para a conclusão desse curso, muitíssimo obrigado!!!

RESUMO:

A nossa pesquisa busca analisar a reação da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) contra a implantação do movimento pentecostal em Pernambuco na década de 1920. Procuramos acompanhar o início das atividades das Igrejas Presbiterianas e da Assembléia de Deus no estado, a partir do exame da imprensa pentecostal e presbiteriana, bem como das atas do Presbitério de Pernambuco, órgão que coordenava os trabalhos da Igreja Presbiteriana do Brasil no estado. Essas fontes nos permitiram perceber as diferenças e indiferenças entre os grupos que dirigiam essas igrejas. Vimos ainda os argumentos e as estratégias implementadas pela Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) no combate aos pentecostais/assembleianos, bem como analisamos também as características e diferenças doutrinárias quanto à reação dos presbiterianos a um movimento “composto por ‘imigrantes, negros e mulheres’, uma religiosidade de gente marginalizada”.

Palavras-chave: Identidade e Religião - Protestantismo em Pernambuco - Pentecostalismo - Presbiterianismo.

ABSTRACT

Our research aims at analyzing the reaction of the Presbyterian Church of Brazil against the implementation of the Pentecostal Movement in Pernambuco in the 1920s. We seek to trace the activities of the early Presbyterian Churches and of the Assembly of God in this State from the examination of the press both Pentecostal and Presbyterian as well as the Pernambuco Presbytery minutes, the agency that coordinated the work of the Presbyterian Church of Brazil in Pernambuco. These sources have helped us understand the differences and indifferences between both groups that led these churches; we have seen also the arguments and strategies implemented by the Presbyterian Church of Brazil (IPB) as it took a stand against the Pentecostals of the Assembly of God. Moreover, we analyzed the characteristics and doctrinal differences with respect to the reaction on the Presbyterians' part against a movement "comprised by immigrants, negroes and women, that is, a religion of marginalized people.

Key words: Identity and religion - Protestantism in Pernambuco - Pentecostalism - Presbyterianism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
I. MAPEAMENTO HISTÓRICO DO(S) PROTESTANTISMO(S) EM TERRA BRASILEIRA: O PROTESTANTISMO DE MISSÃO E A CONTRIBUIÇÃO DE ASHBEL GREEN SIMONTON.....	19
1.1 O presbiterianismo Norte-Americano.....	22
1.2 A chegada do protestantismo no Brasil.....	24
1.3 Ashbel Green Simonton: O pioneiro do presbiterianismo no Brasil.....	29
1.4 A contribuição de A.G Simonton para o protestantismo de missão.....	36
1.5 As fases do presbiterianismo no Brasil.....	39
II. UM RETROSPECTO DO(S) PENTECOSTALISMO(S) E O SEU RESULTADO EM SOLO BRASILEIRO: “A IRMÃ CELINA COMEÇOU A FALAR EM NOVAS LINGUAS. A PRIMEIRA OPERAÇÃO DE BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO FEITA PELO SENHOR JESUS EM TERRAS BRASILEIRAS”.....	50
2.1. Nuanças de um pré-pentecostalismo: uma breve caminhada de Montano ao Irvinismo.....	50
2.2. Surgimento e tensões criados pelo pentecostalismo Norte-Americano: Parham, Seymour, e Durham.....	65
2.3. Os pioneiros do pentecostalismo no Brasil: Francesco, Vingren e Berg.....	70
2.4. As fases do pentecostalismo no Brasil: Paul Freston e as sua “ondas”.....	72
2.5. Os pentecostais chegam ao Pará: Os brasileiros tomam posse da bênção/herança.....	74
III. REAÇÃO DOS PRESBITERIANOS AOS PENTECOSTAIS: “O PENTECOSTALISMO NÃO ENCONTRA LUGAR NAS RAMIFICAÇÕES HISTÓRICAS DA IGREJA DE CRISTO”.....	81
3.1. A confessionalidade da doutrina presbiteriana: A importância da revelação escrita, e os símbolos de fé de Westminster.....	81
3.2. A confessionalidade da doutrina pentecostal: A experiência com o “Espírito Santo” uma herança deixada pelos pioneiros.....	83
3.3. J.R. Smith: O pioneiro do presbiterianismo em Pernambuco: A semente foi lançada, a árvore cresceu e deu frutos.....	91
3.4. Adriano Nobre: Um ex-presbiteriano torna-se o pioneiro do pentecostalismo em Pernambuco.....	97
3.5. Joel Carlson: Entre o desânimo e os embates: “Jesus fará uma grande obra também em Recife.”.....	100
3.6. Os presbiterianos afirmam: “O pentecostismo não encontra lugar nas ramificações históricas da igreja de Cristo”.....	102

3.7. A IPB cria uma comissão permanente de doutrina.....	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
NOTAS BIBLIOGRAFICAS.....	122
ANEXOS.....	127

INTRODUÇÃO

Os resultados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE mostram o crescimento e a consolidação da população evangélica, que passou de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Um aumento aproximadamente de 26 milhões para 42 milhões de pessoas, um universo constituído por 16 milhões de novos adeptos oriundos das diversas ramificações do cristianismo que se autoidentificam como evangélicos. A velocidade deste crescimento fica mais evidenciada quando percebemos que em 1980 esta categoria religiosa representava apenas 6,6% da população, passando para 9% em 1991, foram para 15,4% em 2000, até os 22,2% atuais. Dos que se declararam evangélicos, neste novo recenseamento, 60% eram de origem pentecostal, 18,5%, evangélicos de missão e 21,8 %, evangélicos não determinados. Interessante que, ao compararmos os números do recenseamento de 2000 com o de 2010, há um aparente decréscimo no cenário pentecostal, pois, de acordo com o Censo de 2000, dos 26,2 milhões de brasileiros, 17,9 milhões são pentecostais, isto corresponderia a 67%. De acordo com o Censo de 2010, esse percentual corresponde a 60%.

Entretanto, um exame atento da tipificação utilizada no Censo de 2010 faz notar o crescimento do índice de evangélicos não determinados, que totaliza 9,2 milhões de declarantes. Uma hipótese plausível é que a causa do aparente decréscimo pentecostal equivale ao crescimento deste segmento. Mas, igualmente plausível é admitir que tal universo que se declara evangélico, mas sem ligação com uma igreja determinada, orbita em torno da miríade de igrejas pentecostais e neopentecostais que se multiplicam por todo o país. O que nos levaria a conclusão de que este grupo esteja em franca expansão, até porque, se somarmos os 60% atuais dos pentecostais com os 9,2 milhões dos evangélicos não determinados, o resultado será de 81%. Indiscutivelmente, o fato é que, há um crescimento do pentecostalismo, e do neopentecostalismo e suas diversas vertentes por todo o país, congregando a maioria dos evangélicos. Alencar (2005) afirmar que, o “pentecostalismo, apesar de sua origem estrangeira sempre esteve mais próximo da cultura nacional. Exatamente por ser periférico e pobre. No Rio de Janeiro, das cinco novas igrejas fundadas por semana, 91,26% são pentecostais e 80% em áreas carentes.” (p. 20).

Atualmente há inúmeros trabalhos sendo feitos por acadêmicos de várias áreas, em relação ao Movimento Pentecostal, isto é, pesquisas feitas no âmbito da Sociologia, Antropologia, Teologia, bem como, na área de História. Todavia, a maior parte, destes trabalhos tem dado uma atenção maior ao Movimento Neopentecostal, tendo em vista as constantes mudanças, e invenções por parte desse movimento.

Dessa forma, sendo o Movimento Neopentecostal fruto da década de 70, pouco se conhece sobre o início do Pentecostalismo clássico. Há poucos trabalhos feitos sobre esse grupo em particular. Até porque os líderes dessas denominações pentecostais clássicas, e aqui particularmente, citamos a Igreja Assembleia de Deus, que continuam não tendo nenhum interesse de abrir os seus arquivos para que eles sejam objeto de pesquisas.

Todavia, independente do procedimento por parte dos pentecostais, bem como do que se pense a respeito deles, as estatísticas comprovam o quanto esse movimento tem crescido a cada dia. Exemplo disso é que a revista *Eclésia* (denominada a revista evangélica do Brasil), em homenagem aos 100 anos do Pentecostalismo no Brasil, na sua capa trouxe a seguinte manchete: *100 ANOS DE FÉ E FOGO: Conheça a história do Movimento Pentecostal, que mudou a Igreja Cristã; No mundo, pentecostais já são 600 milhões; E o Brasil é o maior país avivado do mundo.* (Ano 11, nº. 118).

Podemos perceber que o Movimento Pentecostal não somente tem crescido, bem como também tem cada vez mais atraído a atenção dos estudiosos. Para Campos Jr (1995), “O pentecostalismo tem sido motivo de preocupação e tem despertado a atenção de pesquisadores dos mais diversos campos. Seu crescimento tem mostrado que a sociedade, com suas contradições, é sensível a um discurso imediatista.” (p.201).

São inúmeras as opiniões a respeito do movimento pentecostal, porém o que se percebe é que “o pentecostalismo, mesmo combatido, foi deixando de ser uma minoria que perturbava para se tornar uma maioria determinadora (...).” (GUTIÉRREZ, 1996, p. 7).

É certo que como “objeto” de estudos científicos, o Movimento Pentecostal não é algo tão antigo. Contudo, desde a sua origem, ele atraiu a atenção de novos adeptos, bem como de alguns “opositores”. Até porque as “pesquisas não ocorrem num vácuo. Elas fazem parte do contexto de problemas reais da sociedade e são medidas pelos

quadros ideológicos de referência dominantes”. (ALVES, 1984, p. 103). Conseqüentemente os novos adeptos viram que o Movimento Pentecostal proporcionava maior liberdade de expressão, e todos gozavam dos mesmos valores e direitos, sem falar das constantes promessas divinas, através das suas múltiplas profecias.

Quando pesquisamos documentos do início do século 20 (momento esse que mostra a chegada recente dos primeiros pentecostais no Brasil), oriundos de igrejas tidas como históricas, refiro-me as igrejas descendentes da Reforma do século XVI, notamos que a preocupação com o Movimento Pentecostal existiu desde o seu nascedouro, ou seja, mesmo que o momento atual proporcione uma maior atenção, isso não significa dizer que a atenção tem sido fruto do agora. Desde o início, o Movimento Pentecostal atraiu a atenção das igrejas históricas. Em Pernambuco (Recife), por exemplo, o primeiro missionário do presbiterianismo, o missionário John R. Smith, chegou em 1873, e só depois de mais de trinta anos foi que veio chegar em Recife o pioneiro do pentecostalismo, isto é, o missionário Adriano Nobre. Porém não tardou para que a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) reagisse à chegada do pentecostalismo em Recife.

A questão é que, após o estado do Pará ter sido alcançado com a mensagem pentecostal, em 1911, não tardou muito para que essa mensagem alcançasse outros estados do país. Mas, inevitavelmente, surgem algumas indagações:

1. Qual o motivo que levou o pentecostismo (pentecostalismo), desde a sua aparição no cenário brasileiro a ser objeto de críticas por parte da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB)?

2. Qual a ameaça que o movimento proporcionaria, sendo o mesmo composto “por imigrantes, negros e mulheres (...) de uma religiosidade de gente marginalizada”? (SAYÃO, 1999, p. 92).

3. O que, à época, fundamentalmente, diferencia o pentecostalismo das demais denominações históricas, causando da parte da IPB uma reação que não se explica apenas por fator de concorrência? Qual é a dimensão política dessa reação, bem como os interesses e defesa por parte dos históricos (IPB)?

4. A reação seria por causa da propagação das doutrinas pentecostais, tendo em vista que eram consideradas heréticas, ou por causa de uma possível perda de membros, até porque o primeiro missionário pentecostal em Pernambuco foi um ex-presbiteriano?

5. O que fez e faz o Pentecostalismo, mesmo diante tantas críticas, e com menor tempo das igrejas históricas, ser o maior segmento evangélico brasileiro?

Creemos que mesmo já existindo várias obras escritas (geralmente estudando o movimento a partir da década de 50, e com maior intensidade estudos voltados para o que se denomina de Neopentecostalismo), relacionadas ao movimento pentecostal, as quais tem sido de grande valor, percebemos, porém, a necessidade de obras que nos informe a reação das denominações tidas como históricas, quanto à chegada do pentecostalismo no Brasil. Documentos do início do século 20 (como as atas do Presbitério de Pernambuco¹, e outros documentos de algumas igrejas locais), nos causam uma profunda motivação de pesquisar o assunto proposto. O presente trabalho tem o objetivo de pesquisar (título): *A Reação da Igreja Presbiteriana do Brasil ao Advento do Pentecostalismo em Pernambuco (1920-1930)*.

Neste trabalho utilizamos à técnica de pesquisa bibliográfica e documental, através de alguns teóricos que, de alguma forma, abordaram o assunto relacionado ao pentecostalismo, bem como também a contribuição em relação à questão das disputas de “campo” para um melhor entendimento do assunto pesquisado. Trabalhamos com o conceito de campo, de Pierre Bourdieu, como fundamentação teórica.

Percebemos que o espaço social se configura como um campo de poder capaz de modificar, solidificar e redefinir o que é interessante para a construção da hegemonia da elite dirigente da denominação, mesmo que seja afastando aqueles que se contrapõem a esta hegemonia. É neste ponto que Bourdieu (1998) coloca a necessidade que tem toda a situação de revolução/crise em encontrar seu profeta, pois o “profeta é aquele que pode contribuir para realizar a coincidência da revolução consigo própria, operando a revolução simbólica que a revolução política requer” (p. 78).

¹ O Presbitério de Pernambuco (1888) foi o terceiro presbitério organizado pela Igreja Presbiteriana do Brasil (12.08.1859).

Alves (1984) lembra que, “dos protozoários ao homem, todos os organismos têm um problema comum a resolver: a sobrevivência. Seres vivos são seres de carência (...). Isto quer dizer que a sobrevivência depende da eficiência dos mecanismos desenvolvidos pelo organismo...” (pp. 7-8).

Outro autor que utilizamos foi Antônio Gouveia Mendonça. Mendonça que, além de ter sido um dos pioneiros do curso de Ciência da Religião no Brasil, foi também, um grande contribuinte para a compreensão da inserção do protestantismo brasileiro. É de sua autoria a clássica obra: *O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil*. Além de várias parcerias em publicações de livros, Mendonça, também tem inúmeros artigos publicados em livros, revistas e anais de congressos, seminários e encontros. Ele não só é uma referência ao protestantismo clássico, mas um conhecedor, como poucos, do movimento pentecostal. Questiona (2006): “Quem é mesmo pentecostal? Qual critério seria suficientemente discriminativo para definir um pentecostal?” (p. 97). Quanto à questão da reação de determinadas instituições religiosas, Mendonça (2008) chega a dizer que “toda a religião que chega a graus sofisticados de organização do poder para a manutenção do dogma, seja por meio de instâncias pessoais ou coletivas (concílios), de tradições, ou magistérios, de códigos canônicos ou confissões de fé, mostram um grau máximo do Sagrado e, como consequência, da centralidade do poder.” (p. 262).

Utilizamos como fontes primárias, algumas atas do Presbitério de Pernambuco e, de algumas Igrejas locais (jurisdicionadas por esse mesmo concílio), bem como, alguns jornais, da época pesquisada, oriundos da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Essas fontes primárias estão constituídas por uma série de jornais *Norte Evangélico*, pertencentes a IPB.

Desejávamos com nosso *objetivo geral* mostrar o desenvolvimento histórico do movimento pentecostal, bem como analisar a reação da Igreja Presbiteriana ao Advento do Pentecostalismo em Pernambuco entre os anos de 1920 a 1930. Para entender o contexto, incluir de forma sintetizada, o início das pregações pentecostais no Brasil.

Quanto aos *objetivos específicos* seguimos o seguinte critério:

1º. Enfocamos os aspectos históricos do protestantismo brasileiro, e a sua linhagem ao protestantismo Norte-Americano, onde nos detemos mais sobre o que passou a ser denominado no Brasil por Protestantismo de Missão;

2º. Abordamos as inúmeras nuances do movimento pentecostal na história, até a sua chegada em solo brasileiro, bem como as suas táticas e práticas proselitistas;

3º Analisamos os interesses, e os métodos utilizados pela Igreja Presbiteriana do Brasil para combater o crescimento pentecostal no estado de Pernambuco.

Justificamos desde já que, trabalhamos apenas com as denominações Presbiteriana (IPB) e a Assembléia de Deus (AD do ministério do Pará, até porque, era o único que existia nesse período), restringindo-se apenas ao estado de Pernambuco, por ser uma das áreas de abrangência² do jornal pesquisado (*O Norte Evangélico*) e as Atas do Presbitério de Pernambuco.

Essa pesquisa, assim como tantas outras, teve pela frente um grande desafio, tendo em vista a escassez de dados, bem como também, a dificuldade de coletá-los, e por fim o ineditismo do objeto de pesquisa (o nascedouro do pentecostalismo clássico). Todavia, mesmo diante da complexidade do assunto, somos motivados a pesquisá-lo, considerando o fato de que, por menor que seja a nossa contribuição, deduzimos que ela servirá como uma fonte a mais de consulta para outros pesquisadores. A realização desta pesquisa acontece em um contexto de consolidação do Pentecostalismo no Brasil. Essa afirmação ratifica-se, tendo em vista que o movimento pentecostal está comemorando ainda o seu recente centenário.

A eficiência do pentecostalismo clássico, e particularmente, das Assembléias de Deus (AD) na adesão religiosa ocorre em virtude de suas antigas práticas, isto é, tem como “carro chefe” para o seu constante crescimento, a propagação do evangelho através da sua membresia leiga. Não é por acaso que o movimento, hoje, goza de uma respeitabilidade, até mesmo entre as igrejas históricas, porém, nem sempre foi assim.

² A abrangência do Jornal *Norte Evangelico* era da Região do Nordeste.

CAPÍTULO I

I. MAPEAMENTO HISTÓRICO DO(S) PROTESTANTISMO(S) EM TERRA BRASILIS: O PROTESTANTISMO DE MISSÃO E A CONTRIBUIÇÃO DE ASHBEL GREEN SIMONTON

A história do Brasil política e cronologicamente, geralmente é dividida em três períodos: Brasil Colônia (1500-1822); Brasil Império (1822-1889) e Brasil República (1889 em diante).

No primeiro período, ou seja, quando o Brasil ainda era colônia de Portugal, percebemos a tentativa de implantação do protestantismo em dois momentos: Primeiro com os Huguenotes na Guanabara (1557-58)³, e depois com os Holandeses no Nordeste (1630-54)⁴.

Todavia, tais tentativas, mesmo tendo o seu valor histórico, não foram adiante. Após essas duas possibilidades tidas por alguns, como sendo “fracassadas”, só passaremos a notar a presença do trabalho protestante que “chegou ao Brasil para ficar, em meados do século XIX” (MENDONÇA, 2008, p. 121), isto é, em 1855 em diante, com a chegada do Dr. Robert Reid Kalley (1809-1888)⁵. João Cesário L. Ferreira (2009) ratifica quando afirma:

Se deixarmos de lado o histórico ‘protestantismo de invasão’ representado pelas tentativas francesas (século XVI) e holandesa (século XVII) de se instalarem no país e aqui plantarem a semente reformada, pode-se afirmar que o protestantismo (...) chega ao Brasil, para ficar, somente no transcorrer do século XIX. (p.7)

Luiz Antônio Giraldi (2008) afirma que a situação foi tão complicada durante esse período que até o simples acesso à Bíblia foi algo notório:

³ Para um melhor conhecimento desse período ver as obras de: Crespín, Jean, *A Tragédia da Guanabara- Cultura Cristã.*; Léry, Jean, *Viagem à terra do Brasil-* Biblioteca do Exército; Hack, Osvaldo H., *Sementes do Calvinismo no Brasil Colonial-* Cultura Cristã.

⁴ Cf. as obras de: Schalkwijk, F. Leonard, *Igreja e Estado no Brasil Holandês-* Cultura Cristã; Mello, José A. Gonsalves, *Tempos dos Flamengos-* Topbooks; Barleus, Gaspar, *História dos feitos recentes praticados durante oito anos no Brasil-* Fundação Cultura.

⁵ Robert Reid Kalley, natural da Escócia, foi missionário pioneiro no Brasil, tendo chegado ao Rio de Janeiro com sua esposa Sarah P. Kalley em 1855. Fundou a Igreja Evangélica Fluminense (1858), localizada no bairro da Saúde no Estado do Rio de Janeiro. Kalley foi oriundo do presbiterianismo, mas tornou-se congregacional. É tido como o pai do Congregacionalismo brasileiro.

Até o final do século XVIII, a Bíblia era um livro praticamente desconhecido no Brasil. O fechamento dos portos brasileiros aos navios estrangeiros e o controle rígido que as autoridades religiosas exerciam sobre a entrada de todo o tipo de livro mantiveram essa situação inalterada até o final do século XVIII. Alguns poucos exemplares da Bíblia em francês e holandês chegaram ao País durante os séculos XVI e XVII, nas caravelas dos calvinistas franceses e holandeses, integrantes das expedições invasoras que desembarcaram nos Estados do Rio de Janeiro e Pernambuco. A situação somente começou a mudar no início do século XIX, quando foi liberada a importação de livros, e as primeiras Sociedades Bíblicas começaram a enviar Bíblias na língua portuguesa para o Brasil. Mas a distribuição regular das Escrituras só começou mesmo a partir da segunda metade de século XIX, quando as Sociedades Bíblicas enviaram seus representantes e instalaram suas Agências bíblicas no País (p.11)

Mendonça (2008) lembra que, “o século XVIII foi a era da Inquisição no Brasil. (...), uma lei proibiu que qualquer pessoa entrasse no Brasil a não ser a serviço da Coroa ou da Igreja.”(p.41). Relatos comprovam “que até a vinda da Família Real não houve mais protestantes no Brasil.” (Idem, Ibid. p.41).

Há, portanto, uma lacuna de aproximadamente dois séculos de trabalho protestante no Brasil, ou seja, 1630-54 o trabalho realizado ainda no período da Colônia pelos holandeses, e só depois com a vinda do Dr. Kalley em 1855. Com a chegada da Família Real, em 1808, dois anos após, isto é, em 1810, foram feitos três tratados entre Portugal e Inglaterra que muito contribuíram para que houvesse uma tolerância entre os protestantes que residiam ou que pretendiam vir para o Brasil. O historiador e escritor Matos (2000) referindo-se a tais tratados lembra que:

Em fevereiro de 1810, Portugal e a Inglaterra assinaram dois importantes tratados, um de Aliança e Amizade e outro de Comércio e Navegação. O primeiro assegurou que a Inquisição não seria estabelecida no Brasil, ao passo que o segundo, em seu Artigo 12, pela primeira vez permitiu a prática legal do culto protestante no Brasil. O documento concedeu aos súditos britânicos e outros estrangeiros acatólicos ‘perfeita liberdade de consciência’ para praticar a sua religião, contanto que suas igrejas e capelas se assemelhassem externamente a casa de residência e não possuíssem sinos, bem como os protestantes não fizessem proselitismo entre os brasileiros nem pregassem contra a religião oficial. (p. 343).⁶

⁶ Cf. também, REILY, Duncan Alexander (2003, pp. 47 e 399), no seu livro História Documental do Protestantismo no Brasil, diferentemente de Alderi, diz que não foram apenas dois tratados entre Portugal e Inglaterra, mas três, sendo eles: O tratado de Comércio e Navegação, Amizade e Defesa e a Convenção sobre o Correio.

Para uma visão mais ampla resolvemos registrar na íntegra o artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação que mostra a concessão de liberdade de culto e a tolerância aos acatólicos residentes no Brasil, bem como os limites que aos mesmos foram dados⁷.

Esses tratados garantiam “a todos os residentes o direito de praticar a sua religião em particular, uma vez que não perturbassem a paz pública ou tentassem fazer prosélitos entre os brasileiros, presumivelmente católicos romanos. (...), as religiões acatólicas são apenas tolerada.” (REILY , 2003, p. 48).

A cena se repete com a Constituição de 1824, pois, no seu artigo 5 encontramos a seguinte afirmação: “A religião católica apostólica romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.” (Idem, Ibid, p. 48)

Encontramos ainda as Leis do Código Criminal: aplicação do “Artigo 5º”, as quais estavam relacionadas: à ofensa, à moral, à religião e aos bons costumes. Eis as leis e as penas que seriam aplicadas:

276. Celebrar em casa ou edifício que tenha alguma forma exterior de templo, ou publicamente em qualquer lugar, o culto de outra religião que não seja o do Estado: PENAS. No grau máximo – serem dispersos pelo juiz de paz os que estiverem reunidos para o culto, demolição da forma exterior, e multa de 12\$, que pagará cada um. 277. Abusar ou zombar de qualquer culto estabelecido no Império, por meio de papéis impressos, litografados ou gravados, que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por meio de discursos proferidos em públicas reuniões ou em ocasião e lugar em que o culto se prestar. 278. Propagar por meios de papéis impressos... que se distribuïrem por mais de quinze pessoas, ou por discursos em públicas reuniões doutrinas que diretamente destruam as verdades fundamentais da existência de Deus e da imortalidade da alma. (REILY , 2003. pp. 48-49).

Como bem pudemos perceber, mesmo diante dos Tratados de 1810, as condições não eram muito animadoras para os protestantes que aqui residiam, em relação à propagação da sua fé. Todavia, o que parecia impossível, tornou-se possível, isto é, em meados do século XIX o protestantismo não só chegou para ficar, mas criou raízes e ramificou-se.

⁷ Cf. em Anexos.

1.1. O presbiterianismo Norte-Americano

A Reforma Protestante do século XVI contribuiu, de alguma forma, para o surgimento dos diversos grupos que hoje constituem o protestantismo. Os nomes adotados por essas igrejas podem derivar do próprio nome do seu fundador como, por exemplo: Luteranos, Menonitas, etc. Porém, é bom que saibamos que nem sempre os líderes que tinham seus próprios nomes dados a essas denominações em sua homenagem, concordavam com tal procedimento. Há também o fato relacionado às questões de uma convicção doutrinária primordial, Batistas, Pentecostais, e até mesmo de sua estrutura eclesiástica e forma de governo. Há basicamente três tipos de governos eclesiásticos: Episcopal, onde um só governa. Congregacional, onde todos governam, e o Presbiterial, onde alguns governam.

As Igrejas Presbiterianas têm suas raízes na obra dos dois reformadores que entraram em cena pouco depois do pioneiro Martinho Lutero. Foram eles o suíço de língua alemã Ulrico Zuínglio (1484-1531) e o francês João Calvino (1509-1564), que atuaram ambos na Suíça, o primeiro, em Zurique, e o segundo, em Genebra. Com a morte prematura de Zuínglio, Calvino tornou-se o principal líder e teólogo do movimento. No continente europeu, as igrejas que abraçaram a teologia e a estrutura eclesiástica preconizadas por Calvino adotaram o nome de "Igrejas Reformadas," principalmente em países como a própria Suíça, a França, a Holanda e a Hungria.

O nome "Igreja Presbiteriana" popularizou-se nas Ilhas Britânicas a partir da obra do reformador escocês João Knox (c.1514-1572), que foi discípulo de Calvino em Genebra. Eventualmente surgiram fortes comunidades presbiterianas na Escócia, Irlanda e Inglaterra. Através da imigração, os escoceses e irlandeses levaram o presbiterianismo para os Estados Unidos nos séculos XVII e XVIII. Quanto à data de fundação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, o escritor Sean Michael Lucas (2011) afirma:

Não está muito claro quando foi fundada a “primeira” igreja presbiteriana dos Estados Unidos. Parece que houve movimentos simultâneos de fé e prática presbiteriana em vários locais diferentes. Por exemplo, a igreja mais antiga de Long Island, Igreja Presbiteriana de Jamaica, data de pelo menos 1672, enquanto que a Igreja Presbiteriana de Filadélfia foi fundada em 1698. Contudo ao que

parece essas igrejas tiveram pouco contato uma com a outra. De igual modo foram plantadas igrejas presbiterianas no norte da Virgínia ainda em 1699. (p. 168).

Proveniente do grande movimento missionário protestante do século dezanove dos Estados Unidos, as igrejas presbiterianas e o nome "presbiteriano" foram introduzidos em muitos países do hemisfério sul. Entre esses países estava o Brasil, que teve como pioneiro presbiteriano o Rev. Ashbel G. Simonton, que chegou aqui em 1859.

Esse termo "Presbiteriano" decorre do fato de que nas igrejas desse nome o governo é exercido por "presbíteros." A palavra grega presbíteros encontra-se no Novo Testamento e significava, originalmente, "ancião," "homem idoso." À semelhança do que acontecia entre os judeus, também na igreja primitiva a liderança era exercida pelos membros mais experientes da comunidade, geralmente, mas, não necessariamente, homens mais velhos. Eventualmente, o termo passou a ter um sentido técnico de líder da igreja e o aspecto da idade ficou em segundo plano. Assim, encontramos referências aos presbíteros em passagens bíblicas como Atos dos Apóstolos 11.30; 14.23; 15.2; 20.17; 1 Timóteo 5.17; Tito 1.5; Tiago 5.14; e 1 Pedro 5.1. Também encontramos o coletivo "presbitério" ou concílio de presbíteros em 1 Timóteo 4.14.

Portanto, seguindo o precedente bíblico, nas igrejas presbiterianas a liderança é exercida pelos presbíteros, os quais se subdividem em duas categorias – os presbíteros "regentes" (que governam), voltados primordialmente para funções administrativas, e os presbíteros "docentes" (que ensinam), ou seja, os ministros ou pastores. Esses dois tipos de presbíteros têm a mesma paridade, não se constituindo em uma hierarquia. Todavia, os pastores ou presbíteros docentes têm algumas funções privativas, como a ministração dos sacramentos (Santa Ceia e o Batismo). Os presbíteros exercem as suas funções em vários níveis: localmente, no Conselho de cada igreja; em âmbito regional, nos Presbitérios e Sínodos; em âmbito nacional, no Supremo Concílio.

1.2. A Chegada do Protestantismo no Brasil

É certo que antes da chegada do Dr. Kalley (1809-1888), em 1855, já havia protestantes no Brasil, por exemplo, “em maio de 1824 chegou ao Brasil o primeiro contingente de imigrantes protestantes: 334 luteranos alemães (...). Nos anos seguintes, um número muito maior (...).” (MATOS, 2000, pp. 343-344). Percebemos, também, que entre os “registros pastorais: no período de 20 anos compreendidos entre 1850 e 1869, houve 471 batismos de crianças e apenas 71 cerimônias fúnebres.” (CÉSAR, 2000, p. 74). Porém, é bom lembrarmos que esse trabalho era voltado especificamente para os imigrantes. Outro detalhe relevante quanto às dificuldades da propagação do protestantismo em solo brasileiro, é que, não bastassem os limites estabelecidos pela coroa portuguesa, a vida de alguns pastores protestantes não era das melhores. Havia um pastor chamado Carl Voges que, mesmo amado e estimado pelos colonos, tinha uma conduta não muito comum para um pastor de almas que, via de regra, deveria ser exemplar, mas não era o que acontecia em alguns casos. Todavia, há de se admirar que, independentemente do seu comportamento, o pastor Voges era uma pessoa amada, pois, exemplo disso é ver o tempo que ele exerceu no seu ministério pastoral, como bem lembra César (2000):

Fabricava e vendia cachaça, comprava e explorava o serviço de escravos (chegou a ter vinte escravos), ocupava-se mais com os interesses econômicos do que com a paróquia. Além da fábrica de cachaça, possuía uma olaria, um curtume, um armazém de secos e molhados para compra e venda, e ainda fazia grandes investimentos de capital em Porto Alegre. Enquanto os padres batizavam os negros recém-chegados com nomes portugueses, Voges batizava seus escravos com sobrenomes alemães, como a negra Adelina Schmitt, que todo mundo chamava de Picucha. Como pastor, Voges pregava, batizava, confirmava, casava e enterrava suas ovelhas, mas não as alimentava. Seus cultos consistiam na leitura de sermões e orações impressas. Quando a comunidade se cansava, ele pulava algumas páginas. Exerceu o ministério até morrer, em 1893, aos 92 anos (...). Se os guias espirituais não tinham bom testemunho, quanto mais os fiéis! (p. 74).

Comentando a condição do protestantismo que chega ao Brasil ainda no início do século XIX, tendo em vista o acordo de 1810, Forsyth (2006) diz que:

O protestantismo havia chegado ao Brasil, mas não como uma força militante. Tinha obtido reconhecimento oficial, mas seu testemunho fora anulado pelas restrições impostas sobre ele. Como resultado desta

interferência mortal, nem a Igreja da Inglaterra e nem a Igreja Luterana tiveram qualquer participação na evangelização do Brasil.(p.120).

Todavia, quando afirmamos que a presença do trabalho protestante no Brasil só aconteceu definitivamente a partir de meados do século XIX, é pelo fato de que o trabalho protestante em solo Brasileiro é dividido em três momentos: Protestantismo de Invasão (isso no período da Colônia, com os Franceses, e posteriormente, com os Holandeses) trabalho esse realizado durante pouco tempo; Protestantismo de Imigração (após os tratados entre Portugal e Inglaterra, em 1810) um trabalho realizado dentro de limites estabelecidos; e por fim, o Protestantismo de Missão (a partir de meados do século XIX) o qual, finalmente, veio com objetivo de propagar a fé protestante entre os brasileiros.

Quanto à inserção, de fato, do protestantismo brasileiro Mendonça (2008) afirma:

O momento histórico da inserção do protestantismo na sociedade brasileira é meados do século XIX. As tentativas anteriores, seja pelas vias das expedições de conquista ou pela presença esporádica de protestantes, não chegaram a abalar no seu conjunto a hegemonia católica implantada com o descobridor e colonizador. Os protestantes invasores chegaram e se foram sem deixar traços. Os demais visitantes, viajantes, comerciantes e mesmo imigrantes (...), não chegaram a fazer do protestantismo talvez nada mais do que mera curiosidade por uma religião exótica. (...) Talvez seja por isso mesmo que, quando os missionários americanos começaram a percorrer o Brasil e a pregar, no intuito direto de conseguir prosélitos, tiveram entre seus ouvintes, mais de uma vez, os próprios padres do lugar, que os ouviam placidamente, e os recebiam em suas casas frequentemente com simpatia. O clima geral para com a nova religião que começava a ser anunciada, salvo para alguns elementos mais atentos do clero, era, paradoxalmente, de curiosidade, interesse e indiferença. A maioria do clero brasileiro, espalhado pelas vilas sertanejas, pacato e mais interessado, talvez na política e em seus próprios negócios, parecia estar mais curiosa do que preocupada. (pp. 179-180).

Um fato interessante é que o Brasil só tornou-se laico um ano após a República (1889), ou seja, a partir de 1890, porém, como bem pudemos perceber os acordos de 1810, fez com que, os protestantes fossem aos poucos alcançando o seu espaço:

Os tratados de Aliança e Amizade e Comércio e Navegação, celebrados com a Inglaterra em 1810, criaram um impasse para a

hegemonia católica, uma vez que a intolerância religiosa seria forte obstáculo à execução dos tratados, com conseqüentes dificuldades políticas à Coroa por causa de sua situação de dependência da Inglaterra. Assim, progressivamente, da Constituição de 1824 até a de 1891, foi sendo reduzida a hegemonia católica, e os protestantes foram conquistando o seu lugar no espaço social brasileiro. Vieram espalhando suas bíblias e praticando seu culto dentro de normas legais muito restritivas, tanto à propaganda religiosa como às formas arquitetônicas de seus lugares de serviço religioso. Assim, até 1824, ingleses, alemães, suecos e americanos chegaram e viveram sua fé conforme a situação lhe permitia. Os ingleses e os americanos constituíram comunidades religiosas fechadas à sociedade brasileira, ao passo que os alemães e os suecos, pela falta inicial de assistência religiosa, foram absorvidos pela sociedade abrangente ao ponto de grande parte deles abandonar a antiga fé. (MENDONÇA, 2008, p.42).

Há algumas perguntas significantes que de repente, podem ser feitas, entre elas: Qual era o ambiente do Brasil na ocasião em que foi introduzido o Protestantismo de Missão? E outra é em relação ao procedimento desses missionários que aqui chegam, ou seja, o Brasil ainda era Império, a religião católica ainda era a religião oficial do Império, as leis para os protestantes ainda estavam em vigor. Isto é, os protestantes sabiam que não deveriam fazer prosélitos, que não deveriam pregar na língua portuguesa, e etc. Todavia, não é o que acontece. Por exemplo, Simonton quando chega o seu objetivo é aprender o português para pregar para os brasileiros, e é o que ele faz. Nesse caso, o que foi que houve da parte da coroa **portuguesa**/imperial e até mesmo do clero católico? Frouxidão ou tolerância? Forsyth (2006) relata um pouco do contexto dessa época e o ambiente propício para a propagação do evangelho:

Com relação ao clero, o número de clérigos nativos era reduzido ao mínimo; os monastérios estavam vazios e praticamente não havia voluntário para o sacerdócio. Aqueles que estavam nas ordens santas eram, em sua maior parte, negligentes com relação à moral e às doutrinas e inteiramente desprovidos de visão e zelo apostólicos. As igrejas das cidades tinham a prioridade e atraíam os poucos padres disponíveis, enquanto as comunidades mais afastadas no vasto interior do país tinham de se contentar com visitas ocasionais dos padres, geralmente por motivo de alguma festa do santo local. A simonia – compra e venda de coisas sagradas e espirituais – também era abundante. Na falta do padre, as próprias pessoas procuravam suprir suas necessidades espirituais. Qualquer pessoa dotada de uma mente mais interessada nos assuntos religiosos poderia liderar a comunidade numa recitação de reza, a novena. (...) Taís reuniões, nas quais a laicidade desempenhava tão proeminente papel, aliado ao amor pela música, prepararam o caminho para o culto evangélico. Estas pessoas tinham experiências em organização de reuniões que um deles

liderava. Consequentemente, não acharam estranho se reunirem numa casa, ao redor da Bíblia, e escutar a exposição ministrada por um deles mesmos. Uma coisa é certa eles aprenderam mais a verdade ouvindo a Palavra de Deus exposta por um humilde crente do que de todos aqueles anos acumulados na mais meticulosa observância dos dias de santos, ou até mesmo das exigentes cerimônias da Semana Santa! (pp. 121-122).

Há também dois fatores que em muito favoreceram a difusão da mensagem protestante em terras brasileira durante esse período: Primeiramente a atitude do jovem imperador, Dom Pedro II, e em seguida, a sua política de imigração. Forsyth (2006) contribui em afirmar que:

Dom Pedro tinha sido proclamado imperador quando seu pai foi deposto. Ele nascera no Brasil, e o povo o aceitava como um verdadeiro brasileiro; e, sob a tutela de Feijó, cresceu o amor de D. Pedro II por seu povo e seu país. Ele era um governante sábio e tolerante, interessado no bem-estar de toda a nação. Professava ser católico romano, mas tinha grande aversão por Roma. Simpatizava profundamente com o movimento que procurava romper com o Vaticano e deixava, assim, a igreja livre para sua verdadeira missão de ministrar às necessidades espirituais do povo. Era essencialmente um estudante das artes e ciências, e isso pode ter contribuído para seu profundo desprezo pela mensagem da igreja oficial. (...) O imperador, assim como seus ministros mais cultos, viram a necessidade de imigração e a encorajaram. (pp. 123-124)

Era comum a atenção que o imperador D. Pedro II dava a alguns ministros do evangelho. Por exemplo, sempre tinha contato com o doutor Kalley. “Certa feita, este foi à casa de Kalley, que não pôde recebê-lo por está acamado (...). Mas quem tomou iniciativa de um novo encontro foi o próprio Dom Pedro”. (CÉSAR, 2000, p. 83).

Todavia, por sua vez, isso não significa dizer que a situação foi pacífica como um todo. Relatos históricos comprovam que, em vários momentos, houve atitudes de perseguição e intolerância aos protestantes por parte de alguns católicos. E o pior é que os protestantes, quando procuravam os seus direitos, nem sempre eram atendidos. Exemplo disso é o que pudemos ver no Jornal a *Imprensa Evangelica*⁸, datado em 3 de janeiro de 1874, publicado no Rio de Janeiro:

⁸ O Jornal *Imprensa Evangélica* teve como redator principal o Rev. Simonton durante os seus três primeiros anos. “Circulou durante 28 anos (1864-1892), foi o primeiro periódico protestante do Brasil, pelo menos o primeiro em língua portuguesa. Os originais do número inicial foram levados à Tipografia Universal dos irmãos Laemmert no dia 25 de outubro de 1864, sendo publicado em 5 de novembro, com uma tiragem de 450 exemplares. Devido as ameaças sofridas por esses editores protestantes, a partir do

No dia 18 de Dezembro p. p. reuniram-se varias pessoas de diferentes nações para lerem pacificamente as Escripturas Sagradas e darem culto conforme a Deus conforme a religião evangélica que professavam. Eram 7 ½ horas da noite, rua do Passo da Patria em S. Domingos. Pelas 8 horas foram interrompidas por pedradas que quebraram as vidraças e continuaram por quasi meia hora. Não appareceu patrulha nem autoridade. No dia 9 o inquilino da casa foi com um amigo dar parte ao sub-delegado do districto, que multou-os e declarou os ajuntamentos illicitos, e que não daria passo algum para a protecção dos assistentes. No dia 20 o interessado com três amigos dirigiram-se ao Sr. Dr. Chefe da policia, que não quiz escuta-los, dizendo que taes ajuntamentos eram prohibidos e que fossem fazer heresias no cume do Pão de Assucar. Informado d'estes successos fez o pastor da igreja da qual são membros os congregados, um requerimento ao subdelegado. O portador da petição foi insultado e trouxe uma resposta verbal no dia 24. No dia 26 indo-se buscar o despacho, foi dito que essa autoridade não estava para aturar sécas. No dia 27, o mesmo pastor, Dr. Roberto Reid Kalley, requereu ao chefe de policia que lhes dêsse garantias, narrando todo o ocorrido. Á essa petição feita nos devidos termos, deu o chefe de policia o seguinte despacho: _ “Não tem lugar, nem concedo licença para taes reuniões. Secretaria, 27 de Dezembro de 1873.” _ Hollanda Calvacanti. Este despacho illegal, vergonhoso, inquisitorial, é firmado por um magistrado brasileiro, que ao forma-se em direito, prestou juramento de manter a constituição do paiz, e que ao tomar posse do cargo que occupa, prestou sem dúvida, juramento de guarda e cumprir fielmente as leis, e não obstante, em face da constituição e das leis, não teve vergonha de dar este despacho ridículo a um requerimento que lhes pediu simplesmente o cumprimento de seus deveres officiaes. O Sr. Hollanda Cavalcanti deve saber que não lhe compete nem dar nem negar licença para taes reuniões. Esta licença está consagrada na constituição do império, e a lei ordena ao magistrado que a torne effectiva, garantindo a todos os habitantes do paiz o gozo efetivo d'este direito inalienável do homem. O Sr. Chefe de policia por este seu acto está incurso nas penas do Codigo Criminal, Art. 180. Porque é que o governo, que está processando os bispos desobedientes, não chama a responsabilidade de seus delegados civis, que, ou por ignorancia ou perversidade, desprezam as leis do paiz e dasattendem aos avisos directos e positivos do próprio governo sobre a matéria em questão? Será por praticar e permittir desacatos d'esta ordem que o governo quer attrahir emigrantes para o Brasil?⁹

segundo número o jornal passou a ser impresso pela Tipografia Perseverança. Projeto inicialmente como um semanário, acabou sendo publicado duas vezes por mês. (...) O jornal era subvencionado pela missão norte-americana, sediada em Nova York. Em outubro de 1879 a redação foi transferida para São Paulo e os jovens pastores nacionais passaram a colaborar com artigos assinados. (...) O periódico voltou para o Rio de Janeiro em outubro de 1889 e novamente para São Paulo em maio de 1891, ali encerrando a sua carreira no ano seguinte.” Cf. MATOS, Alderi Souza, A Atividade Literária dos Presbiterianos no Brasil, In, Fides Reformata Vol. XII, número 2 de 2007, p. 45.

⁹ Jornal A Imprensa Evangelica, Intolerancia e Prepotencia Vergonhosa, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1874, p. 3. Resolvi manter a ortografia e as regras gramaticais da época.

Como bem notamos, o fato dos protestantes estarem acobertados pela lei, diante do direito que lhes era dado em relação ao culto que podiam professar, nem sempre essa lei era observada de forma honesta e correta. Diante do relato supracitado os protestantes não estavam reunidos num local que aparentava ser uma igreja, nem tão pouco, a lei dava direito para que houvesse tal procedimento em relação às atitudes de baderna por parte dos católicos, os quais agiram com violência apedrejando o lugar onde os protestantes estavam reunidos. Por sua vez, as autoridades não só foram omissas, mas apoiaram tais atitudes.

1.3. Ashbel Green Simonton o pioneiro do presbiteriano no Brasil

È certo que os registros históricos relatam a chegada do doutor Robert Kalley, quatro anos antes de Ashbel Green Simonton (1833-1867), ou seja, enquanto Kalley chega em 1855, Simonton, por sua vez, só chega em 12 de agosto de 1859. Todavia, Simonton é considerado por alguns como sendo o primeiro missionário no Brasil. O motivo é que o doutor Kalley fez um trabalho independente, isto é, ele não tinha nenhum vínculo com uma junta missionária. Ele não foi enviado por alguma agência missionária com o objetivo de evangelizar no Brasil. Diferentemente, Simonton foi enviado por uma junta missionária, e tinha o objetivo de alcançar os brasileiros.

Isso não significa que o trabalho realizado pelo Dr. Kalley seja menos importante do que o trabalho feito pelos missionários que, de fato, foram enviados por uma junta de missões. Simonton considerava, e muito, o trabalho feito pelo Dr. Kalley. Certa ocasião, ao visitar o Dr. Kalley, Simonton ficou admirado “e se maravilhou com tudo o que o doutor havia alcançado sozinho, sem a ajuda de qualquer sociedade missionária.” (FORSYTH, 2006, p. 162).

“O Brasil foi o sexto país a receber missionários da Junta de Nova York, começando com o pioneiro Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro, então capital do Império, em 1859.” (MATOS, 2004, p. 13)

Na realidade “a implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços das igrejas norte-americanas, que, ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento de pessoal e recursos em muitos pontos do território brasileiro.” (Idem, Ibid, p. 13). Nessa época só existia a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da

América (PCUSA), isto é, a Igreja do Norte. Pois, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS), conhecida como Igreja do Sul, surgiu somente a partir de 1861, sendo a mesma consequência da Guerra Civil que eclodiu nos Estados Unidos (1861-1865).

Os dez primeiros anos do trabalho missionário do presbiterianismo brasileiro foram feitos somente entre os obreiros da Igreja do Norte. Os missionários da Igreja do Sul começaram a chegar a partir de dez anos após a vinda de Simonton, ou seja, a partir de 1869.

Simonton era tão certo do que queria e do seu objetivo no Brasil que, numa das primeiras conversas que teve com o doutor Kalley resolveu registrar, no seu diário, o conteúdo desse encontro:

Tive uma conversa com o Dr. Kalley. Ele acha a missão oportuna, e missionários americanos os mais convenientes para levá-la a efeito porque seu ministro e cônsul poderão dar-lhes proteção, ao passo que os ingleses não o fariam. Insiste em que eu me mova em segredo; julga que seria melhor que as sociedades que mandam missionários para países papistas tivessem fundos operacionais secretos. Acha que é tempo de começar a pregação em português e que já há pessoas prontas a sofrer por Cristo. Quanto a serviços religiosos para os americanos, inclina-se a desaconselhá-los. Não posso concordar com ele neste ponto. Acredito que além de ser útil a eles, posso também adquirir uma posição segura e tê-los como aliados. Minha presença e meus objetivos aqui não podem ficar escondidos; portanto minha esperança está na proteção divina e no uso de todos os meios prudentes de defesa. O futuro não pode ser previsto; portanto, busco a orientação da sabedoria infinita e em tudo me submeto à sua direção. Sinto-me encorajado pelo aspecto das coisas e esperançoso quanto ao futuro. Existem indicações de que um caminho está sendo aberto aqui para o Evangelho. (SIMONTON, 2002. p. 127).

Talvez por causa da recente comemoração do Sesquicentenário da Igreja Presbiteriana do Brasil (1859-2009), Simonton tornou-se um pouco mais conhecido, mas, ainda é pouco o conhecimento que a maioria dos presbiterianos tem a respeito do grande pioneiro do presbiterianismo no Brasil. Quanto a descendência de Simonton, Matos (2004) contribui em informar:

Ashbel Green Simonton nasceu em West Hanover, Condado de Dauphin, na Pensilvânia, no dia 20 de janeiro de 1833, no seio de uma família de origem escocesa-irlandesa. Seu nome foi uma homenagem ao Rev. Ashbel Green (1762-1848), pastor da 2ª Igreja Presbiteriana de Filadélfia, capelão do Congresso americano, presidente do Colégio de Nova Jersey e um dos fundadores do

Seminário de Princeton. O menino era o filho mais novo do Dr. William Simonton, um médico que também abraçou a carreira política, tendo sido eleito duas vezes para o Congresso dos Estados Unidos. A mãe de Ashbel, Martha Davis Snodgrass, era filha do Rev. James Snodgrass, que pastoreou por 58 anos a igreja presbiteriana local. Desde cedo, o menino recebeu as melhores influências morais, intelectuais e espirituais da fé presbiteriana em que foi criado. Com a morte do pai e do avô materno em 1846, a família mudou-se para a cidade de Harrisburg, a capital do estado, onde Ashbel concluiu os estudos secundários. (p. 23).

Simonton formou-se na Academia de Harrisburg (1847) e posteriormente, ingressou no colégio de Nova Jersey, o qual foi fundado pelos presbiterianos, em 1746, e depois se tornou a conceituada Universidade de Princeton. Com dezenove anos terminou os seus estudos, isso em 1852. Dois anos depois, em meados de 1854, Simonton passa por uma “crise” da escolha de uma carreira. Matos (2004) comenta ainda:

Deixando de lado o interesse pelo magistério, optou pelo estudo do Direito, embora reconhecesse algumas dificuldades éticas quanto ao exercício da advocacia. Começou a estudar por conta própria um famoso compêndio do jurista inglês William Blackstone. Em março de 1855, foi alcançado por um reavivamento ocorrido em Harrisburg. Após um período de luta espiritual, fez a sua profissão de fé no dia 6 de maio na Igreja Presbiteriana Inglesa, também conhecida com Igreja Presbiteriana de Market Square (filiada à “Nova Escola”), assumindo os votos feitos por seus pais, que o haviam consagrado ao ministério por ocasião do seu batismo. Três anos depois, em 22 de maio de maio de 1858, Simonton seria um dos membros fundadores da Igreja Presbiteriana de Pine Street, filiada à “Velha Escola”. (p. 24).

Depois de um bom tempo de “conflito” quanto à escolha que deveria fazer Simonton finalmente resolveu ir estudar no Seminário, não tendo ainda em mente, a possibilidade de ser um missionário num país estrangeiro:

Em junho de 1855, Simonton ingressou no Seminário de Princeton, em Nova Jersey, fundado em 1812. Teve como colega o irmão James Snodgrass Simonton, quatro anos mais velho, ao qual se refere muitas vezes em seu Diário. Ainda no primeiro semestre de estudos, um sermão proferido pelo professor de teologia Dr. Charles Hodge (1797-1878) o fez pensar seriamente em dedicar-se à obra missionária no exterior. Em 1856, passou três meses de férias em Iowa, na companhia do irmão Thomas, como colportor da Junta de Publicações. Em virtude de uma entrevista com o Dr. John Leighton Wilson, um dos secretários da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana

(Junta essa criada em 1837), sua atenção voltou-se para Bogotá como seu campo de trabalho. Porém, quando se candidatou formalmente perante a Junta de Missões, em 25 de novembro de 1858, citou o Brasil como o campo de sua preferência. Sua nomeação como missionário ocorreu no dia 6 de dezembro. Tendo sido licenciado pelo Presbitério de Carlisle em 14 de abril de 1858, foi ordenado pelo mesmo presbitério exatamente um ano mais tarde, no dia 14 de abril de 1859, no templo da Igreja Reformada Alemã, em Harrisburg. Seu sermão de prova baseou-se em Atos dos Apóstolos 16:9. À noite, o culto de ordenação, pregou o seu tio materno, Rev. William D. Snodgrass, do presbitério de Hudson, que falou sobre Apocalipse 14:6. Pouco depois, Simonton conheceu o seu futuro cunhado e colega de trabalho Alexander Latimer Blackford. (MATOS, 2004, pp. 24-25).

Um trabalho missionário e acima de tudo pioneiro, nem sempre foi esse o objetivo que Simonton tinha em mente, até porque não tinha essa convicção, mas no seu *Diário* Simonton resolveu registrar o impacto que teve no dia 14 de outubro de 1855, após ouvir o sermão do Dr. Hodge:¹⁰

Hoje ouvi um sermão muito interessante do Dr. Hodge sobre os deveres da igreja na educação. Falou da necessidade absoluta de instruir os pagãos antes de poder esperar qualquer sucesso na propagação do Evangelho e mostrou que qualquer esperança de conversões baseada em uma obra extraordinária do Espírito Santo comunicando a verdade diretamente não é bíblica. Esse sermão teve o efeito de levar-me a pensar seriamente no trabalho missionário no estrangeiro. O pequeno sucesso que aparentemente apresentam as operações missionárias tinha me levado a não pensar em ser missionário, mas vejo que estava enganado. Que os pagãos devem ser convertidos a Deus está claramente revelado nas Escrituras, e estou convencido de que esse dia se aproxima rapidamente. Os que agora trabalham estão preparando o caminho e Deus não deixará que seu trabalho seja em vão. Quem lança os fundamentos receberá galardão igual ao de quem faz o acabamento do edifício. Eu nunca havia considerado seriamente o dever de trabalhar no estrangeiro; sempre parti do princípio de que minha esfera de trabalho seria em nosso país, tão grandioso e que cresce tanto. Pois agora estou convencido de que devo considerar seriamente essa possibilidade: se a maioria prefere ficar, não será meu dever partir? (SIMONTON, 2002, pp. 96-97).

Finalmente, depois da convicção do que queria ser, Simonton viaja e desembarca no Rio de Janeiro no dia 12 de agosto de 1859. Simonton registrou a sua chegada no Brasil:

¹⁰ Charles Hodge (1797-1878), notável teólogo calvinista, professor no Seminário de Princeton desde 1820 até o final da sua vida. Grande expoente da chamada “Teologia de Princeton”.

Sexta-feira, 12 de agosto de 1859, 09h30min da manhã. Estou acordado desde as quatro da manhã observando as manobras para adentrar o porto contra o vento e a maré. É um lugar lindo, o mais singular e impressionante que já mais vi. Nunca teria imaginado tal porto, com beleza sublime, protegido de ventos e ondas, e capaz de defesa contra ataques de mar ou de terra. Está em uma baía rodeada de curiosas ilhas de pedra, altas e sólidas. Algumas parecem ovos flutuando na água com uma das pontas para cima; outras, a outra ponta. Nos topos de algumas, igrejas ou casas de lazer se equilibram. Uma dessas casas parece ninho de ave em cima de uma torre de igreja, a quase 1.100 pés de altura. A entrada do porto tem somente meia milha de largura; de um lado há um arrojado promontório, sobre o qual está a fortaleza de Santa Cruz, com pesados canhões protegendo as muralhas; do outro lado alteia-se o Pão de Açúcar a uma altura de 1.220 pés. Estamos ainda na entrada do porto, mudando de curso a cada minuto, ora na direção do forte, ora chegando a pequena distância do Pão de Açúcar. A água é tão profunda que a única preocupação dos navegantes é não quebrar o mastro horizontal da proa batendo de um ou outro lado. A cidade está a cerca de duas milhas, sobre uma grande extensão de vales e montanhas; brilha ao sol com suas paredes caiadas de branco. Fazendo fundo para essa linda pintura, há uma cadeia de morros altos e montanhas. Desfiz-me de minha roupa de viagem, dando-a ao cabineiro em agradecimento pelos serviços que me prestou durante a jornada. Estou pronto para desembarcar. (Idem, *Ibid*, p. 125).

Após o seu desembarque no Rio de Janeiro, Simonton resolveu, durante o período da tarde cumprir alguns compromissos, ou seja, entregou algumas cartas de apresentação, encontrou-se com o cônsul, e etc. Nos seus relatos expressou certa admiração com a variedade de opções de refeições, bem como achou interessantes alguns hábitos peculiares do Brasil:

Jantei. Sentei-me perto da Sra. Scott, a esposa do cônsul; fiquei conhecendo a Srta. Roberts, que está morando em Botafogo até sua casa nas montanhas ficar pronta. Ela me recebeu com muita cordialidade. Tivemos um jantar excelente: primeiro sopa, depois, o que quisesse; então torta de alguma coisa parecida com batata doce, muito boa; afinal laranjas como nunca havia provado. São muito grandes, pesadas e sólidas e têm sabor delicioso. Existe a mesma diferença entre essas laranjas e as dos Estados Unidos que há entre uma maçã seca e enrugada e outra fresca e succulenta. Havia vinho à mesa e palitos de dentes. Está é uma peculiaridade do Brasil: palitos estão sempre à mesa e são usados por damas e cavalheiros. Por último serviram charutos aos senhores, e o servo apresentou a cada um uma vasilha com brasas de carvão para acendê-los. Estivemos à mesa quase duas horas e nos divertimos muito. (SIMONTON, 2002, p. 126).

No ano em que Simonton chegou ao Brasil alguns fatos curiosos estavam acontecendo no mundo:

Em 1859, foram lançados três livros que redirecionaram muita gente: A origem das espécies, de Charles Darwin, Crítica da política econômica, de Karl Marx, e O que é espiritismo, de Allan Kardec. O planeta tinha um bilhão de habitantes. A população dos Estados Unidos (30 milhões) era três vezes maior que a do Brasil (10 milhões), e a da capital do Império não passava de 250 mil habitantes. Dom Pedro II, o último imperador do Brasil, tinha então 37 anos. (CÉSAR, 2000, p. 86).

O Rev. Simonton era bastante jovem quando chegou ao Brasil, tinha apenas 26 anos. Era solteiro e chegou só. Somente no ano seguinte foi que chegou o seu valioso colaborador, o seu cunhado Rev. Blackford, e posteriormente Schneider, Chamberlain, e outros.

Não foi fácil para o jovem pastor. Distante da sua terra natal, dos seus entes queridos e amigos, não bastassem, Simonton tinha dificuldades com a língua portuguesa. Ele relata no seu Diário (2002) a sua constante luta para aprender a língua portuguesa:

18 de novembro de 1859 _ O que mais me interessa agora é aprender a língua. Começo a reprovar-me por perder tempo, pois este é o meu primeiro dever, e enquanto não completar, não tenho condições de ser útil aqui. Procurei o Sr. Eubank e ofereci-me para dar aulas de inglês a seus filhos a fim de aprender com eles português. Ele falou-me de um cunhado que quer muito aprender inglês e agora estou entrevista com ele. Esta manhã escrevi um recado para o Dr. Pacheco na esperança de que ele possa ajudar-me. Se não tiver sucesso em nenhum desses casos, vou colocar anúncio no jornal. 26 de novembro de 1859 _ Todos os esforços que fiz até agora para aprender o português não tiveram sucesso (...). 2 de dezembro de 1859 _ Finalmente fiz um pequeno progresso para aprender o português mais rapidamente. (pp. 132-133).

Seu trabalho missionário, aqui no Brasil, no início limitou-se aos estrangeiros. Porém, a perseverança do jovem pastor Simonton, fez com que ele progredisse na aprendizagem da língua, até que no dia 22 de abril pôde realizar uma Escola Dominical na sua própria casa. Essa foi uma programação diferente de todas as outras realizadas

antes, pois, Simonton afirma que esse “foi o seu primeiro trabalho em português.” (Idem, Ibid, p. 142).

Finalmente quase um ano após a sua chegada no Brasil, Simonton começou a receber a presença dos seus primeiros e principais cooperadores, ou seja, o seu cunhado Blackford e sua esposa Elizabeth (irmã de Simonton). Não bastassem as inúmeras dificuldades com o idioma, a cultura, e etc., esses pioneiros passavam por várias dificuldades antes mesmo de chegarem até aqui. Por exemplo, a própria viagem, já era um tremendo desafio. No caso particular que serve com modelo para os demais, foi a própria viagem do Blackford e da sua esposa: “Após uma tumultuada e perigosa viagem marítima de três meses, o casal chegou ao Brasil em 25 de julho de 1860, quase um ano após a chegada de Simonton.” (MATOS, 2004, p. 32).

No final de março do ano de 1862 Simonton “tirou férias” e retornou aos Estados Unidos, na realidade desejava visitar a sua mãe que estava doente, mais ao chegar soube que ela já tinha falecido. Neste ínterim conheceu a Jovem Helen Murdoch, com a qual veio a casar-se em 19 de março de 1863. Já de volta ao Brasil agora casado e a esposa grávida, Simonton expressa a sua gratidão a Deus: “Estou outra vez no meu posto, agora casado, e se a esperança não mentir, em breve saberei o que é ser pai. Tenho muitas razões para ser extremamente grato a Deus.” (SIMONTON, 2002, p. 164). Simonton não se esquece de agradecer a Deus pelo seu primeiro aniversário de casamento: “Hoje é o primeiro aniversário de nosso casamento, um dia de amáveis recordações e sentimentos de gratidão. Foi um ano de bênçãos quase sem interrupção.” (Idem, Ibid, p. 164).

Finalmente chega o dia de Helen ter nenê. Nasce uma menina. O nascimento foi complicado. Simonton relata: “Nossa primeira filha acaba de nascer às onze horas, e já se passaram vinte e cinco minutos. Deus seja louvado por sua bondade... A lembrança dos sofrimentos de Helen está ainda muito viva para que pense na criança.” (Idem, Ibid, p. 164). Todavia, as complicações do parto não cessaram e em 28 de junho de 1864, com apenas 30 anos, a jovem Helen Murdoch faleceu, devido às complicações resultantes do seu parto. Da união nasceu uma menina, que veio a ser criada pelo casal Alexander e Elizabeth Blackford (cunhado e irmã de Simonton). Simonton

compartilhou a sua dor e também a sua gratidão a Deus pelo testemunho de Helen antes da sua partida:

28 de junho de 1864 _ Deus tenha piedade de mim agora, pois águas profundas rolaram sobre mim. Helen está estendida em seu caixão na salinha de entrada. Deus a levou tão de repente que ando como quem sonha. 1 de julho de 1864 _ (...) Embora tão inesperado, alegro-me saber que a morte encontrou minha querida esposa preparada. Ela era tímida, insegura, vagarosa em expressar a certeza de estar em Cristo; entretanto, na hora da provação estava calma e em paz. Quando às 3 horas da manhã voltei do médico, ela me perguntou: “Como estou? Não esconda nada de mim.” Contei-lhe meus temores. Disse-me: “Ore por mim”, mas acrescentou logo: “Não, eu orarei por mim mesma.” Muito quieta e calma ela orou mais ou menos com essas palavras: “Senhor Jesus, venho a ti, não que eu tenha algum valor, sinto que não tenho. Tenha piedade de mim e receba-me, Senhor Jesus.” Então orei como pude. Logo depois ela disse: “Acredito que quero ir.” Durante a minha ausência ela disse a Louisa, que chorava: “Louisa, não se preocupe, eu estou pronta.” Bendigo a Deus porque a surpresa desse golpe não me deixou carente de preciosas palavras de consolo e desse testemunho de que seu salvador estava com ela no vale escuro. (SIMONTON, pp. 164-165).

Porém, como bem perceberemos, apesar das inúmeras adversidades que Simonton passou, o pioneiro do presbiterianismo no Brasil continuou firme nos seus objetivos e metas.

1.4. A contribuição de Simonton para o protestantismo de missão

O Rev. Simonton apesar de ter vivido aparentemente tão pouco¹¹, para a história do protestantismo de missão, e acima de tudo para o presbiterianismo brasileiro, o seu trabalho é de valor incalculável. Partiu o jovem Simonton, mas ficou o seu legado. Isto é, a fundação da Primeira Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em 12 de janeiro de

¹¹ O Rev. Simonton faleceu na madrugada do dia 9 de dezembro de 1867, poucas semanas antes de completar 35 anos. O diagnóstico da morte foi “febre biliosa”, conhecida como febre amarela. O falecimento ocorreu na casa do Rev. Blackford (casado com a irmã de Simonton), na Rua Nova de São José, local onde também se reunia a Igreja (Presbiteriana) de São Paulo, sendo o sepultamento realizado no recente Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação. Cf. Matos, Os Pioneiros- Presbiterianos do Brasil (1859-1900), (2004, p. 29).

1862¹²; A criação do Presbitério do Rio de Janeiro, solenemente instalado no dia 16 de dezembro de 1865 na cidade São Paulo, o mesmo era composto de três igrejas. Sendo elas do Rio de Janeiro (1862), São Paulo (1865) e Brotas (1865); A criação do chamado *Seminário Primitivo*¹³, teve início as aulas no dia 14 de maio de 1867 (Simonton foi um dos professores), existiu por apenas três anos, mas formou os primeiros pastores de língua portuguesa; O lançamento do primeiro periódico protestante do Brasil, que foi o jornal a *Imprensa Evangélica*, o qual circulou durante 28 anos.

O Rev. Dr. Alderi Souza de Matos (2000) escreveu um artigo que foi publicado na série colóquios, da editora Mackenzie com o seguinte título: *Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil*, nesse artigo relata a importância do periódico a *Imprensa Evangélica* (Simonton foi o principal redator nos primeiros três anos), diz ele:

O jornal de Simonton era um órgão de propaganda evangélica que visava alcançar, sobretudo as camadas mais cultas da população e teve boa aceitação junto a certos grupos, particularmente liberais, maçons e alguns membros do clero. Seus editoriais e artigos visavam comunicar as principais ênfases da fé evangélica, mostrar os benefícios éticos e sociais do protestantismo e comentar as questões políticas e religiosas mais salientes da época. O periódico também não se furtava à polêmica religiosa, travando vigorosos debates com o jornal católico *O Apóstolo*. (p. 66).

Simonton, como bem pudemos perceber, teve inúmeras dificuldades no seu trabalho missionário aqui no Brasil: a língua portuguesa, a solidão, a perda “precoce” da sua amada esposa, e não bastasse ele mesmo foi acometido de uma grande enfermidade que ceifou a sua “precoce” vida. O professor Matos (2004) relata os últimos momentos de Simonton:

¹² Simonton organizou a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, em companhia do colega recém-chegado Francis J. C. Schneider, ocasião em que foi celebrada pela primeira vez a Ceia do Senhor. Admitiu formalmente à igreja os seus dois primeiros membros, curiosamente estrangeiros: o americano Henry E. Milford, agente da companhia Singer de máquinas de costura, e o português Camilo Cardoso de Jesus. Cf. MATOS, Alderi S., *Os Pioneiros*, 2004, p. 26.

¹³ Além de Simonton e seu colega Schneider quem também foi professor foi o pastor luterano Carlos Wagner. Apesar de tão pouco tempo de funcionamento essa instituição formou quatro notáveis pastores nacionais: Antônio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrello Barros de Carvalhosa e Antônio Pedro de Cerqueira Leite. Cf. MATOS, Alderi S., *Os Pioneiros*, 2004, p. 29.

Em 27 de novembro de 1867, Simonton chegou pela última vez em São Paulo. Um dos motivos da visita era ver a filha Helen, que estava sendo criada por sua tia, Elizabeth S. Blackford. Outra razão é que o missionário achava-se enfermo do fígado e esperava que a viagem e o clima salubre da capital paulista trouxessem melhoras à saúde. Ele frequentemente queixava-se em seu Diário das altas temperaturas do Rio de Janeiro e das constantes epidemias. A chegada a São Paulo não trouxe o alívio desejado: acometido de uma febre violenta, seu estado agravou-se nos dias seguintes. Um artigo para a Imprensa Evangélica que começara a escrever logo que chegou, não pôde ser concluído. Apesar dos bons cuidados médicos que recebeu e da assistência dos familiares, o Rev. Simonton veio a falecer na madrugada do dia 9 de dezembro de 1867, poucas semanas antes de completar 35 anos. O diagnóstico da causa da morte foi “febre biliosa”. O falecimento ocorreu na casa do Rev. Blackford, na Rua Nova de São José, local onde também se reunia a Igreja de São Paulo, sendo o sepultamento realizado no recente Cemitério dos Protestantes, no bairro da Consolação. O cônsul americano, James Monroe, redigiu um documento exaltando as qualidades do patricio falecido e expressando o pesar da comunidade norte-americana. O próprio jornal católico O Apóstolo, que manteve constante controvérsia com a Imprensa Evangélica, manifestou o seu sentimento (pp. 29-30).

Após aproximadamente um ano e meio do falecimento do Rev. Simonton, o seu cunhado Blackford que foi seu grande companheiro e amigo, reuniu e organizou alguns sermões (2008) que Simonton pregou no Rio de Janeiro nos anos de 1864 a 1867. No prefácio Blackford compartilha algumas informações sobre Simonton:

(...) era incansável no desempenho dos seus deveres. Em muitas ocasiões pregou quatro vezes por semana, escrevendo quase todos os discursos; além disso, visitava assiduamente os membros e as famílias da congregação. Era homem simpático, caritativo e sempre acessível a todos. Nada parecia dar-lhe maior prazer do que trabalhar em benefício dos outros (...) os artigos que partiram da sua pena são notáveis pela habilidade da didática e pelo alcance das suas idéias, tanto como pela força e clareza de expressão. Seus discursos são caracterizados pelas mesmas qualidades. Como pregador tinha poucos rivais (...). Valente sempre pelas verdades que defendia, nem por isso deixava de ser benigno e tolerante para com os que discordavam de suas opiniões (...). Por sua vida irrepreensível, por seu exemplo nobre e magnânimo, e por seus escritos, ele continua pregar o evangelho, que com tanto entusiasmo folgava de anunciar enquanto vivo. (pp. 12-13)

Apesar de ter feito tanto em tão pouco tempo, a impressão que temos é que Simonton considerava ter feito muito pouco para o Senhor. No seu *Diário* (1852-1866), nos seus últimos relatos (São Paulo, 31 de dezembro de 1866), ele escreveu:

Fazendo um retrospecto de minha própria vida durante o ano que agora se encerra, tenho de condenar-me. Posso indicar algum trabalho que foi da melhor maneira que pude; mas será que progredir na direção do céu? É aqui que me sinto em falta. Não posso ir além da prece do publicano: “Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” Será sempre assim comigo? A própria pressão e atividade da vida exterior têm empanado a minha comunhão com Aquele para quem esses serviços são feitos. Quantas vezes minhas devoções são formais e apressadas, ou perturbadas por pensamentos de planos para o dia! E pecados muitas vezes confessados e lamentados têm mantido seu poder sobre mim. Quem me dera um batismo de fogo que consumisse minhas escórias; quem me dera um coração totalmente de Cristo. (2002, p. 174).

1.5. As fases do presbiterianismo no Brasil¹⁴

Assim como normalmente acontece, os acontecimentos históricos são sempre classificados em períodos ou fases, isso considerando as diferenças e as ênfases dadas em cada período, bem como a forma didática para entender melhor cada fase. Com a história do presbiterianismo brasileiro não é diferente. Encontramos algumas periodizações ou fases como queiram chamar, porém, classicamente resolvemos relatar o que geralmente é ensinado nos meios presbiterianos.

1. Implantação (1859-1869)

O surgimento do presbiterianismo no Brasil resultou do pioneirismo e desprendimento do Rev. Ashbel Green Simonton (1833-1867). Nascido em West Hanover, na Pensilvânia, Simonton estudou no Colégio de Nova Jersey e inicialmente pensou em ser professor ou advogado. Influenciado por um reavivamento em 1855, fez a sua profissão de fé e, pouco depois, ingressou no Seminário de Princeton. Um sermão

¹⁴ Estes períodos da IPB geralmente são encontrados nos artigos de autoria do Rev. Alderi Souza Matos. Exemplo disso é que, no próprio site da Universidade Mackenzie, encontramos uma Síntese Histórica da Igreja Presbiteriana do Brasil.

pregado por seu professor, o famoso teólogo Charles Hodge, levou-o a considerar o trabalho missionário no estrangeiro. Três anos depois, candidatou-se perante a Junta de Missões da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, citando o Brasil como campo de sua preferência. Dois meses após a sua ordenação, embarcou para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859, aos 26 anos de idade.

Em abril de 1860, Simonton dirigiu o seu primeiro culto em português. Em janeiro de 1862, recebeu os primeiros conversos, sendo fundada a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro. No breve período em que viveu no Brasil, Simonton, auxiliado por alguns colegas, fundou o primeiro periódico evangélico do país (Imprensa Evangélica, 1864), criou o Presbitério do Rio de Janeiro (1865) e organizou um seminário (1867). O Rev. Ashbel Simonton morreu vitimado pela febre amarela aos 34 anos, em 1867 (sua esposa, Helen Murdoch, havia falecido três anos antes).

Os principais colaboradores de Simonton naquele período foram seu cunhado Alexander L. Blackford, que em 1865 organizou as Igrejas de São Paulo e Brotas; Francis J. C. Schneider, que trabalhou entre os imigrantes alemães em Rio Claro, lecionou no seminário do Rio e foi missionário na Bahia; e George W. Chamberlain, grande evangelista e operoso pastor da Igreja de São Paulo. Os quatro únicos estudantes do "seminário primitivo" foram eficientes pastores: Antonio Bandeira Trajano, Miguel Gonçalves Torres, Modesto Perestrelo Barros de Carvalhosa e Antonio Pedro de Cerqueira Leite.

Outras poucas igrejas organizadas no primeiro decênio foram as de Lorena, Borda da Mata (Pouso Alegre) e Sorocaba. O homem que mais contribuiu para a criação dessas e outras igrejas foi o notável Rev. José Manoel da Conceição (1822-1873), um ex-sacerdote católico romano, que se tornou o primeiro brasileiro a ser ordenado ministro do evangelho (1865). Conceição visitou incansavelmente dezenas de vilas e cidades no interior de São Paulo, Vale do Paraíba e sul de Minas, pregando o evangelho da graça.

2. Consolidação (1869- 1888)

Simonton e seus companheiros eram todos da Igreja Presbiteriana do norte dos Estados Unidos (PCUSA). Em 1869 chegaram os primeiros missionários da igreja do sul (PCUS): George Nash Morton e Edward Lane. Eles fixaram-se em Campinas, região onde residiam muitas famílias norte-americanas que vieram para o Brasil após a Guerra

Civil em seu país (1861-1865). Em 1870, Morton e Lane fundaram a igreja de Campinas e, em 1873, o famoso, porém efêmero, Colégio Internacional. Os missionários da PCUS evangelizaram a região da Mogiana, o oeste de Minas, o Triângulo Mineiro e o sul de Goiás. O pioneiro em várias dessas regiões foi o incansável Rev. John Boyle, falecido em 1892.

Os obreiros da PCUS foram também os pioneiros presbiterianos no nordeste e norte do Brasil (de Alagoas até a Amazônia). Os principais foram John Rockwell Smith, fundador da igreja do Recife (1878); DeLacey Wardlaw, pioneiro em Fortaleza; e o Dr. George W. Butler, o "médico amado" de Pernambuco. O mais conhecido dentre os primeiros pastores brasileiros do nordeste foi o Rev. Belmiro de Araújo César, patriarca de uma grande família presbiteriana.

Enquanto isso, os missionários da Igreja do norte dos Estados Unidos, auxiliados por novos colegas, davam continuidade ao seu trabalho. Seus principais campos eram Bahia e Sergipe, onde atuou, além de Schneider e Blackford, o Rev. John Benjamin Kolb; Rio de Janeiro, que inaugurou seu templo em 1874, e Nova Friburgo, onde trabalhou o Rev. John M. Kyle; Paraná, cujos pioneiros foram Robert Lenington e George A. Landes; e especialmente São Paulo. Na capital paulista, o casal Chamberlain fundou em 1870 a Escola Americana, que mais tarde veio a ser o Mackenzie College, dirigido pelo educador Horace Manley Lane. No interior da província, destacou-se o Rev. João Fernandes Dagama, português da Ilha da Madeira. No Rio Grande do Sul, trabalhou por algum tempo o Rev. Emanuel Vanorden, um judeu holandês.

Entre os novos pastores "nacionais" desse período estavam Eduardo Carlos Pereira, José Zacarias de Miranda, Manuel Antônio de Menezes, Delfino dos Anjos Teixeira, João Ribeiro de Carvalho Braga e Caetano Nogueira Júnior. As duas igrejas norte-americanas também enviaram ao Brasil algumas notáveis missionárias educadoras como Mary Parker Dascomb, Elmira Kuhl, Nannie Henderson e Charlotte Kemper.

3. Dissensão (1888-1903)

Em setembro de 1888 foi organizado o Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, que se tornou assim autônoma, desligando-se das igrejas-mães norte-americanas. O Sínodo compunha-se de três presbitérios (Rio de Janeiro, Campinas-Oeste de Minas e Pernambuco) e tinha vinte missionários, doze pastores nacionais e cerca de sessenta igrejas. O primeiro moderador foi o veterano Rev. Blackford. O Sínodo criou o

Seminário Presbiteriano, elegeu seus dois primeiros professores e dividiu o Presbitério de Campinas e Oeste de Minas em dois: São Paulo e Minas.

Nesse período, a denominação expandiu-se grandemente, com muitos novos missionários, pastores brasileiros e igrejas locais. O seminário começou a funcionar em Nova Friburgo, no final de 1892, e no início de 1895 transferiu-se para São Paulo, tendo à frente o Rev. John Rockwell Smith. O Mackenzie College ou Colégio Protestante foi criado em 1891, sendo seu primeiro presidente o Dr. Horace Manley Lane. Por causa da febre amarela, o Colégio Internacional foi transferido de Campinas para Lavras, e mais tarde veio a chamar-se Instituto Gammon, numa homenagem ao seu grande líder, o Rev. Samuel R. Gammon (1865-1928).

A primeira escola evangélica do nordeste foi o Colégio Americano de Natal (1895), fundado por Katherine H. Porter, esposa do Rev. William C. Porter. Na mesma época, a cidade de Garanhuns começou a tornar-se um grande centro da obra presbiteriana. Além do trabalho evangelístico, foram lançadas as bases de duas importantes instituições educacionais: o Colégio Quinze de Novembro e o Seminário do Norte, hoje sediado em Recife. No final desse período, além de estar presente em todos os estados do nordeste, a Igreja Presbiteriana chegou ao Pará e ao Amazonas.

No sul, foi iniciada a obra presbiteriana em Santa Catarina (São Francisco do Sul e Florianópolis). A igreja também iniciou a sua marcha vitoriosa no leste de Minas. O primeiro obreiro a residir em Alto Jequitibá foi o Rev. Matatias Gomes dos Santos (1901). As igrejas de São Paulo e do Rio de Janeiro passaram a ser pastoreadas por dois grandes líderes, respectivamente Eduardo Carlos Pereira (1888) e Álvaro Emídio G. dos Reis (1897).

Infelizmente, os progressos desse período foram em parte ofuscados por uma grave crise que se abateu sobre a vida da igreja. Inicialmente, surgiu uma diferença de prioridades entre o Sínodo e a Junta de Missões de Nova York. O Sínodo queria apoio para a obra evangelística e para instalar o Seminário, ao passo que a Junta preferia dar ênfase à obra educacional, principalmente por meio do Mackenzie College. Paralelamente, surgiram desentendimentos entre o pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, Rev. Eduardo Carlos Pereira, e os líderes do Mackenzie, Horace M. Lane e William A. Waddell.

Com o passar do tempo, o Rev. Eduardo C. Pereira passou a tornar-se mais radical em suas posições, perdendo o apoio até mesmo de muitos dos seus colegas

brasileiros. Como uma alternativa ao jornal do Rev. Eduardo, O Estandarte, o Rev. Álvaro Reis criou O Puritano em 1899. Em 1900 foi organizada a Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo, que resultou da fusão de duas igrejas formadas por pessoas que haviam saído da igreja do Rev. Eduardo. Na mesma época, um novo problema veio complicar ainda mais a situação: o debate acerca da maçonaria.

Em março de 1902, Eduardo C. Pereira e seus partidários começaram a divulgar a sua Plataforma, com cinco tópicos sobre as questões missionária, educativa e maçônica. Após pouco mais de um ano de debates acalorados, a crise chegou ao seu lamentável desfecho, em 31 de julho de 1903, durante a reunião do Sínodo. Após serem derrotados em suas propostas, Eduardo Carlos Pereira e seus colegas desligaram-se do Sínodo e formaram a Igreja Presbiteriana Independente.

4. Reconstituição (1903-1917)

No início de agosto de 1903, os independentes organizaram o seu presbitério, com quinze presbíteros e sete pastores (Eduardo C. Pereira, Caetano Nogueira Jr., Bento Ferraz, Ernesto Luiz de Oliveira, Otoniel Mota, Alfredo Borges Teixeira e Vicente Themudo Lessa). Seguiu-se um triste período de divisões de comunidades, luta pela posse de propriedades, litígios judiciais. Uma pastoral do Presbitério Independente chegou a vedar aos sinodais a Ceia do Senhor. O período mais conflitivo estendeu-se até 1906. Nessa época, o Sínodo contava com 77 igrejas e cerca de 6500 membros; em 1907, os independentes tinham 56 igrejas e 4200 comungantes.

O prédio do seminário, no bairro Higienópolis, foi ocupado sem solenidade em setembro de 1899. Os principais professores eram os Revs. John R. Smith e Erasmo Braga (este a partir de 1901); o membro mais destacado da diretoria era o Rev. Álvaro Reis. Em fevereiro de 1907, o seminário foi transferido para Campinas, ocupando a antiga propriedade do Colégio Internacional. A primeira turma de Campinas só se formou em 1912. Entre os formandos estavam Tancredo Costa, Herculano de Gouvêa Jr., Miguel Rizzo Jr. e Paschoal Luiz Pitta. Mais tarde viriam Guilherme Kerr, Jorge T. Goulart, Galdino Moreira e José Carlos Nogueira.

A obra presbiteriana crescia em muitos lugares. A primeira cidade atingida no leste de Minas foi Alto Jequitibá (Manhuaçu) e, no Espírito Santo, São José do Calçado. Os primeiros pastores daqueles campos foram Matatias Gomes dos Santos, Aníbal Nora, Constâncio Omero Omegna e Samuel Barbosa. No Vale do Ribeira, o dinâmico

evangelista Willes Roberto Banks continuava em atividade. A família Vassão daria grandes contribuições à igreja.

Em 1907, o Sínodo dividiu-se em dois (Norte e Sul) e em 1910 foi organizada a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil. O moderador do último sínodo e instalador da Assembléia Geral foi o veterano Modesto Carvalhosa, ordenado 40 anos antes. A Assembléia Geral foi instalada na Igreja do Rio de Janeiro e o Rev. Álvaro Reis foi eleito seu primeiro moderador. Os conciliares visitaram a Ilha de Villegagnon para lembrar os mártires calvinistas e comemorar o quarto centenário do nascimento de Calvino. Na época, a Igreja Presbiteriana do Brasil tinha 10 mil membros comungantes, outro tanto de menores e cerca de 150 igrejas em sete presbitérios. As demais denominações tinham os seguintes números metodistas: 6 mil membros; independentes: 5 mil; batistas: 5 mil; e episcopais: cerca de mil. Em 1911, a IPB enviou a Portugal seu primeiro missionário, Rev. João da Mota Sobrinho, que lá permaneceu até 1922.

Os missionários americanos continuavam em plena atividade. Devido a divergências quanto ao lugar da educação na obra missionária, a Missão Sul da PCUS dividiu-se em duas: Missão Leste (Lavras) e Missão Oeste (Campinas). O Rev. William Waddell fundou uma influente escola em Ponte Nova, Bahia. Pierce, um filho de Chamberlain, trabalhou na Bahia de 1899 a 1909. A obra presbiteriana no Mato Grosso começou nesse período: os pioneiros foram os missionários Franklin Graham (1913) e Filipe Landes (1915).

Em 1917, foi aprovado o *Modus Operandi*, um acordo entre a igreja brasileira e as missões norte-americanas, pelo qual os missionários desligaram-se dos concílios da IPB, separando-se os campos nacionais (presbitérios) dos campos das missões. Em 1924, a Assembléia Geral reuniu-se pela primeira vez sem qualquer missionário como delegado de presbitério.

5. Cooperação (1917-1932)

O maior líder presbiteriano desse período foi o Rev. Erasmo de Carvalho Braga (1877-1932), professor do Seminário e secretário da Assembléia Geral. Em 1916, participou com dois colegas do Congresso de Ação Cristã na América Latina, no Panamá. Poucos anos depois, tornou-se o dinâmico secretário da Comissão Brasileira de Cooperação, entidade que liderou um grande esforço cooperativo entre as igrejas

evangélicas do Brasil na década de 1920. As principais áreas de cooperação foram literatura, educação cristã e educação teológica. Foi fundado no Rio de Janeiro o Seminário Unido, que existiu até 1932.

Outros esforços cooperativos desse período foram: (1) Instituto José Manoel da Conceição, fundado pelo Rev. William A. Waddell na cidade de Jandira, na Grande São Paulo (1928); objetivava preparar os jovens que depois seguiriam para o seminário. (2) Associação Evangélica de Catequese dos Índios (1928), depois Missão Evangélica Caiuá: idealizada pelo Rev. Albert S. Maxwell e instalada em Dourados, Mato Grosso, num esforço cooperativo das igrejas presbiteriana, independente, metodista e episcopal. O Seminário de Campinas correu o risco de ser extinto por causa do Seminário Unido, mas finalmente superou a crise. Em 1921, o Seminário do Norte foi transferido para o Recife. As principais instituições educacionais das missões eram o Colégio Agnes Erskine, em Recife; Colégio 15 de Novembro (Garanhuns); Escola de Ponte Nova (Bahia); Colégio 2 de Julho (Salvador); Instituto Gammon (Lavras); Instituto Cristão (Castro) e principalmente o Mackenzie College. Os principais periódicos presbiterianos eram O Puritano e o Norte Evangélico.

Em 1924, a Assembléia Geral encerrou o trabalho missionário em Lisboa. No mesmo ano, Erasmo Braga e alguns amigos fundaram a Sociedade Missionária Brasileira de Evangelização em Portugal, que enviou àquele país o Rev. Paschoal Luiz Pitta e sua esposa Odete. O casal ali esteve por quinze anos (1925-1940), regressando ao Brasil devido à constante falta de recursos.

Em 1921, morreu o Rev. Antonio Bandeira Trajano. Com ele desapareceu a primeira geração de obreiros presbiterianos no Brasil, os da década de 1860. Outros obreiros falecidos nesse período foram: Eduardo Carlos Pereira (1923), Álvaro Reis (1925), Carlota Kemper (1927), Samuel Gammon (1928) e Erasmo Braga (1932). Além do seu trabalho na área religiosa, vários dos pioneiros presbiterianos deram valiosa contribuição de ordem intelectual e literária. Alguns autores e os livros que os celebrizaram são os seguintes: Modesto Carvalhosa (Escrituração Mercantil), Antonio Trajano (Álgebra Elementar), Eduardo C. Pereira (Gramática Expositiva), Otoniel Motta (O Meu Idioma) e Erasmo Braga (Série Braga).

6. Organização (1932 - 1952)

Nas décadas de 1930 a 1950, a IPB continuou a crescer e a aperfeiçoar a sua estrutura, criando entidades voltadas para o trabalho feminino, mocidade, missões nacionais e estrangeiras, literatura e ação social. O período terminou com a comemoração do centenário do presbiterianismo no Brasil.

Nessa época, a igreja era constituída dos seguintes sínodos: (1) Setentrional: estendia-se de Alagoas até a Amazônia, estando o maior número de igrejas no Estado de Pernambuco; (2) Bahia-Sergipe: criado em 1950, quando o Presbitério Bahia-Sergipe, antigo campo da Missão Central, dividiu-se nos presbitérios de Salvador, Campo Formoso e Itabuna; (3) Minas-Espírito Santo: surgiu em 1946, abrangendo o leste de Minas e o Espírito Santo, a região de maior crescimento da igreja; (4) Central: formado em 1928, incluía o Estado do Rio de Janeiro, bem como o sul e o oeste de Minas Gerais; (5) Meridional: sínodo histórico (1910-47) abrangia São Paulo, Paraná e Santa Catarina; (6) Oeste do Brasil: foi formado em 1947, abrangendo todo o norte e oeste de São Paulo. No final da década de 50, foram entregues pelas missões os Presbitérios do Triângulo Mineiro, Goiás e Cuiabá.

Nesse período, as missões norte-americanas continuaram o seu trabalho: (1) PCUS: (a) Missão Norte: atuou no nordeste, onde o principal obreiro foi o Rev. William Calvin Porter (†1939); o campo mais importante era o de Garanhuns, onde estavam o Colégio 15 de Novembro e o jornal Norte Evangélico; (b) Missão Leste: atuou no oeste de Minas e depois em Dourados, Mato Grosso, cuja igreja foi organizada em 1951. (c) Missão Oeste: concentrou-se mais no Triângulo Mineiro, onde o casal Edward e Mary Lane fundou em 1933 o Instituto Bíblico de Patrocínio. (2) PCUSA: (a) Missão Central: seus principais campos eram Ponte Nova/Itacira, a bacia do Rio São Francisco, o sul da Bahia e o norte de Minas.; (b) Missão Sul: atuou no Paraná e Santa Catarina, fundindo-se com a Missão Central por volta de 1937. O Rev. Filipe Landes foi grande evangelista no Mato Grosso (norte e sul). Em Rio Verde, Goiás, atuou o Rev. Dr. Donald Gordon, que fundou um importante hospital.

Trabalho feminino: as primeiras sociedades de senhoras surgiram em 1884-85 e as primeiras federações, na década de 1920. Os primeiros secretários gerais do trabalho feminino foram o Rev. Jorge T. Goulart e as sras. Genoveva Marchant, Blanche Lício, Cecília Siqueira e Nady Werner. O primeiro congresso nacional reuniu-se na I. P.

Riachuelo, no Rio de Janeiro, em 1941; o segundo congresso realizou-se também no Rio em 1954. A SAF em Revista foi criada em 1954.

7. Mocidade:

Algumas entidades precursoras foram a Associação Cristã de Moços (Myron Clark), o Esforço Cristão (Clara Hough) e a União Cristã de Estudantes do Brasil (Eduardo P. Magalhães). Benjamim Moraes Filho foi o primeiro secretário do trabalho da mocidade, em 1938. O primeiro congresso nacional reuniu-se em Jacarepaguá em 1946, quando foi criada a confederação. Entre os líderes da época estavam Francisco Alves, Jorge César Mota, Paulo César, Waldo César, Tércio Emerique, Gutemberg de Campos, Paulo Rizzo e Billy Gammon.

Missões Nacionais: em 1940 foi organizada na I. P. Unida a Junta Mista de Missões Nacionais, com representantes da IPB e das missões norte-americanas. Entre os primeiros líderes estavam Coriolano de Assunção, Guilherme Kerr, Filipe Landes, Eduardo Lane, José Carlos Nogueira e Wilson N. Lício. Até 1958, a Junta ocupou quinze regiões em todo o Brasil, com cerca de 150 locais de pregação. Em 1950 foi criada a Missão Presbiteriana da Amazônia.

Missão em Portugal: os primeiros obreiros foram João da Mota Sobrinho (1911-1922) e Paschoal Luiz Pitta (1925-1940). Em 1944 a IPB assumiu o trabalho e foi criada a Junta de Missões Estrangeiras, com o apoio das igrejas norte-americanas. Os primeiros missionários foram Natanael Emerique, Aureliano Lino Pires, Natanael Beuttenmuller e Teófilo Carnier.

Outras organizações: (a) Casa Editora: começou a ser organizada em 1945, no início da Campanha do Centenário, sob a liderança do Rev. Boanerges Ribeiro. A primeira sede foi instalada em dependências cedidas pela I. P. Unida, na Rua Helvétia. (b) Orfanatos: em 1910, a Assembléia Geral planejou um orfanato para Lavras; em 1919, passou a funcionar em Valença, e em 1929 veio a ocupar uma propriedade da I. P. de Copacabana em Jacarepaguá. O orfanato foi denominado Instituto Álvaro Reis. (c) Conselho Interpresbiteriano (CIP): foi criado em 1955 para superintender as relações da IPB com as missões e as juntas missionárias dos Estados Unidos. Tinha mais autoridade que o *modus operandi* de 1917.

Outras igrejas: (a) Igreja Presbiteriana Independente: em 1957, foi criado o Supremo Concílio, com três sínodos, dez presbitérios, 189 igrejas, 105 pastores e cerca

de 30 mil membros comungantes; O Estandarte continuou a ser o jornal oficial. No final dos anos 30 houve um conflito teológico. Em 1942, um grupo de intelectuais liberais (entre os quais o Rev. Eduardo P. Magalhães) retirou-se da IPI e formou a Igreja Cristã de São Paulo. (b) Igreja Presbiteriana Conservadora: foi fundada em 1940 pelos membros da Liga Conservadora da IPI. Em 1957, contava com mais de vinte igrejas em quatro estados e tinha um seminário. Seu órgão oficial é O Presbiteriano Conservador. (c) Igreja Presbiteriana Fundamentalista: foi fundada em 1956 pelo Rev. Israel Gueiros, pastor da 1.^a I. P. de Recife e ligado ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs (do líder fundamentalista norte-americano Carl McIntire).

Neste período, a IPB participou de vários movimentos cooperativos: Associação Evangélica Beneficente (fundada por Otoniel Mota em 1928), Associação Cristã de Beneficência Ebenézer (dirigida pelo Dr. Benjamin Hunnicutt), Missão Evangélica Caiuá, Instituto José Manoel da Conceição, Confederação Evangélica do Brasil (fundada em 1934), Sociedade Bíblica do Brasil, Centro Áudio-Visual Evangélico (CAVE, fundado em 1951) e Universidade Mackenzie, que seria transferida à IPB no início dos anos 60.

Constituição da IPB: em 1924, foram aprovadas pequenas modificações no antigo Livro de Ordem adotado quando da criação do Sínodo, em 1888. Em 1937, entrou em vigor a nova Constituição da Igreja (os independentes haviam aprovado a sua três anos antes), sendo criado o Supremo Concílio. Houve protestos do norte contra alguns pontos: diaconato para ambos os sexos, “confirmação” em vez de “profissão de fé” e o nome “Igreja Cristã Presbiteriana.” Em 1950, foi promulgada uma nova Constituição e no ano seguinte o Código de Disciplina e os Princípios de Liturgia. Estatística: em 1957, a IPB contava com seis sínodos, 41 presbitérios, 489 igrejas, 883 congregações, 369 ministros, 127 candidatos ao ministério, 89.741 membros comungantes e 71.650 não-comungantes. Os primeiros presidentes do Supremo Concílio foram os Revs. Guilherme Kerr, José Carlos Nogueira, Natanael Cortez, Benjamim Moraes Filho e José Borges dos Santos Júnior.

A Campanha do Centenário foi lançada em 1946, tendo como objetivos: avivamento espiritual, expansão numérica, consolidação das instituições da igreja, afirmação da fé reformada e homenagem aos pioneiros. A Comissão Central do Centenário, organizada em 1948, enfrentou muitas dificuldades. Após 1950, a campanha ganhou ímpeto. A Comissão Unida do Centenário (IPB, IPI e Igreja

Reformada Húngara) planejou uma grande campanha evangelística com a participação de Edwyn Orr e William Dunlap, que se estendeu por todo o país em 1952. Outras medidas foram a criação do Museu Presbiteriano, do Seminário do Centenário e do jornal Brasil Presbiteriano, resultante da fusão de O Puritano e Norte Evangélico (1958). A 18.^a Assembléia da Aliança Presbiteriana Mundial reuniu-se em São Paulo de 27 de julho a 6 de agosto de 1959. O lema do centenário foi: “Um ano de gratidão por um século de bênçãos.”

Nas últimas décadas a IPB continuou a crescer e a diversificar as suas atividades. O ambiente político e teológico tornou-se mais conciliador, num ambiente de crescente pluralismo, mas ainda persistem tensões latentes. A igreja sofre o impacto dos novos movimentos que tem afetado o protestantismo brasileiro, especialmente nas áreas litúrgica e doutrinária. O neopentecostalismo tem exercido fascínio sobre muitos pastores e comunidades. No aspecto positivo, destacam-se a maior preocupação com a educação teológica, a criação de vínculos com igrejas reformadas ao redor do mundo, o investimento em missões transculturais, o notável crescimento na área de publicações e a utilização dos meios de comunicação de massa, como a televisão e a Internet.

Considerando que nesse primeiro capítulo, pudemos ver um breve relato histórico do protestantismo e, como ele chegou até o Brasil, ou seja, os meios utilizados e as contribuições para a sua ramificação em Terra *Brasilis*, desejamos, com o próximo capítulo fazer um resumo das várias nuances do pentecostalismo, onde nos deteremos mais especificamente com o pentecostalismo denominado de Clássico, isto é, o que chegou ao Brasil no início do século XX.

CAPÍTULO II

II. UM RETROSPECTO DO(S) PENTECOSTALISMO(S) E O SEU RESULTADO EM SOLO BRASILEIRO: “A IRMÃ CELINA COMEÇOU A FALAR EM NOVAS LÍNGUAS. A PRIMEIRA OPERAÇÃO DE BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO FEITA PELO SENHOR JESUS EM TERRAS BRASILEIRAS”

É certo que o nosso trabalho objetiva infatizar o pentecostalismo que chegou ao Brasil no início do século XX, e as reações, sobretudo adivindas da IPB, pois, é isso o que nos interessa mais especificamente. Todavia, pretendemos, mesmo que de forma resumida, relatar alguns líderes e grupos que se destacaram na história da Igreja através de diversos movimentos entusiásticos. Como bem sabemos, nenhum acontecimento é fruto do acaso, ou seja, há sempre, por trás de qualquer acontecimento histórico, elementos que fizeram parte do passado que contribuem para o desenvolvimento de um acontecimento presente. Em relação à história do pentecostalismo presente, não é diferente, pois também encontramos algumas raízes em movimentos existentes no passado. Vejamos alguns movimentos que, durante a história da igreja, foram precursores, ainda que remotos, do pentecostalismo do século XX.

2.1. Nuanças de um pré-pentecostalismo: uma breve caminhada de Montano ao Irvinismo.

Durante o período da Igreja Primitiva surgiu um movimento que ficou conhecido como *Montanista* ou *Montanismo*¹⁵. Esse movimento surgiu a partir de um desejo de retonar o entusiasmo e o avivamento da Igreja Primitiva. Iniciou-se com Montano Teodoreto, natural da Frigia, na Ásia Menor, em meados do século II.

No seu batismo, Montano começou a falar em línguas estranhas e a profetizar, proclamando-se o escolhido para dar início à “Dispensação do Espírito Santo”, declarando-

¹⁵ Cf. ELWELL, Walter (editor), Enciclopédia Histórico - Teológica da Igreja, V. II, 1992, pp. 551-552.

se o *Paracleto*¹⁶ prometido. Os adeptos desse movimento anunciavam a iminente volta de Cristo, e alguns abandonavam suas próprias famílias por causa do carisma que o líder tinha. Alguns cristãos notáveis, como Tertuliano, o teólogo e pai da igreja, aderiram a esse movimento.¹⁷

Esse acontecimento é lembrado constantemente, como a fonte de todos os movimentos entusiastas ou pneumáticos na história da igreja cristã. Os montanistas desejavam uma igreja como a do primeiro século, sob a direção e governo direto do Espírito Santo. Diziam que as autoridades da igreja atrapalhavam a atuação do Espírito Santo e se opunham ao poder sempre crescente que se desenvolvia no ministério. A sua crença a respeito da direção imediata do Espírito levou-os a uma estranha e fanática emissão de sons e palavras. Na realidade, o que Montano queria era resolver os problemas de comodismo na igreja e a dependência da igreja da liderança humana quando deveria depender do Espírito Santo. Esta tentativa de combater o formalismo e a organização humana levou-o a reafirmar as doutrinas do Espírito Santo e da segunda vinda de Cristo, no desenvolvimento da sua doutrina peculiar acerca da inspiração. Eis um resumo das ideias defendidas pelos seguidores de Montano:

1. O último período da revelação e o dia dos dons espirituais chegaram.
2. O reconhecimento do Paracleto, que era Montano.
3. Aceitavam a Bíblia como regra de fé.
4. Eram monarquianos em termos da doutrina da Trindade, mais devido à falta de cultura teológica de Montano do que de heresia propriamente dita.
5. A proximidade do fim do mundo é enfatizada.
6. As exigências morais são severas.
7. Sua doutrina do Espírito Santo tinha muita coisa em comum com os pentecostais modernos.
8. Uma das coisas que os caracterizava era o êxtase.
9. Criam que Cristo poderia voltar a qualquer momento, ocasião em que começaria o milênio.

¹⁶ Paráclito ou Paracleto do grego koiné (παράκλητος – paráklētos); e do latim (paracletus) significa “aquele que consola ou conforta; aquele que encoraja e reanima; aquele que revive; aquele que intercede em nosso favor como um defensor numa corte”. No cristianismo, o termo é utilizado para se referir ao Espírito Santo, ou seja, a terceira pessoa da Trindade.

¹⁷ Cf. LATOURETTE, Kenneth Scott, *História do Cristianismo*, 1976, pp. 172-173.

Como bem podemos perceber, desde o início da história da igreja cristã, um grupo já se apresentou como opção carismática, mostrando ideias e comportamentos semelhantes do que vemos hoje, no meio do pentecostalismo moderno.

Durante os períodos da Idade Média, ou até mesmo da Reforma Protestante do século XVI, encontramos, também, algumas manifestações que podemos classificá-las como carismáticas. Todavia é bom lembrar-mos que, do quinto século até a Reforma, as manifestações carismáticas, que tinham sido proeminentes no cristianismo antigo, foram praticamente extinguidas, encontrando-se poucas referências a elas. A igreja ia se tornando muito institucionalizada, o que impedia o surgimento e sobrevivência dos movimentos entusiastas. Mas, ainda assim, podemos citar alguns movimentos que podem ser classificados como carismáticos, nessa época da história. Eis alguns exemplos:

*Os Cátaros*¹⁸, foi um movimento do século XII, é também conhecido como albigense. A palavra cátaro se refere ao modo como se viam (em grego significa “*puros*”) e albigense vem da cidade onde tinham seu centro principal, Albi, no sul da França, alcançando também o norte da Itália e a Espanha. Os cátaros aumentaram de número com o insucesso das cruzadas, principalmente da Segunda Cruzada, eles representavam um grande perigo para a Igreja Católica. Eram dualistas, criam na existência eterna do bem e do mal: que a matéria era boa e o espírito mau. Usavam a Bíblia para defender suas posições, embora não cresseem nela totalmente; não aceitavam a hierarquia e as ordens católicas por considerá-las corruptas; tinham duas classes de adeptos, sendo que uma dessas classes tinha que ser celibatária e asceta, não podendo também ter propriedades. Não tinham templos e seus cultos eram realizados no vernáculo.

Interessante que muitos procedimentos desse grupo, são vistos, hoje, através de práticas pentecostais modernas. Walker identifica isso, ao mencionar as práticas litúrgicas dos Cátaros:

Não aceitavam a cruz. (...) O culto dos cátaros era simples. Eram lidas as Escrituras, especialmente o Evangelho de S. João, por ser o mais espiritual de todos. Havia sermão. Depois os “crentes” ajoelhavam e adoravam o “perfeito” como alguém que tinha em si habitando o Espírito divino. (p. 323).

¹⁸ Cf. W. Walker, História da Igreja Cristã, 2006, p. 349.

Os Cátaros consideravam-se, homens superiores aos demais por serem mais justos e íntegros e terem enfrentado com coragem as perseguições. Devemos notar, neste caso, que as virtudes que diziam ter, eram atribuídas à presença especial do Espírito Santo neles.

Outro grupo oriundo da Reforma do século XVI, e que é bastante lembrado pelos estudiosos do pentecostalismo, são os *Anabatistas*¹⁹. Os primeiros líderes anabatistas eram de Zurique, no tempo da Reforma de Zwinglio, e por quererem reformas mais radicais e discordarem do batismo infantil eles se afastaram da mesma e começaram a orar em casas particulares. Exigiam, do convertido, santidade quase que absoluta e eram contra o uso da força em termos de lutas religiosas. Eles foram perseguidos pelo governo desta e de outras cidades, mas se expandiram. Principalmente na Alemanha houve exageros com pessoas dizendo-se ser profetas. Outros tantos eram extremamente místicos, e houve também certo apocalipticismo, ou seja, enxergarem o cumprimento de profecias apontando para a volta imediata de Jesus em seu tempo. Alguns de seus líderes eram místicos, crendo mais numa voz interior do que nas Escrituras. Muirhead (1963) lembra bem que, eles se tornaram vítimas fáceis de extravagância e baseados num conhecimento muito pequeno das Escrituras proféticas "prognosticavam que a era da expansão do reino de Deus" havia chegado e que "o poder pentecostal desceria sobre a igreja." Chegaram a marcar a data da volta de Cristo para 1533, e a afirmar que Estrasburgo seria a Nova Jerusalém. (p. 223).

Foi na chamada revolução de Munster que as características dos anabatistas se tornaram bastante claras. Nesta cidade eles tomaram o poder, proclamando-a a nova Jerusalém, em lugar de Estrasburgo; expulsaram os que não aceitaram as novas ordens, tornaram obrigatória a comunhão de bens e instituíram a poligamia. Foram duramente derrotados e os chefes que não morreram nas batalhas foram executados. Percebemos, portanto, nesse grupo dos anabatistas várias características carsimáticas, tais como uma ênfase maior em setimentos e indicações interiores do que na Palavra, profecias e uma ética bastante conservadora, que seriam encontradas mais tarde nos pentecostais e carismáticos protestantes e católicos.

¹⁹ O nome "anabatistas" que quer dizer "rebatizadores", foi na realidade um movimento "dissidente da Reforma, que surgiu na Suíça (1523) e no sul da Alemanha, contra o Luteranismo, rejeitando principalmente, a autoridade do Estado sobre a Igreja, o batismo de crianças e outras doutrinas luteranas. São considerados os precursores dos Batistas e dos Menonitas" (KUYPER, 2004, p.39).

Após o período denominado de Pós-Reforma, nos deparamos com alguns movimentos que também são tidos, por alguns estudiosos, como precursores mais próximos do pentecostalismo moderno. Vejamos alguns deles:

Os Camisardos que eram um grupo de aldeões franceses, liderados por um homem chamado Jean Cavalier, filho adolescente de um barbeiro, que, entre 1702 e 1710, combateram o Catolicismo romano por causa da revogação do Editto de Nantes.²⁰ Esta revogação acabou com a liberdade de culto, baniu os pregadores e anulou os casamentos de protestantes. Depois de grandemente perseguidos pelos católicos os protestantes se organizaram em bandos e atacavam seus inimigos disfarçados com roupas brancas, de onde vem o nome Camisardos (Cf. MUIRHEAD, 1949, pp.105-107). Champlim (1991)²¹ ainda lembra que eles cometiam excessos, tais como: profecias extáticas, audição de vozes, realização de prodígios, luzes especiais vistas no firmamento e muito misticismo. Causaram muitos problemas para os protestantes (p. 617).

Como bem podemos perceber, mais uma vez, o movimento pentecostal moderno, mesmo que, não seja algo relativamente antigo (pouco mais de um século), muitas práticas adotadas pelos seus adeptos podem ser vistas há muitos séculos.

Outro grupo interessante são os *Quakers/Quacres*²². Esse por sua vez, começou pela agência de George Fox (1624-1691), em 1652. Durante uns cinco anos, Fox viajou pela Inglaterra difundindo a sua mensagem. Ele recebeu grande apoio do juiz Fell, que embora nunca tenha aderido ao movimento, lhe deu guarida em sua propriedade de Swarthmore Hall, por causa de sua esposa Margareth, que seguiu as ideias de Fox.

A insatisfação com a religião oficial e o ressentimento contra as autoridades eclesiásticas provocou uma prontidão para escutar a pregação de Fox de que havia só uma autoridade - a do próprio Cristo - e que esta autoridade seria conhecida diretamente no coração humano. Além deste aspecto, a “explosão quaker” também foi facilitada pelo já bem estabelecido costume de escutar pregadores visitantes.

²⁰ Esse Édito foi decretado por Henrique IV, em 1598, o mesmo dava liberdade de consciência, porém, estabelecia limites para os protestantes. Ele foi revogado em 1685 resultando em muitas perseguições aos Huguenotes (Calvinistas Franceses).

²¹ Cf. CHAMPLIM, R. N., e BENTES, J. M., Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia, V. II.

²² Cf. ELWELL, Walter (editor), Enciclopédia Histórico – Teológica da Igreja Cristã, V. III, pp. 215-216.

É bom lembrar que, em muitos lugares o regime puritano considerou todos os quakers como hereges perigosos. Algumas leis rígidas e severas foram ordenadas contra eles e alguns sofreram prisão, seguida de banimento e, mais tarde, até de execução.

O centro da mensagem dos quakers era a “Luz Interna” que mais deveria ser chamada de a “Luz Interna de Cristo”, porque uma parte básica da mensagem era que “Cristo tinha vindo ensinar os que eram dele”. As pessoas escutaram porque era uma mensagem de esperança. Ninguém teria mais que olhar o sacerdote, a Igreja, ou qualquer outro como a autoridade final. A autoridade e a “Verdade” seriam achadas pelo indivíduo através do conhecimento direto do Espírito de Cristo.

Isto causou oposição porque a autoridade dos sacerdotes ou ministros das igrejas foi ameaçada. Os quakers, que estavam rejeitando a autoridade e o dogma de qualquer “estabelecimento”, religioso ou secular, foram acusados de anarquia e heresia e, em muitos casos, o crime de blasfêmia foi acrescentado à acusação. As acusações mais comuns eram “comportamento desordenado”, “quebra da paz” e “desacato à autoridade do tribunal”. Houve casos de prisão, várias sentenças de punição por açoites, mas, na Inglaterra, não houve nenhum caso de execução como aconteceu na América. Em 1689 foi publicado o *Ato de Tolerância*²³, o qual muito diminuiu a pressão sobre os dissidentes, inclusive os quakers.

As principais ideias de George Fox podem ser assim resumidas: um ser humano pode ter comunhão direta com Deus, sem a intervenção de outro ser humano (ministro), uma instituição (a igreja), ou um livro (a Bíblia). Pessoas ordinárias podem se assentar juntas em qualquer lugar em adoração silenciosa, sem clero, liturgia ou sacramentos, pois, toda a vida é sagrada. Ali elas podem sentir uma “presença” e podem escutar a voz de Deus na sua própria vida. Elas são investigadoras de Verdade, que está baseada na experiência direta. Cada um tem Deus dentro de si o espírito interior de Cristo, a Luz interior - que os une a Deus e um ao outro. Sexo, raça, religião, persuasão política, todas estas coisas ficam sem importância.

Lembrando que, a ideia de ouvir a voz de Deus, ou sentir ainda a sua presença em qualquer lugar de reunião, seja através de um culto de oração, ou até mesmo de doutrina, mesmo que de posse da Bíblia, por exemplo, as experiências pessoais são geralmente normativas na vida dos carismáticos no passado, bem como na dos pentecostais atuais. Sem

²³ O Ato de Tolerância reconheceu os direitos dos presbiterianos, congregacionalistas, batistas e quakers adorarem livremente. Cf. SHELLY, Bruce L., História do Cristianismo, p. 342.

falar também que, a ética extremamente conservadora deste grupo, se parece, e muito, com a de algumas igrejas pentecostais do presente século.

Os shakers (Cf. NICHOLS, 1966) é outro segmento carismático bastante relembrado, pois, essa é uma das poucas histórias de sucesso de proliferação de comunidades milenaristas fundadas nos séculos XVIII e XIX na Europa e nas colônias inglesas na América do Norte, depois chamadas de Estados Unidos. No meio do século XIX, antes da guerra civil, surgiram aproximadamente 120 comunidades deste tipo.

Esse grupo teve origem no século XVIII, na Inglaterra, onde, sob a liderança dos quakers Jane e James Wardley, entusiastas começaram a encontrar-se para expressar contrição por causa de seus pecados. Eles separaram-se de uma comunidade em Manchester, Inglaterra, porque James Wardley, seu pregador, tinha absorvido os ensinamentos dos profetas milenaristas franceses. Esta comunidade começou a evoluir ao redor de 1746. As suas manifestações cúlticas fizeram com que ganhassem o rótulo de “quakers tremedores”. Eles choravam por causa das advertências da iminente segunda vinda de Cristo e prediziam catástrofes cósmicas que logo cairiam sobre os maus. Foram vistos como radicais por causa da sua suposta comunicação com os espíritos de mortos e dos tremores que aconteciam em seus cultos, e foram grandemente perseguidos. Em 1770, um de seus membros, Ann Lee (1736-1784), nascida em Manchester, na Inglaterra, recebeu uma revelação de que toda a depravação humana estava arraigada no ato sexual. Este era o pecado de Adão e a causa do pecado original. “Mãe Ann”, como foi chamada, era esposa de um homem negro e mãe de quatro filhos que morreram na infância. A revelação recebida por ela fez do celibato uma marca do movimento dos quakers. Muito fervorosa, “Mãe Ann”, teve uma revelação, durante uma longa prisão, de que ela era a Segunda Vinda de Cristo, o componente feminino vital de Deus o Pai-mãe. “Mãe Ann” se tornou a líder oficial do grupo em 1772, considerado o ano de fundação do movimento que adotou o nome de Shakers ou a Sociedade Unida de Crentes.

Tais visões aumentaram a perseguição dos shakers, e um grupo pequeno, composto do irmão de Ann, uma sobrinha, o marido e cinco outros, seguiram a visão de Mãe Ann de ter um santuário no Novo Mundo, em Nova York, em maio de 1774. Em 1779, Joseph Meacham e os seus seguidores uniram-se aos shakers.

Entretanto, eles continuaram a crescer mesmo depois da morte de “Mãe Ann”, em 1784, agora sob a liderança de Joseph Meacham, que assumiu o controle com a morte de

“John Whittaker”, em 1787. Meacham organizou as comunidades e criou, na cidade de New Lebanon, Nova York, um ministério através do qual conseguiu a liderança espiritual e comercial do movimento. Este projeto se tornaria a fonte de rendimentos que sustentaria os shakers, e uma forma de recrutamento e publicidade por causa de sua mobília simples e funcional, a música, a dança e a publicação de livros que se tornaram populares na cultura secular. Em meados do século XIX, eles chegaram ao auge de membros e popularidade, tornando-se um tipo de atração turística para os estranhos. As convicções doutrinárias mais conhecidas dos shakers eram a ênfase no celibato e a simplicidade na vida diária.

Experiências extáticas e sinais divinos eram considerados pelos shakers como uma parte vital da relação com Deus. Eles acreditaram que o novo milênio havia começado em 1747. Foi o comportamento que deu aos shakers esse nome. As suas casas de culto eram espaços abertos com um altar no meio, de forma que as muitas experiências de êxtase e danças, inicialmente espontâneas, e posteriormente, feitas com muitos rituais, poderiam ser executadas durante os cultos de adoração. Tal comportamento insólito foi desaprovado por outras denominações cristãs e foi responsável, em grande parte, pela reputação de radicais que os shakers tiveram. Eles foram frequentemente mal interpretados e houve perseguição pela imprensa e pela religião popular. Isto os levou ao crescente isolacionismo e eles se retiraram completamente do mundo, em 1965. Esta mesma exclusividade seria a chave final da sua extinção como um movimento religioso. Compostos originalmente de operários em grande parte analfabetos, os Shakers não confiavam em doutrinas e preferiam experiências religiosas pessoais. Eles tiravam orientação da Bíblia e usavam os escritos pessoais de Ann Lee (conhecidos como a Sabedoria da Mãe). Outros líderes espirituais gostavam mais dos escritos de Joseph Meacham, a série de livros chamada “Testemunhos”, e outros diários e livros que testemunham sobre a experiência pessoal dos shakers. A sociedade teve seu ponto alto entre 1830 e 1840, quando havia seis mil shakers em dezenove comunidades. Sobre o uso do dom de línguas entre eles. Thomas Brown, autor de *“An Account of the People Called Shakers”* (Um relato do povo chamado shakers), citado por Nichol (1966), registra o seguinte:

A respeito do falar em línguas estranhas, eles possuíam grande fé neste dom e pensavam que uma pessoa que tinha este dom era grandemente favorecida. Em certo tempo, quando a mente se encontrava muito carregada por causa das provações e sofrimentos, e quando a pessoa era tomada por um grande e ardente zelo, então acontecia um ardente quebrantamento, dando energia e proporcionando línguas desconhecidas, assim como acontecera no período bíblico. (p.19).

Muitas das características dos shakers, tais como o falar em línguas, a ênfase no êxtase e a própria dança, surgiram, depois, em igrejas pentecostais e neopentecostais. Isso pode ser visto hoje, sem muito esforço.

O historiador Walker (2006) lembra bem outro movimento que poderíamos citar é o *Pietismo*. É certo que há quem ache um tanto distante do moderno movimento pentecostal surgido no início do século XX. O pietismo foi um movimento dentro da igreja evangélica que teve características parecidas com as do pentecostalismo moderno, como a ênfase na piedade pessoal e na experiência, colocadas acima da doutrina e do ritualismo. Esse movimento nasceu na Alemanha que lutou contra a tendência extremamente escolástica do luteranismo, a qual levava, embora nem sempre, a uma crença em dogmas sem a expressão piedosa de vida. Seus grandes líderes foram Filipe Jacó Spener (1635-1705), que escreveu o famoso livro *Pia Desideria* (1675), e Augustus Hermam Franke (1663-1727). O movimento enfatizava a piedade pessoal, o trabalho leigo e a primazia do sentimento na vida cristã. Tinham como método o estudo das Escrituras em pequenos grupos. Os historiadores discernem quatro características gerais no movimento:

1. Seu caráter experiencial - os pietistas eram pessoas em cujo coração o viver cristão era sua preocupação fundamental.
2. Seu enfoque bíblico - os pietistas eram, parafraseando João Wesley, “o povo de um só Livro”, que tiravam seus padrões e seus alvos das páginas das Escrituras.
3. Sua inclinação perfeccionista - os pietistas eram sérios com relação ao viver santo e se esforçavam, ao máximo, para seguir a lei de Deus, divulgar o evangelho e ajudar os necessitados.
4. Seu interesse reformador - os pietistas usualmente se opunham àquilo que consideravam fria e esterilidade nas formas e práticas estabelecidas nas igrejas (pp. 190-202).

Qualidades espirituais como temor a Deus, santidade e devoção, eram enfatizadas em lugar do ritualismo e das formalidades do culto. As ênfases do pietismo recaíam sobre as experiências religiosas, incluindo o misticismo, em vez dos ritos, sacramentos e religiosidade.

Com sua ênfase na experiência e outras ideias, os pietistas exerceram grande influência em John Wesley, de quem os pentecostais e carismáticos aproveitaram muitas idéias.

Outro fato significativo de nota, tratando-se da questão pentecostal, são os *Avivamentos Americanos*. Donald (1987), citando Scofield, diz que “a maior influência dos avivamentos sobre o pentecostalismo moderno foi a grande ênfase na teologia do Espírito Santo, ajudando a criar conceitos e termos que são importantes no entendimento da teologia pentecostal hodierna.” (p. 79). Brunner (1983) afirma que “a grande contribuição dos avivamentos foi a compreensão sobre a maneira de apropriar-se da salvação e expressar a fé.” (p. 30).

Schalkwijk (1997), escrevendo sobre o primeiro avivamento nos Estados Unidos, chamado de “O Grande Despertamento”, fala que muitos passavam dos limites e tinham vocabulário exagerado. Quanto à doutrina, acrescenta que havia desvios teológicos tais como o fato de que “se alguém não sentia o sopro do Espírito Santo como um vento verdadeiro, seria um crente carnal.” (p. 61). Isto, sem dúvida, está de acordo com o pensamento pentecostal e carismático atualmente.

Jonathan Edwards (1703-1758) foi um pastor puritano da Nova Inglaterra e um dos promotores do grande avivamento em seu país. Ele foi pastor congregacional na cidade de Northampton, Massachusetts, onde, nos anos de 1734 e 1735, surgiu um grande avivamento. Houve, durante suas pregações, das quais a mais célebre é *Pecadores nas Mãos de um Deus Irado*, muitas manifestações físicas tais como desmaios e clamores. (WALKER, 2006, pp. 219-220).

Matos (1998) nos ajuda a entender um pouco o contexto de Edwards, bem como alguns dos seus objetivos:

Sendo um líder solidamente firmado na tradição puritana, com sua ênfase na experiência espiritual, e não somente no conhecimento intelectual das verdades da fé, Edwards recebeu com alegria a eclosão do avivamento em sua própria igreja e posteriormente em escala mais ampla, não só na Nova Inglaterra mas em outras partes das colônias americanas. Os pregadores do Grande Despertamento não puseram de lado a ênfase puritana nas doutrinas, mas apelaram fortemente às emoções.(...) Alguns deram ênfase excessiva às manifestações físicas associadas com os sentimentos religiosos. As pessoas tocadas por um sermão poderiam desmaiar, gritar, contorcer-se, cantar e ter outros tipos de reações físicas. (pp. 72 e 87).

Matos (1998) continua relatando algumas dificuldades enfrentadas por Edwards :

Como o avivamento estava trazendo grandes discussões, Jonathan Edwards defrontou-se com a difícil tarefa de defender o avivamento dos ataques dos críticos e ao mesmo tempo apontar os desvios e falsas concepções acerca da vida espiritual que o movimento podia gerar. Suas excepcionais qualificações intelectuais e espirituais contribuíram para fazer dele o notável intérprete do Grande Despertamento. Nas suas primeiras análises do tema, *Fiel Narrativa da Surpreendente Obra de Deus* (1736), *Marcas Distintivas de uma Obra do Espírito de Deus* (1741) e *Alguns Pensamentos Acerca do Presente Reavivamento da Religião na Nova Inglaterra* (1742), ele não só descreve com detalhes os acontecimentos verificados na sua igreja e na região, mas preocupa-se em responder às acusações de que o reavivamento limitava-se a emoções, superficialidade e desordem. Ele admitiu que o emocionalismo podia prejudicar o cristianismo autêntico, mas também defendeu o avivamento apontando para o culto mais intenso e para as vidas permanentemente transformadas. (pp. 72-73).

Matos (1998) continua dizendo que, Edwards, em sua última obra, defende fenômenos experimentados por sua esposa enquanto ele estava ausente em uma de suas viagens. Em entrevista com a esposa, ele se convenceu da validade dessas experiências em razão de mudanças de comportamento e convicções experimentadas por ela. (pp. 72-73).

Aproximadamente sessenta anos após este avivamento nas colônias americanas, ocorreu outro avivamento, que chegou ao ápice em 1850. Em virtude dos problemas ocorridos como resultado do primeiro avivamento, muitas denominações não o viram com bons olhos e o limitaram bastante.

Charles G. Finney (1792-1875), foi um dos grandes nomes ligados à história desse avivamento. Ele foi um dos mais bem sucedidos pregadores daquele tempo. Suas experiências foram as mais espantosas, e seu ministério foi longo, pois se converteu aos 29 anos e faleceu aos 83. Sobre seus métodos de trabalho, assim escreveu Walker (2006):

Mesmo sem preparo teológico foi ordenado pastor presbiteriano mas rompeu com os métodos padronizados, atitude que ficou conhecida como novos meios. Esses meios - horas impróprias para os ofícios, reuniões prolongadas, uso de linguagem acre e coloquial, indicação de nomes na oração e sermões, reuniões de exame, bancos dos ansiosos - de fato não eram realmente novos. Foi o uso destes meios num método empregado para dar resultado que os fez novos. Apesar da oposição (...)

seus métodos já testados logo passaram a ser amplamente aceitos. (pp. 270-271).

Durante seu ministério, pregou nos Estados Unidos e Inglaterra mensagens sobre o Batismo do Espírito Santo e como experimentá-lo. Ele cria que o reavivamento pode ser produzido se algumas regras forem cumpridas. Na descrição de sua própria conversão, “Finney enfatiza a experiência sobre todas as coisas e seus métodos eram extremamente individuais e apelavam grandemente para a emoção,” (EDMAN, 1980, p. 32).

Bruner (1983) resume o trabalho de Finney afirmando que ele colocou a teologia de Wesley dentro de um método e a trouxe para dentro das igrejas. (p. 31). Ele foi muito influente, tendo escrito um tratado de teologia e se tornado professor desta matéria embora fosse advogado.

Embora Edwards e Finney tenham sido completamente diferentes um do outro, o primeiro enfatizando a soberania de Deus em distribuir seus dons, e o segundo a obrigação do homem de buscá-lo através de uma metodologia bem delineada e específica, ambos foram muito importantes. Edwards escreveu explicando a ação do Espírito Santo e Finney criou vários métodos que ainda hoje, são usados nas igrejas evangélicas em geral, mas, principalmente, entre os pentecostais e carismáticos, protestantes e católicos.

Interessante notarmos que, geralmente, os movimentos pentecostais, quase sempre surgem dentro de um contexto de busca divina para uma necessidade de declínio espiritual. Exemplo disso é que, na Inglaterra, a igreja, no início do século XIX, estava em declínio, e o sentimento popular era o de que a única esperança para fazer a igreja voltar a ter vida era uma intensa intervenção divina. E é dentro desse contexto que aparece o que passou a ser chamado de *Irvinismo*.

Matos (1992) relembra que, esse movimento, assim como tantos outros, passa a ser conhecido e denominado a partir do seu líder. No caso do Irvinismo, o personagem mais importante foi o Edward Irving (1792-1834), líder religioso escocês, natural de Annan, educado na Universidade de Edimburgo, falecido prematuramente aos 42 anos de idade, um ministro da Igreja da Escócia (Presbiteriana), foi uma das mais célebres e controvertidas

personalidades religiosas do século XIX. Edward Irving estudou filosofia e teologia, tendo sido convidado pelo Rev. Thomas Chalmers (1780-1847) para ajudá-lo em Glasgow. Chalmers, provavelmente o maior líder evangélico escocês em todo o século XIX, ouvira Irving pregar e ficara impressionado com as suas qualidades. (p. 6), Em outubro de 1819 Irving passou a ser seu assistente. Em 1822 assumiu o pastorado da igreja de Regent Square, em Londres, cuja assistência cresceu tanto a ponto de construírem um novo prédio.

Sobre as primeiras experiências dele com o que chamamos hoje fenômenos pentecostais, Matos (1992) informa que elas começaram em 1825, quando Irving e alguns amigos começaram a estudar escatologia e a buscar um derramamento do Espírito (p. 7). Segundo o mesmo articulista:

(...) no início de 1830 haviam ocorrido manifestações carismáticas na Escócia e, no final de 1831, surgiram ocorrências de línguas e profecias nos cultos de Regent Square. Irving, crendo serem tais manifestações a operação dos dons do Espírito Santo, recusou-se a proibi-las. Em março de 1832, o Conselho que antes o apoiara denunciou-o perante o presbitério por transgredir a norma de que somente pessoas ordenadas ou nomeadas pela Igreja da Escócia podiam dirigir o culto público. Poucas semanas mais tarde Irving viu-se afastado do pastorado de Regent Square. O grupo que o acompanhou, mais de 600 pessoas, eventualmente deu origem a uma nova denominação, a Igreja Católica Apostólica, que não foi fundada por Irving, embora certamente tenha recebido a sua influência. (p. 7).

Matos (1992) continua informando que Irving dava muita ênfase à obra do Espírito Santo na vida e ministério de Jesus, afirmando que:

O Filho não realizou milagres nem pregou o evangelho do reino graças à sua divindade intrínseca, mas através do poder do Espírito Santo que lhe foi conferido pelo Pai no seu batismo. E, o que Cristo desfrutou, cria ele, foi prometido a toda a igreja. Esta perspectiva, aliada à sua firme convicção pré-milenista no tocante à iminente volta de Cristo, o levou a esperar o derramamento do Espírito Santo como a única maneira de repelir a maré de impiedade que inundava a sociedade da sua época e de fazer a última colheita de almas antes do retomo do Filho do homem. (p. 9).

De novo vemos, e agora em um período muito próximo ao nascimento do pentecostalismo brasileiro, fenômenos tais como profecias e línguas estranhas, bem como reuniões de oração para buscar o Espírito Santo e, neste caso, como em outros já citados, como os montanistas e shakers, vemos também os problemas e escândalos produzidos, bem como a rejeição da igreja. Isto vai acontecer também com o pentecostalismo brasileiro.

Outro grupo digno de menção é o *Metodismo*. Esse por sua vez, é fruto da teologia de João Wesley (1703-1791), que enfatizava a doutrina do “perfeito amor”. É certo que, de imediato, o mesmo não teve grande impulso durante a Guerra Civil americana, mas depois influenciou grandemente o cenário evangélico da América.

Vejamos como Bruner (1983) comprova o que falamos anteriormente sobre o fato de que a grande influência de movimentos anteriores a Wesley, sobre o pentecostalismo, está ligada diretamente à influência que tiveram sobre ele:

(...) os vários movimentos pneumáticos dos períodos primitivo, medieval, da Reforma, e da pós-reforma, por mais interessantes e realmente importantes que cada um deles seja, podem ser chamados apropriados e frutíferos para o entendimento do pentecostalismo contemporâneo à medida que influenciaram João Wesley (1703-91) e o metodismo (...), pois o metodismo do século XVIII é a mãe do movimento norte-americano de santidade do século XIX que, por sua vez, deu à luz o pentecostalismo do século XX.. (p. 29).

Dayton (1987) faz uma relação das doutrinas do metodismo, e tenta comprovar como elas, estão próximas das doutrinas vistas no meio do pentecostalismo moderno:

1. Wesley via-se como um restaurador da velha religião, como o fazem os pentecostais.
2. Ele dava muita importância à sua experiência religiosa de 1738, o que os pentecostais também fazem.
3. A doutrina da “certeza” ou “inspiração perceptível” se parece muito com a do “batismo do Espírito Santo”. Embora ele insistisse para não separarem “testemunho do Espírito Santo” do “fruto do Espírito Santo”, não era isso o que acontecia, na prática.
4. Embora Wesley não tenha sido claro em seus escritos acerca dos dons espirituais,

parece que ele atribuía a sua ausência na igreja à frieza espiritual que adentrara a igreja depois de Constantino.

5. A última dívida é a questão das dispensações, que foi muito enfatizada por John William Fletcher (1729-1785), um discípulo de Wesley. (pp. 40-53).

Os dois movimentos se assemelham no atribuir valor especial à santificação instantânea e experimentada subsequentemente ao novo nascimento. Wesley passou esse ensino ao movimento de santidade e o pentecostalismo o transformou numa crise e na experiência consciente do batismo no Espírito Santo após à conversão. Segundo argumenta Bruner (1983):

(...) antes de Wesley talvez não tenha havido nenhuma doutrina, tão plenamente desenvolvida de uma nítida segunda obra da graça, mas desde Wesley quase todos aqueles que aceitaram esta doutrina têm sido, conscientemente ou não, filhos de Wesley, e o maior deles, e hoje o mais destacado, é o pentecostalismo. (p. 31).

É necessário lembramos, ainda, o que ficou sendo conhecido como *Movimento de Santidade*, lembrando que, no século XIX, a Igreja Metodista cresceu tremendamente nos Estados Unidos e muito influenciou aquele país e os movimentos subsequentes. Na década de 1830, foi iniciada uma cruzada de santidade que enfatizava a perfeição cristã. Dayton (1987) lembra que, depois dela, surgiram vários líderes importantes que escreveram livros e lançaram jornais que davam ênfase a essa doutrina. Pregavam que o ser humano é um “agente moral” com “vontade livre” e que a perfeição do caráter é uma bênção instantânea e “a segunda obra da graça”. (pp. 63-65).

Esse movimento cresceu tão rapidamente que, pelo início de 1880, já contava com mais de um milhão e meio de membros. No final do século XIX o movimento de santidade (Holiness), teve largo crescimento, levando os adeptos a formarem a Igreja Holiness.

O movimento enfatizava uma experiência pós-conversão, ou seja, a ideia de se ter um segundo batismo ou algo semelhante. Há quem afirme ter sido dentro deste movimento que

nasceu o Pentecostalismo. Dentre as várias doutrinas desse movimento, o pentecostalismo aderiu totalmente à ideia da “segunda bênção”.

Bruner (1983) ainda lembra que a grande influência do movimento de santidade sobre o pentecostalismo moderno centra-se no fato de que havia uma crescente busca espiritual, através da experiência e, especialmente, uma experiência subsequente à conversão, e a crença de que isso poderia ser alcançado de modo instantâneo. Sendo esta experiência da máxima importância, para ser alcançada requeria a satisfação de certas condições prévias além da conversão ou da fé justificadora. (p. 30).

Bruner (1983) insiste que “esses radicais professavam o dom de línguas como sendo a evidência de que alguém havia sido batizado no Espírito, doutrina esta que acabou se tomando o cerne da convicção pentecostal.” Talvez não haja necessidade de afirmar a proximidade deste movimento com os pentecostais na atualidade.

2.2. Surgimento e tensões criados pelo pentecostalismo Norte-Americano: Parham, Seymour e Durham.

Em 2006, o movimento pentecostal internacional completou seu primeiro centenário, é certo que, estritamente falando, o movimento norte americano teve o seu início em 1901. Porém, é com o célebre Avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, em 1906, que o movimento ganha o mundo com a propagação das suas idéias levadas pelos discípulos desse movimento. Entre os países alcançados, o Brasil representa, hoje, o maior número de pentecostais no meio dos evangélicos. É certo que, diante de tantas manifestações carismáticas que já mencionamos, possa ser que alguém queira, de fato, saber qual o marco zero do pentecostalismo, ou seja, onde, de fato, ele nasceu. Matos (2006) em artigo que trata do centenário da Rua Azusa, mostra que essa resposta pode ser encontrada de várias formas, isto é, vai depender da visão do estudioso. Diz ele:

Os estudiosos têm adotado diferentes abordagens na busca de compreender a gênese do pentecostalismo. Em um artigo recente, Leonildo Silveira Campos privilegia o enfoque sociológico, destacando como as peculiaridades culturais e as transformações sociais e econômicas dos Estados Unidos no século 19 contribuíram

para a ocorrência do fenômeno.²⁴ Outros autores têm dado maior ênfase às matrizes teológicas do movimento, acentuando que, apesar de toda a sua especificidade, o pentecostalismo é fruto de desdobramentos doutrinários ocorridos durante quase um século no cenário protestante norte-americano.²⁵

Entre o final do século XIX e início do XX, nos deparamos com nomes e movimentos que são de grande importância no cenário do pentecostalismo norte americano e, a partir deles, inúmeros países foram alcançados pela doutrina pentecostal. Entre um dos pioneiros do pentecostalismo nesse momento está um pregador metodista chamado Charles Fox Parham (1873-1929). Conhecido também como “o pai do reavivamento pentecostal do século XX.” Ele chegou a criar um instituto bíblico na cidade de Topeka, Estado do Kansas, na região central dos Estados Unidos. Ensinava que o falar em línguas desconhecidas ou estrangeiras (glossolalia) – devia acompanhar o batismo no Espírito Santo tão popular nos círculos *holiness*.

O professor Leonildo S. Campos (2005) escrevendo a respeito de Parham diz que:

Parham foi, durante alguns anos, pastor metodista, embora em sua juventude tenha tentado estudar medicina antes de optar pelas atividades religiosas. Todavia, a sua inserção nessa denominação religiosa durou apenas cinco anos e ele abandonou a Igreja Metodista por causa de sua crença pessoal na cura divina. Depois dessa experiência, Parham nunca mais retornaria aos esquemas denominacionais, dedicando-se até o final de sua vida às atividades missionárias, usando para isso tendas de lona e visitando muitas regiões dos EUA. É possível que a crença de Parham na cura divina tenha se consolidado devido a diversas moléstias que atribularam a sua vida, das quais ele teria sido curado graças a uma intervenção divina. Entretanto, a cura não foi completa, tendo Parham ficado com algumas seqüelas, por exemplo, um aleijão em uma das pernas. (p.109).

É certo, como vimos que, já haviam ocorrido algumas manifestações do falar em línguas, anteriormente, nos Estados Unidos, assim como em outros períodos da história da igreja. Porém, “a novidade na teologia de Parham é que ele foi o primeiro a considerar o *falar em línguas* como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Foi

²⁴ Cf. CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouca avaliada. *Revista USP*, n° 67 (set.-nov. 2005), pp. 100-115.

²⁵ Ver ainda DAYTON, Donald W. *Theological roots of Pentecostalism*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson, 1991 (1987).

essa característica que se tornou a marca distintiva do movimento pentecostal.” (MATOS, 2006, p.30).

Parham, como se não bastasse, resolveu não só buscar o Batismo com o Espírito Santo, mas também, através dos seus inúmeros investimentos, fez vários discípulos.

Exemplo é que, segundo Matos (2006):

No dia 31 de dezembro de 1900, Parham e seus alunos realizaram um culto de vigília em seu instituto bíblico para aguardar a chegada do novo século. Uma evangelista de 30 anos, Agnes Ozman, pediu que lhe impusessem as mãos para que ela recebesse o Espírito Santo a fim de ser missionária no exterior. Ela falou em línguas, fenômeno esse que se repetiu nos dias seguintes com metade das pessoas da escola, inclusive Parham. Nos anos seguintes, Parham deu continuidade ao seu trabalho em várias partes dos Estados Unidos e no Canadá, atraindo milhares de seguidores (...). O movimento de Parham recebeu diferentes nomes – fé apostólica, movimento pentecostal ou chuva tardia – todos os quais apontavam para características marcantes da nova cosmologia. Uma das idéias centrais era o que se denomina “repriminção” ou restauracionismo, isto é, o desejo de voltar aos dias iniciais do cristianismo, aos primeiros tempos da igreja primitiva, idealizados como uma época de maior fervor e plenitude cristã. Associada a isso estava a nova linguagem que dava ênfase ao poder do Espírito, conforme manifesto entre os apóstolos através de sinais e maravilhas.(pp.30-31).

No início do século XX, especificamente em 1905, Parham mudou-se para o Texas e continuou o seu investimento. Dessa vez, deu início a uma escola bíblica em Houston. Um dos estudantes atraídos por essa escola foi um ex-garçom negro e pregador *holiness*, William Joseph Seymour (1870-1922). Conhecido também como, Brother Seymour, “o negro profeta de Azuza Street”. O negro William Seymour, na condição de aluno, por causa do racismo de Parham, assistia às aulas a partir de uma cadeira colocada no corredor do lado de fora da sala.

Quanto à origem, formação, envolvimento e liderança de Seymour, Campos (2006) contribui ao dizer:

William Joseph Seymour nasceu em Centerville, Louisiana, em uma família de ex-escravos. Quando ele nasceu, 47% da população daquele estado era formada por ex-escravos. O ódio racial era intenso, e a Ku Klux Klan e outros grupos terroristas atuavam livremente naquela região. (...) o menino William nasceu e foi batizado na Igreja Católica. Somente na sua adolescência se tornaria batista. Com 25 anos de idade emigrou para Indianápolis (1895), onde trabalhou como garçom em restaurantes e, depois, como representante comercial; nessa época se

tornou membro da Igreja Metodista Episcopal, uma congregação negra. Algum tempo depois, Seymour se mudou para Houston, depois de ter passado por Cincinnati entre 1902-03, ali ele se uniu aos *holiness*, freqüentando uma igreja pastoreada por uma mulher, que logo em seguida deixou Seymour como seu sucessor e foi trabalhar na casa de Charles Parham como governanta. Quando, em dezembro de 1905, Parham transferiu a sua escola bíblica para Houston, onde Seymour assistia às aulas (...). Em Los Angeles, para onde foi tentando assumir o pastorado de uma igreja *holiness*, Seymour se “estabeleceu por conta própria”, iniciando o seu próprio ministério. Contudo, a sua atuação encontrou forte oposição por parte da imprensa e das igrejas protestantes tradicionais, que consideravam o que acontecia em Los Angeles apenas manifestação de um moderno tipo de fanatismo religioso. (...). A reação veio também do movimento *holiness*, de onde saiu o pentecostalismo. Em uma de suas publicações satirizavam-se os fenômenos dos quais Seymour era um dos protagonistas. (p. 112).

Mesmo que possamos apontar inúmeros momentos na história de manifestações carismáticas, pneumáticas ou pentecostais, ou outras, como queiramos chamar, a importância e o resultado da rua Azuza é lembrado, mais uma vez, por Campos (2006):

Portanto, Azuza Street se tornou, a partir de 1906, a “Jerusalém norte-americana”. Embora se dirigissem para essa cidade caravanas de cristãos, negros e brancos, indistintamente, todos estavam ansiosos por uma “experiência com o Espírito Santo”. Assim, nesses anos iniciais de Azuza Street, parecia que o poder do Espírito iria romper as barreiras de separação entre ricos e pobres, brancos e negros. O Espírito de Deus, assim acreditavam os pioneiros do pentecostalismo, agora administrado por um filho de ex-escravos, Willian Seymour, romperia com “*the color line*”. Porém, enquanto Seymour pregava o poder do Espírito, negros eram linchados em várias partes dos Estados Unidos. Não tardaria, portanto, a ressurgir o racismo de pentecostais brancos, já tipificado na prática racista-teológica de Charles Parham. (...) Seymour foi capaz de fazer a síntese, de catalisar e de descobrir as raízes africanas do movimento pentecostal. Por isso, Azuza Street se tornou o cadinho em que se produziria uma religiosidade que valorizaria alguns traços da tradição negra: oralidade da liturgia; teologia e testemunhos oralmente apresentados; inclusão de êxtase, sonhos e visões nas formas públicas de adoração; holismo quanto às relações corpo-alma; ênfase nos aspectos xamânicos da religião; uso de coreografias e de muita música no culto. Essa ligação entre pentecostalismo e cultura negra, o que explicaria o seu sucesso no Brasil (...) (pp. 110-113).

Matos (2006) resume bem a importância, e a particularidade de Charles Parham e William Seymour, bem como a diversidade do pentecostalismo:

Portanto, o movimento pentecostal tem dois fundadores: Charles Parham e William Seymour. Parham foi o primeiro a fazer a afirmação fundamental de que o falar em línguas era a evidência visível e bíblica do batismo com o Espírito Santo. A importância de Seymour, o discípulo de Parham, reside no fato de que sob sua liderança, através do Avivamento da Rua Azusa, o pentecostalismo se tornou um fenômeno internacional e mundial a partir de 1906. (...) Desde o início o movimento pentecostal foi muito diversificado, apresentando uma grande variedade de manifestações e ênfases. Isso não é de admirar, visto que o pentecostalismo, por sua própria natureza, podia, a partir das premissas básicas, assumir um grande número de configurações, motivadas principalmente pelos muitos líderes independentes que iam surgindo. Portanto, quase desde o início uma série de controvérsias abalaram o movimento. (p.33).

Outro nome bastante lembrado e, conseqüentemente citado, quando o assunto é pentecostalismo, é o nome de William Durham (1873-1912) que, a partir de Chicago, foi contrário à solução teológica das três etapas (conversão, santificação e batismo com o Espírito Santo) de Seymour, propondo apenas duas etapas resultantes da união das duas primeiras em uma só. Quanto a esse assunto, Matos (2006) explica o pensamento de Durham da seguinte forma:

Essa controvérsia foi a primeira ruptura na família pentecostal. Segundo a visão tradicional do movimento *holiness* e dos primeiros pentecostais, inspirados por João Wesley, existia uma experiência instantânea de “inteira santificação” ou “perfeição cristã”, separada da experiência da conversão. Era chamada a “segunda bênção”, sendo considerada uma preparação necessária para uma terceira experiência, o batismo com o Espírito Santo (a nova experiência pentecostal). Em 1910, William H. Durham, pastor da Missão da Avenida Norte, em Chicago, questionou essas idéias, insistindo no que ele denominou a “obra consumada no Calvário”, ou seja, o fato de que a obra de Cristo na cruz era suficiente tanto para a salvação quanto para a santificação. Os pentecostais da obra consumada passaram a entender a santificação como um processo gradual. Em 1915, essa já era a posição preferida de aproximadamente metade dos pentecostais americanos, e hoje da maioria deles. (p.34).

A importância de Durham se explica por várias razões, entre tantas, o fato de que do círculo de seus seguidores, que em 1907 organizaram a North Avenue Mission, saíram Louis Francescon, Daniel Berger e Gunnar Vingren, que iniciariam a propagação do pentecostalismo no Brasil.

2.3. Os pioneiros do pentecostalismo no Brasil: Francesco, Vingren e Berg.

É de suma importância começar a história do pentecostalismo brasileiro lembrando um fato curioso e digno de nota, mesmo que já citado por alguns estudiosos, mas, por incrível que possa parecer, desconhecido ainda por muitos. O episódio foi relatado pelo renomado estudioso do protestantismo brasileiro, Émile Léonard, quando o mesmo mencionou a primeira manifestação de entusiasmo religioso liderado por Miguel Vieira Ferreira (1837-1895)²⁶. Esse engenheiro, presbítero e pregador leigo da Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, membro de uma família aristocrática de São Luís do Maranhão, acreditava que Deus ainda se revelava diretamente às pessoas, como nos tempos bíblicos. Dotado de um temperamento místico, certa vez teve uma espécie de transe, ficando totalmente imóvel por longo período de tempo. Disciplinado pela igreja por insistir nas suas idéias, o Dr. Miguel retirou-se com um grupo de crentes, a maior parte parentes seus, e criou a Igreja Evangélica Brasileira (1879), que subsiste até hoje. Todavia, esse grupo é diferente em vários aspectos do movimento pentecostal surgido algumas décadas mais tarde²⁷.

A partir de Los Angeles, e especialmente de Chicago, o pentecostalismo ramificou-se rapidamente para vários outros países. O movimento entrou cedo na América Latina, primeiro no Chile (1909) e, logo em seguida, no Brasil (1910). É interessante o fato de que, quando chegaram os primeiros pentecostais, todas as

²⁶ Cf. as obras de: LÉONARD, Émile G., *O iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Bernardo do Campo: Ciências da Religião, 1988; MATOS, Alderi S. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil: missionários, pastores e leigos do século 19 (1859-1900)*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004, pp. 461-63.

²⁷ Para um estudo recente, ver RIVERA, Paulo Barrera. A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus. *Revista USP* n° 67 (set.-nov. 2005), pp. 78-99.

denominações históricas já haviam se implantado no país: anglicanos, luteranos, congregacionais, presbiterianos, metodistas, batistas e episcopais.

Estudar o fenômeno pentecostal, bem como as suas múltiplas ramificações, não é uma tarefa fácil, pois, “um dos desafios é a vastidão do tema. Por ser movimento dinâmico, apresenta mudanças constantes e tendências novas com significativa velocidade.” (ROMEIRO, 2005, p.17). Matos (2006) lembra também que:

O moderno movimento pentecostal é considerado por muitos estudiosos o fenômeno mais revolucionário da história do cristianismo no século 20, e talvez um dos mais marcantes de toda a história da igreja. Em relativamente poucas décadas, as igrejas pentecostais reuniram uma imensa quantidade de pessoas em praticamente todos os continentes, totalizando hoje, segundo cálculos de especialistas, cerca de meio bilhão de adeptos ao redor do mundo. Mais do que isso, o pentecostalismo acarretou mudanças profundas no panorama cristão, rompendo com uma série de padrões que caracterizavam as igrejas protestantes há alguns séculos e propondo reinterpretações muitas vezes bastantes radicais da teologia, do culto e da experiência religiosa. Exatamente agora, sem que muitos dêem conta – inclusive muitos pentecostais – esse vasto e influente movimento está completando um século. (p.24).

A presença Pentecostal em solo brasileiro só aconteceu no início do século 20, especificamente em março de 1910, com a chegada do primeiro missionário pentecostal, o italiano Louis Francescon. No mesmo ano chegariam os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, dois missionários que plantaram de vez a semente do pentecostalismo no país.

Através de uma reportagem feita por Marcos Stefano, com a colaboração de Jussara Teixeira, Mariana de Salve e Moisés Filho encontramos uma síntese da chegada do Pentecostalismo no Brasil.

Depois de fundar igrejas para imigrantes como ele na Pensilvânia e Califórnia, Francescon esteve primeiro em Buenos Aires, na Argentina, e de lá veio para São Paulo. Após dois meses de trabalho e quase nenhum resultado, partiu para Santo Antônio da Platina (PR). Nessa pequena cidade, 11 pessoas aceitaram a fé avivada e receberam o batismo no Espírito. *Eram as primícias da obra de Deus no Brasil*, como descreveu o próprio Francesco mais tarde. Confiante ele voltou para São Paulo um mês mais tarde e começou um trabalho entre presbiterianos, batistas, metodistas, e católicos. Dessa vez, 20 pessoas

aceitaram a mensagem, receberam curas e tiveram a experiência pentecostal. Nascia a primeira igreja pentecostal brasileira, a Congregação Cristã no Brasil²⁸, denominação que atualmente conta com 2 milhões de adeptos, segundo suas contas (...). Já os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg, desembarcaram em Belém do Pará (...) Conversando com marinheiros americanos, descobriram uma Igreja Batista que poderia lhes abrigar e foram morar no porão do templo. Logo, começaram a realizar cultos. Tudo parecia transcorrer bem, até que, em 1911, as reuniões se transformaram em um foco pentecostal (...). Os dois acabaram expulsos e, com outras 17 pessoas, iniciaram a Missão da Fé Apostólica. Em 1917, a organização passou a se chamar oficialmente Assembléia de Deus. Hoje, 96 anos depois, é a maior igreja protestante do país, com quase 9 milhões de membros. (ECLÉSIA, Ano 11, nº 118, pp. 49-50).

Tendo em vista esse espantoso crescimento pentecostal, recentemente Brakemeier (2004) escreveu afirmando que: “Devido à dinâmica que desenvolveu, o pentecostalismo goza de crescente interesse na teologia. Sua conceituação passou por radical mudança. **Já não mais é visto como fenômeno negligenciável, e sim como alerta às igrejas tradicionais**²⁹ quanto a dimensões omissas em sua missão.” (p.91).

2.4. As fases do pentecostalismo no Brasil: Paul Freston e as suas “ondas”³⁰

Sobre a origem e o desenvolvimento inicial do movimento pentecostal no Brasil, o sociólogo Paul Freston (1994) cita “três ondas” ou fases da implantação do pentecostalismo no Brasil:

A primeira onda³¹, ainda nos primeiros anos do movimento pentecostal norte-americano, trouxe para o país duas igrejas: a Congregação Cristã do Brasil (1910) e as Assembléias de Deus (1911). Essas igrejas dominaram amplamente o campo pentecostal durante quarenta anos (...). A segunda onda³² pentecostal ocorre na década de 50 e início dos anos 60, quando houve uma fragmentação do campo pentecostal e surgiram, entre muitos outros, três grandes

²⁸ “A Congregação Cristã no Brasil, foi resultado em parte de um cisma na Igreja Presbiteriana do Brás. O fundador nunca chegou a residir no Brasil, mas fez onze visitas entre 1910 e 1948, totalizando uma estada de quase dez anos.” Cf. MATOS, In Fides Reformata: O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário: 2006. p. 40

²⁹ Grifo meu.

³⁰ É certo que, nem todos os estudiosos concordam com essa análise de Freston. Há até mesmo quem afirme que o movimento neopentecostal, não tem nenhuma raiz do pentecostalismo clássico. Isto é, alegam que são movimentos completamente distintos.

³¹ A ênfase da primeira onda foi o batismo com o Espírito Santo e, conseqüentemente, o falar em línguas.

³² A ênfase da segunda onda foi cura divina.

grupos ainda ligados ao pentecostalismo clássico: Igreja do Evangelho Quadrangular (1951), Igreja Evangélica Pentecostal O Brasil para Cristo (1955) e Igreja Pentecostal Deus é Amor (1962). Essa segunda onda coincidiu com o aumento do processo de urbanização do país e o crescimento acelerado das grandes cidades (...). A terceira onda³³ histórica do pentecostalismo brasileiro começou no final dos anos 70 e ganhou força na década de 80, com o surgimento das igrejas denominadas *neopentecostais*, com sua ênfase na teologia da prosperidade. Sua representante máxima é a Igreja Universal do Reino de Deus (1977), mas existem outros grupos significativos como a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980), Igreja Renascer em Cristo, Comunidade Sara Nossa Terra, Igreja Paz e Vida, Comunidades Evangélicas e muitas outras (...). Uma importante precursora dos grupos neopentecostais foi a Igreja de Nova Vida, fundada pelo canadense *bispo* Robert McAllister, que rompeu com a Assembléia de Deus em 1960. Essa igreja foi pioneira de um pentecostalismo de classe média, menos legalista, e investiu muito na mídia. Foi também a primeira igreja pentecostal a adotar o episcopal no Brasil. Sua maior contribuição foi treinamento de futuros líderes como Edir Macedo e seu cunhado Romildo R. Soares. Outros grupos pentecostais e neopentecostais brasileiros resultaram da chamada *renovação carismática*. Esse movimento surgiu nos Estados Unidos no início dos anos 60, com a ocorrência de fenômenos pentecostais nas igrejas protestantes históricas e também na Igreja Católica Romana. No Brasil, a *renovação* produziu divisões em quase todas as denominações mais antigas, com o surgimento de grupos como a Igreja Batista Nacional, a Igreja Metodista Wesleyana e a Igreja Presbiteriana Renovada. (pp. 67-131).

César (2000) chega a afirmar que “o século XX foi mesmo o século pentecostal no Brasil e ao redor do mundo.” Todavia, percebemos que o grande surgimento das inúmeras denominações pentecostais, só aconteceu a partir de meados do século vinte, pois, as duas primeiras igrejas pentecostais do Brasil, ou seja, A Congregação Cristã no Brasil (1910), e a Assembléia de Deus (1911):

(...) dominaram o campo pentecostal durante quarenta anos, pois as suas rivais eram poucas e inexpressivas (...) a Assembléia de Deus foi a que mais se expandiu numérica e geograficamente, a ponto de ser praticamente a única expressão do protestantismo em alguns estados do Nordeste. A Congregação Cristã no Brasil, após um período em que ficou mais limitada à comunidade italiana, sentiu a necessidade de assegurar a sua sobrevivência por meio de trabalho entre os brasileiros. Após um crescimento inicial rápido, foi ultrapassada pela Assembléia de Deus no final dos anos 40. (MATOS, 2000, p.14).

³³ A ênfase da terceira onda foi exorcismo e a mensagem da prosperidade.

Depois desse breve relato histórico sobre o desenvolvimento do protestantismo, presbiterianismo e do pentecostalismo no Brasil, desejamos no próximo item do trabalho, deter a atenção sobre a atitude de alguns membros de denominações históricas com a chegada dos missionários pentecostais.

2.5. Os pentecostais chegam ao Pará: Os brasileiros tomam posse da bênção/herança

Mais uma vez relembremos que a mensagem pentecostal chegou ao Brasil através de Francescon pioneiro da Congregação Cristã no Brasil (1910), mas a nossa atenção será para a segunda denominação pentecostal no Brasil, isto é, as Assembléias de Deus, que começou denominada, em homenagem ao avivamento da rua Azusa, *Missão da Fé Apostólica* (1911), tendo o nome mudado, somente em 1917, para o que é hoje. Gostaríamos também de justificar que a atenção as Assembléias de Deus será dada não por causa do seu crescimento ter sido maior do que o da Congregação Cristã no Brasil. O motivo específico é porque a Assembléia de Deus é a única que chegou, na década de vinte, em Pernambuco, e conseqüentemente é a essa denominação em particular que a Igreja Presbiteriana do Brasil reagiu.

O sociólogo Gedeon Alencar (2010) nos ajuda a entender o motivo que levou a Assembléia de Deus a atrair a atenção de simpatizantes desde o seu nascedouro, bem como o motivo que fez com que essa denominação crescesse rapidamente, diferentemente da própria Congregação Cristã no Brasil e outras denominações:

Em 1910 a Igreja Católica celebrava missas em latim, a Igreja Luterana, cultos em alemão, a Igreja Anglicana, em inglês. Até mesmo a única igreja pentecostal da época, a Congregação Cristã do Brasil, celebrava seus cultos em italiano. O espiritismo ainda era caso de polícia e os cultos afro, como referencial religioso, nem sequer eram nomeados ou reconhecidos. (...) É neste momento (1911) que a Assembléia de Deus surge no Brasil. (p.19).

Voltando a nossa atenção para a chegada dos pioneiros Vingren e Berg, é bom lembrarmos que eles não falavam a língua portuguesa quando chegaram ao Brasil, nem ainda, segundo eles, havia um lugar específico para desenvolverem o seu trabalho. Na realidade ficaram admirados quando ouviram pela primeira vez alguns brasileiros, e tal acontecimento serviu para ratificar a profecia em relação a seu chamado para o Brasil.

Pois, foi o próprio Gunnar que afirmou ser, “aquele mesmo idioma que o Espírito Santo tinha levado o irmão Adolfo Uildin a pronunciar durante aquela reunião de oração em que eu recebera a minha chamada.” (VINGREN, 2003, p.35). Quando “chegaram a Belém do Pará no dia 19 de novembro de 1910, numa cidade de cerca de 200 mil habitantes. Não conheciam ninguém e não sabiam a quem se dirigir e nem falavam o idioma do país, o português. (VINGREN, 2003, p.10). E o pior é que, “não traziam endereço de alguém que os acolhesse ou orientasse.” (CONDE, 2000, p.6).

Após algumas informações, finalmente Vingren e Berg chegaram até a casa do pastor da igreja batista (ele falava inglês), depois de conversar com Gunnar e Berg, por saberem que os mesmos estavam hospedados num hotel pagando cerca de 4 dólares por dia, convidou-os para morar na sua casa para que pagassem apenas 2 dólares diários. “Era um corredor bem escuro no porão, o chão de cimento grosso e sem nenhuma janela. Ali colocaram duas camas para nós (...). Os mosquitos zumbiam monotonamente.” (VINGREN, 2003, pp.36-37). Daniel Berg relata o tempo em que morou nesse lugar, bem como o que fizeram para aprender a língua portuguesa:

Moramos ali por três meses. Durante esse tempo eu (Daniel Berg) trabalhei numa fundição para poder manter-nos³⁴, enquanto Vingren estudava o idioma. De noite ele me ensinava o que havia aprendido. Foi o pastor metodista americano, de nome Justus Nelson, que deu as aulas de português para Vingren. E quando perguntou pelo preço, o professor respondeu: Eu cobro 5 mil réis por cada aula ou então nada. Vingren respondeu que aceitava a última alternativa. E quando terminou os estudos, Vingren deu uma gratificação, segundo o que podia, como agradecimento pela bondade do professor. (VINGREN, 2003, p.11).

A notícia na cidade era a recente presença dos missionários, as pessoas queriam vê-los cantando em inglês, ficaram admiradas. Certa ocasião à admiração foi tão grande por um hino que cantaram que Gunnar chegou à conclusão de que “aquilo aconteceu porque o Espírito Santo estava cantando conosco.” (VINGREN, 2003, p.37).

Não demorou muito tempo para que pessoas oriundas de outras igrejas históricas ficassem interessadas em saber mais sobre a nova fé pentecostal. Entre essas primeiras

³⁴ Daniel Berg era um hábil fundidor e muito querido no seu trabalho. Ele ganhava de início, 10 mil-réis por dia e depois foi aumentando para 12 mil-réis. Quando sentiu que devia começar o trabalho evangelístico e deixar o trabalho de fundidor, ofereceram-lhe 15 mil-réis por dia. Mas ele não tinha vindo ao Brasil ganhar dinheiro, e sim para ganhar almas para Jesus, e não se deixou seduzir pelo dinheiro. Cf. VINGREN, Ivar (Tradutor), Despertamento Apostólico no Brasil, p. 11

peessoas, o próprio Gunnar cita um irmão “chamado Adriano Nobre³⁵, membro da Igreja Presbiteriana no Pará.” (VINGREN, 2003, p.38). Adriano foi “apresentado aos recém-chegados por seu primo Raimundo Nobre, então evangelista da Igreja Batista de Belém.” (ARAÚJO, 2007, p.14). Adriano Nobre “por falar inglês, ele serviu como intérprete para Gunnar Vingren e Daniel Berg quando chegaram a Belém (PA).” (ARAÚJO, 2007, p.13). Adriano convidou os novos missionários para conhecer os seus pais, num local onde trabalhavam com borracha; depois deles aceitarem o convite, viajaram durante três dias. Quanto à viagem, Gunnar escreveu, no seu *Diário*, as seguintes informações:

Não havia estradas na selva fechada e misteriosa, ou qualquer vereda por onde pudéssemos caminhar com segurança. Viajamos durante todo tempo pelo rio. As casas eram edificadas em cima de pilares de madeira, na margem muitas vezes lamacenta do rio. Vimos muitos animais selvagens na floresta. Por outro lado víamos macacos e jacarés. Quisemos tomar banho no rio, mas fomos proibidos por causa dos muitos perigos. A comida que nos deram era muito simples: farinha, arroz e feijão cozidos em água e sal, carne seca e café sem leite. Era sempre a mesma comida e sempre preparada da mesma forma. Ao chegarmos ao povoado onde moravam os parentes do irmão Adriano Nobre, realizamos pequenas reuniões de oração e cantamos em português da melhor maneira possível. Nossa permanência ali durou um mês e meio. Depois voltamos para Belém. (VINGREN, 2003, p.38).

Aproximadamente depois de seis meses de chegados ao Brasil, finalmente, em maio de 1911, Gunnar Vingren passou a dirigir alguns cultos de oração, e é nesse momento também que os primeiros resultados do pentecostalismo em terra brasileira passam a ser vistos. Durante essa mesma semana houve culto todas as noites na casa de uma irmã chamada Celina Albuquerque, a qual tinha, segundo relato de Vingren, uma enfermidade incurável nos lábios, mas que foi curada pelo Senhor Jesus. Por sua vez, essa irmã começou a buscar o batismo com o Espírito Santo durante as reuniões de oração que estavam sendo realizadas em sua residência. Não demorou muito para aparecerem os resultados dessa busca:

Na quinta-feira, depois do culto, ela continuou orando em sua casa, juntamente com outra irmã. À uma hora da madrugada a irmã Celina

³⁵ Adriano Nobre foi o pioneiro do pentecostalismo em Pernambuco. Retomarei o assunto sobre ele no terceiro capítulo quando for abordar a chegada do pentecostalismo em Pernambuco.

começou a falar em novas línguas, e continuou falando durante duas horas. Foi, portanto, a primeira operação de batismo com o Espírito Santo feita pelo Senhor Jesus em terras brasileiras. No dia seguinte, a outra irmã que presenciara tudo, foi e contou o que vira aos outros membros da igreja batista. O seu nome era Nazaré. Na sexta-feira, após o término do culto na igreja, irmã Nazaré e outras irmãs vieram para o nosso culto de oração. Nessa mesma noite Jesus batizou-a com o Espírito Santo, e ela cantou um hino espiritual. (VINGREN, 2003, pp. 40-41).

Após as experiências dessas duas irmãs com o batismo com o Espírito Santo, outras pessoas também as tiveram. Todavia, em relação ao resultado dessas experiências, o mesmo resultado foi repetido na vida de Vingren, ou seja, não só foi motivo de alegria, mas de grande confusão e, se não bastasse, de cisma, mais uma vez. O próprio companheiro de Vingren, isto é, Daniele Berg relata que “não tardou muito a haver perturbação na igreja, pois alguns deles tomaram a posição de adversários para com esta obra de Deus. Fomos chamados de espíritos falsos e nos acusaram de haver vindo com doutrinas falsas.” (VINGREN, 1987, p.12). Assim como Vingren foi expulso da sua igreja de origem, devido às experiências espirituais, o mesmo aconteceu aqui no Brasil, apesar de ter chegado há tão pouco tempo. O próprio Vingren (2003) afirma:

Todas as demais pessoas que tinham vindo da Igreja Batista creram então que isto era obra de Deus. Todos, menos dois: um evangelista e a mulher de um diácono. O evangelista que não quis crer ficou muito orgulhoso, e caiu debaixo da influência do Diabo. Já no domingo seguinte notamos que ele havia sido tomado por um poder estranho, e isto era notado principalmente quando ele falava. Na terça-feira seguinte ele mesmo convocou os membros da igreja para um culto extraordinário, e não permitiu nem que o pastor falasse. Ele disse: – Todos os que estão de acordo com a nova seita, levantem-se. Dezoito irmãos³⁶ se levantaram e foram imediatamente cortados da comunhão da igreja. O pastor – que pelo menos naquele momento demonstrou muita serenidade – orou a Deus no seu coração e pediu uma palavra. Abriu a Bíblia e encontrou o versículo que diz: “Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos recebereis; e eu serei para vós Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor Todo –poderoso”, 2 Co 6.17,18. Estes irmãos saíram então da Igreja Batista para nunca mais voltar. Isto aconteceu no dia 13 de junho de 1911. (p.41).

³⁶ Alguns escritores divergem em relação à quantidade dos irmãos que saíram da Igreja Batista e se juntaram a Vingren e Berg. Todavia, a maioria cita que foram 18 pessoas. Alguns resolvem dizer que a Igreja começou com 20 membros, nesse caso seria os 18 membros, mais Vingren e Berg, totalizando 20 pessoas.

Após serem expulsos da Igreja Batista, Vingren e Berg e os demais irmãos que também foram expulsos, passaram a realizar cultos públicos em vários lugares nas casas desses irmãos. O trabalho continuou a atrair novos adeptos e a crescer a ponto que Vingren resolve batizá-los:

Passado algum tempo, fomos ao grande rio Guamá e ali batizamos em suas águas lamacentas vários irmãos novos convertidos. O caminho para o lugar do batismo passava por uma floresta, e em alguns trechos dele lama quase chegava aos nossos joelhos. Mas foi glorioso quando dobramos os joelhos na lama à beira do rio, junto com os candidatos, e oramos ao Senhor, agradecidos por aquelas almas conquistadas para o seu Reino. Foi realmente maravilhoso! (VINGREN, 2003, p.42).

No seu *Diário*, Vingren relata as inúmeras perseguições sofridas, não mais somente entre os irmãos da sua antiga denominação, mas de outras. Bem como da própria Igreja Católica. Porém, mesmo diante das inúmeras dificuldades, os pioneiros do pentecostalismo assembleiano no Brasil, permanecem firmes no seu objetivo. Talvez, o motivo desses pioneiros continuarem perseverantes, esteja no argumento utilizado por Alencar (2010) quando diz:

Os suecos de tradição batista, que trouxeram (o pentecostalismo) para o Brasil, não estranham a perseguição religiosa, pois já de muito eram vítimas por ela. Na Suécia, pela Igreja Luterana, uma entidade estatal, rica e aliada do governo, onde ser “batista” era um grave ato subversivo. Aqui são perseguidos pela Igreja Católica e demais igrejas protestantes, mas, ironicamente, protegidos pelo Governo por dispositivo constitucional da liberdade religiosa. Tal realidade política é fundamental para a postura desta igreja, sempre elogiando o governo. (...) não desenvolve nenhuma instância burocrática nacional e quando cresce fica vulnerável ao personalismo de seus líderes, resultando disto, uma igreja quantitativamente grande, mas fraca em sua representatividade. (p.20).

Todavia, independentemente das lutas, das opiniões de terceiros, o trabalho passou a crescer de vento em popa. Inúmeras conversões, inúmeros batismos nas águas, novas pessoas sendo batizadas com o Espírito Santo e, conseqüentemente, a multiplicação do falar em línguas. Vingren (2003) relata o crescimento do movimento pentecostal, ainda no seu início, isto é, no ano de 1911. Relata que os batismos nas águas aconteciam geralmente em segredo e tarde da noite, tendo em vistas as perseguições pelos adeptos da Igreja Católica:

No dia 13 de novembro, batizamos mais quatro novos convertidos. Fiz também outras viagens ao Interior, quando batizei vários irmãos. Na volta realizamos outros batismos em Belém. Vários irmãos também foram batizados com o Espírito Santo. Uma irmã chamada Clotilde falou em línguas durante várias horas, quando recebeu o seu pentecostes. Glória a Jesus! No dia 14 de abril batizei mais três novos convertidos. (...) Os primeiros batismos no Pará eram realizados em segredo, geralmente às 11 horas da noite, pois não havia templos nem tanques batismais. Porém um dia criaram coragem e anunciaram um batismo público à beira de um rio. Isto deu tempo para que os inimigos preparassem algo para atrapalhar a cerimônia. (...) Permaneci em Soure um mês inteiro. Voltei a Belém no dia 12 de maio e realizei vários outros batismos. Depois de um último batismo no Interior, realizado em um pequeno igarapé bem dentro do mato, voltei a Belém de trem. (pp.42-44).

Como bem pudemos notar, as dificuldades eram inúmeras, mas os pioneiros do pentecostalismo brasileiro estavam dispostos em ver o resultado do seu trabalho, mesmo que dentro de uma lógica humana, tudo levasse a ter uma visão pessimista, eles foram otimistas. É de suma importância a lembrança de que, mesmo no início do movimento pentecostal, não havendo ainda um planejamento para a propagação da nova fé, o que pudemos ver, por outro lado, é que o movimento cresceu sobremaneira:

Nunca teve um órgão nacional de estratégia, mas alcançou o país em 20 anos; nunca teve organização efetiva, mas é a maior igreja evangélica do país; nunca teve teólogos e/ou eruditos, mas foi a que mais cresceu; neste período, não havia nenhuma escola de formação de obreiros, mas proliferou mais que qualquer outra; sempre foi periférica e marginal, mas alcançou os pobres e simples como nenhuma outra. Ela incorpora como “bênção” todas as críticas que lhe são dirigidas (alienação política, conservadorismo, atraso etc.). Este pentecostalismo está bem distante do moderno quando a ênfase é riqueza, poder e saúde – a tríade da teologia da prosperidade. No primeiro momento, as marcas do pentecostalismo eram glossolalia (falar em línguas estranhas como resultado do batismo com o Espírito Santo), cura divina e forte escatologia. Com uma interpretação bíblica fundamentalista e espaço apenas para uma moral individual puritana. (ALENCAR, 2010, pp.20-21).

É certo que, hoje, há inúmeras igrejas pentecostais no Brasil, crescimento esse oriundo do advento do neopentecostalismo. Isto é, após a década de 1970. Igrejas essas abertas por quem quer que seja, isto é, na maioria das vezes os líderes dessas denominações não têm nenhuma formação teológica, e outro fator interessante é que, essas pessoas geralmente se auto-ordenaram, e também ordenam quem elas acham que

devem ser ordenadas. Alencar (2010) ratifica essa informação, e nos lembra também o crescimento do movimento pentecostal no seu nascedouro, deferente do contexto atual:

Hoje, o surgimento de uma igreja pentecostal popular não causa nenhuma alteração no cenário; ela perde-se no meio de tantas outras. Em 1911, por ser a primeira igreja estabelecida em Belém, fez muita diferença. Tem início com vinte pessoas e, segundo Read (1976:122)³⁷, já em 1930 tem 14.000 membros, em 1950, 120.000 membros. Um crescimento de aproximadamente 69.000% em 19 anos e 108.000% em 38 anos, respectivamente. No total, mais 6000.000% de crescimento nas quatro primeiras décadas, algo em torno de 15.000% ao ano. (pp.19-20).

Tendo feito esse breve relato dos inúmeros momentos do movimento pentecostal na história, e a sua chegada em solo brasileiro, bem como seu nascedouro dentro de igrejas consideradas históricas (Batista, Presbiterianas, etc.), e acima de tudo a sua adesão por parte de muitos membros de tais denominações, enfim, desejamos, com esse terceiro e último capítulo, mostrar a reação dessas igrejas históricas ao advento do pentecostalismo no Brasil. Especificamente nos deteremos na reação da IPB ao movimento pentecostal, em Pernambuco, desenvolvido pela Igreja Assembléia de Deus, no início da década de vinte (1920-1930).

³⁷ Cf. READ, Wilian R., *Fermento religioso nas massas religiosas do Brasil*, São Paulo: Aste, 1993.

CAPÍTULO III

III. REAÇÃO DOS PRESBITERIANOS AOS PENTECOSTAIS: “O PENTECOSTALISMO NÃO ENCONTRA LUGAR NAS RAMIFICAÇÕES HISTÓRICAS DA IGREJA DE CRISTO”

Desejamos, com esse terceiro e último capítulo, focar as ênfases e as divergências doutrinárias entre o presbiterianismo e o pentecostalismo. E, em seguida, a reação da IPB ao advento do pentecostalismo em Pernambuco. Primeiramente faremos a exposição “confessional” de cada uma dessas denominações e, em seguida, as diferenças doutrinárias. Por fim, faremos a exposição quanto à reação da IPB.

3.1. A confessionalidade da doutrina presbiteriana: A importância da revelação escrita, e os símbolos de fé de Westminster

No Brasil há várias denominações de origem reformada e calvinista. Por exemplo: a Igreja Presbiteriana Independente (oriunda da própria IPB, fruto do cisma de 1903), e a Igreja Presbiteriana Conservadora (fundada na década de 1940, por membros da Liga Conservadora da IPI). Todavia, a maior e mais antiga denominação reformada do país é a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) quanto a sua base doutrinária, na sua Constituição/Manual Presbiteriana (2006), no seu primeiro capítulo, no artigo primeiro afirma:

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de igrejas locais, que adota como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas do Antigo e Novo Testamento e como sistema expositivo de doutrina a sua Confissão de Fé e os Catecismos Maior e Breve (...) (p. 9).

Como pudemos perceber, a IPB tem como única regra de fé e prática as Escrituras Sagradas, e como sistema expositivo doutrinário os Símbolos de Fé³⁸ de Westminster, ou seja, a sua Confissão e os seus Catecismos.

³⁸ Símbolos de fé são resumos sistemáticos (ou temáticos) das verdades fundamentais do cristianismo. São declarações formais autorizadas da fé cristã. Há quatro tipos principais de símbolos de fé: credos,

A Confissão de Fé³⁹, assim como os Catecismos⁴⁰ Maior e o Breve, “foram compostos por uma grande e ilustre assembléia nacional de teólogos e civis reunidos em Westminster, Inglaterra, pelo Grande Parlamento, de julho de 1643 a fevereiro de 1649.” (HODGE, 1999, p.38). Essa confissão “é a última das confissões reformadas clássicas e decididamente a mais influente no mundo de fala inglesa.” (ELWELL, 1990, p.330). A mesma, juntamente com os catecismos “foram adotados pelo Sínodo original na América do Norte, em 1729 (...) e tem sido recebida como o padrão de fé por todos os ramos da Igreja Presbiteriana na Escócia, Inglaterra, Irlanda e América (...)” (HODGE, 1993, p.45).

A doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) é essencialmente Calvinista. No portal oficial da IPB encontramos a sua exposição doutrinária, ou seja, os pilares em que essa igreja está alicerçada⁴¹.

A doutrina da IPB enfatiza a Teocentricidade, isto é, crê que Deus tem o controle e governa sobre tudo e todos. Para os adeptos da doutrina presbiteriana, nada, absolutamente nada, é fruto do acaso, mas, sim, da vontade Soberana de Deus. “A doutrina da soberania de Deus é a idéia fundamental do sistema presbiteriano. Soberania de Deus significa o controle de tudo quanto existe, exercido por Deus.” (ROBERTS, 2003, p.13). Contudo, isso não anula a responsabilidade dos homens pelos seus atos.

A doutrina da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) pode ser muito bem representada, de forma simplificada, pelo que se denomina dos *Cinco Pontos do Calvinismo*: **Depravação Total** – Em síntese essa doutrina afirma que, após a queda no

confissões de fé, catecismos e cânones. Os credos são declarações de fé resumidas. As confissões distinguem-se dos credos quanto ao tamanho, por serem mais detalhadas, e quanto à época que foram escritas: são, em geral, produto da Reforma, ou de igrejas herdeiras da Reforma. Um credo ou confissão pode ser pessoal. Mas, em geral estes termos são empregados para designarem credos e confissões que, embora possam ter sido escritos por uma só pessoa, adquiriram representatividade, sendo adotados por igrejas, movimentos ou denominações. Por sua vez, os catecismos também são resumos da fé cristã. São, contudo, estruturas em forma de perguntas e respostas, com propósito mais didático, a fim de servirem de ferramenta para a instrução da igreja. Eles podem ser maiores ou breves, dependendo do tamanho. Cf. ANGLADA, Paulo, *Sola Scriptura – A Doutrina Reformada das Escrituras*, 1ª edição, Editora Os Puritanos, São Paulo, 1998. pp. 17-18.

³⁹ A Confissão de Fé de Westminster (CFW) é composta de 33 capítulos, os quais são divididos da seguinte forma: a Escritura Sagrada (Cap. 1), o Ser de Deus e suas obras (Caps. 2-5), o Pecado e a Salvação (Caps. 6-8), a Aplicação da Obra da Salvação (Caps. 9-15), a Vida Cristã (Caps. 16-21), o Cristão na Sociedade (Caps. 22-24), a Igreja e os Sacramentos (Caps. 25-29), a Disciplina Eclesiástica e os Concílios (Caps. 30-31), as Últimas Coisas (Caps. 32-33)

⁴⁰ O Catecismo Maior de Westminster (CMW) é composto de 196 perguntas e respostas e é dividido em três partes: Primeira – A finalidade do homem, a existência de Deus e as Escrituras Sagradas (Perguntas de 1-5), Segunda – O que o ser humano deve crer sobre Deus (Perguntas de 6-90), quais são os nossos deveres (Perguntas 91-196). Por sua vez o Breve Catecismo de Westminster (BCW) tem apenas 107 perguntas e respostas.

⁴¹ Cf. nos Anexos.

Éden, o homem tornou-se morto em seus delitos e pecados. (Ef. 2:1,5) - não pode salvar a si mesmo. Por isso, esse homem, conseqüentemente, ficou impossibilitado, através da sua própria vontade, força ou méritos de buscar a Deus. **Eleição Incondicional** – Afirma que a salvação não acontece dentro de uma possibilidade que esteja ao alcance do homem, ou seja, o homem nada pode fazer para ser salvo. Os eleitos para salvação são frutos da graça misericordiosa de Deus. Não há nenhum mérito na salvação, a não ser os méritos conquistados por Cristo na cruz do calvário. **Expição Limitada** – Prega que o sacrifício de Cristo foi somente para os eleitos de Deus, isto é, cada gota do sangue de Cristo não foi derramada em vão, mas com o objetivo de justificar os Seus eleitos. Nesse caso, a salvação não é uma possibilidade, mas algo certo. **Graça Irresistível** – É a certeza de que todos os Eleitos por Deus serão salvos. Todavia, isso não acontecerá aleatoriamente, mas através da pregação da Palavra de Deus. **Perseverança dos Santos** – Assegura que os Eleitos uma vez salvos, salvos para sempre. Os méritos serão sempre de Cristo. Ele não só morreu para salvar os seus Eleitos, mas de fato assim fez. Isto é, a salvação não é fruto de um esforço humano, mas da graça de Deus. Porém, isso não significa que os salvos, podem viver de qualquer jeito, ou numa vida que tenha prazer no pecado. Os calvinistas creem que, quem assim pensa e vive é porque ainda não foi salvo.

3.2. A confessionalidade da doutrina pentecostal: A experiência com o “Espírito Santo” uma herança deixada pelos pioneiros

A doutrina pentecostal que nesse momento passaremos a mostrar limitar-se-á, à doutrina das Igrejas Assembléias de Deus (AD), por ser a mesma, o nosso objeto de estudo/pesquisa. Lembrando que a reação da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), no início da década de vinte, em Pernambuco, foi à doutrina propagada pelas Assembléias de Deus, tendo em vista a mesma ter sido a primeira e a única denominação pentecostal no estado de Pernambuco durante aquele período.

Introdutoriamente surge a necessidade da pergunta: Em que creem os Assembléianos? Qual é, de fato, a sua ênfase doutrinária? Essas e outras perguntas podem muito bem ser respondidas através do *Manual de Doutrina das Assembléias de Deus no Brasil* (2001), o qual, no seu sumário, traz os seguintes tópicos, sobre: Deus; A

Bíblia; O Nascimento de Jesus; O Pecado; A Salvação; O Batismo em Águas; O Espírito Santo; A Segunda Vinda de Cristo; O Juízo Vindouro; e por último, A Vida Eterna.

Entre esses tópicos do sumário supracitado, de forma geral, não há muita divergência entre a doutrina das Igrejas Assembléias de Deus e a Presbiteriana, ou seja, de igual modo creem em Deus; no sacrifício de Cristo para a salvação através da fé; na inerrância das Escrituras, etc. Porém, o grande problema da discussão doutrinária, tanto no passado como ainda no presente, gira em torno da questão da *Pneumatologia* (doutrina do Espírito Santo), bem como de alguns aspectos/pontos da *Soteriologia* (doutrina da Salvação). Todavia, nos detemos apenas na questão da *Pneumatologia*, e mais especificamente, sobre o batismo do Espírito Santo e o falar em línguas, considerando que foram esses pontos que causaram a reação dos presbiterianos na década de vinte, marco temporal estabelecido para o nosso estudo.

Não pretendi discutir o assunto concernente a doutrina do Espírito Santo, porém, desejei apenas trazer a tona a grande relevância dada pelos assembléianos em relação a esse tema. Araújo (2007) falando das doutrinas pentecostais afirma:

Os principais temas pentecostais são: a doutrina do Espírito Santo (pneumatologia, procedente dos termos gregos *pneuma* [espírito], *hagios* [santo] e *logia* [estudo, ciência]. Também é usado o termo paracletologia (de *paraklêtos* [consolador, Jo 16.7]; o batismo no Espírito Santo (At 2.1-13); o falar noutras línguas (gr. glôssais lalein) o dom ou dons (gr. dōrea, dōron, doma ou domata, dōrema, dádiva, presente, graça, mercê); os dons do Espírito Santo (gr. pneumatika, coisas espirituais; charismata, graça, manifestações ou demonstrações ou “favores”; phanerōseis, manifestações ou demonstrações; energēmata, operações; diakoniai, ministérios); os dons espirituais (gr. pneumatika), mencionados em I Coríntios 12. 1-11 e enfatizados por meio dos seus mais conhecidos: profecia, línguas, dons de curar e maravilhas; os dons ministeriais (gr. diakoniai), de Efésios 4.11 (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres); a plenitude do Espírito (Ef 5.18); a santificação (I Pe 1.15); o fruto do Espírito (Gl 5.22); a cura divina (Mc 16.18); o pecado contra o Espírito Santo (Mt 12. 31-32); a unção com óleo (Tg 5. 14-15); a imposição de mãos (Mc 16.18); o jejum (Mt 6.16-18; 9.14-17); a expulsão de demônios (Mc. 16.18); a batalha espiritual (Ef 6.12); e as últimas coisas ou eventos futuros (escatologia, do gr. *eschatos* [último numa sucessão] e *logia* [estudo ou tratado]), salientados pelo grande tema “a segunda vinda de Jesus Cristo” (I Co 15 e I Ts 4). (p.272)

Como bem pudemos perceber, há uma atenção maior por parte dos pentecostais/os assembleianos, à doutrina que trata da questão da *Pneumatologia* (doutrina do Espírito Santo). É bom lembrarmos que a fonte da citação mencionada é o próprio *Dicionário do Movimento Pentecostal*, publicado pela editora das Assembléias de Deus (CPAD). Essa observação tem sua importância, tendo em vista que, não é ninguém de fora do movimento que interpreta dessa maneira, mas eles mesmos. Isto é, os próprios assembleianos. O que pudemos perceber é que, a Igreja Assembléia de Deus, não só deu importância a esse assunto através dos seus pioneiros no início do movimento, mas continua com esse mesmo objetivo. Exemplo disso é que, nas suas próprias publicações para as escolas dominicais, há uma revista denominada *Lições Bíblicas da Escola Dominical*, que, ao tratar do tema sobre o Espírito Santo “foi tema geral de três trimestres: 3º trimestre de 1988, comentarista Raimundo de Oliveira; 1º trimestre de 1998, Valdir Nunes Bicego; e 3º trimestre de 2006, Antônio Gilberto.” (ARAÚJO, 2007, p.272).

Para Araújo (2007), a publicação dessa revista não é fruto do acaso, ou seja, há um objetivo com a mesma, há um alvo a ser alcançado, pois ela é um “forte veículo de instrução nas doutrinas pentecostais nas Assembléias de Deus.” (p.272).

Nessa mesma revista *Lições Bíblicas*, no 3º trimestre de 2006, a capa trouxe o seguinte título: *As Doutrinas Bíblicas Pentecostais: Centenário do Movimento Pentecostal Mundial: 1906-2006* (a data inicial é fruto do grande avivamento que houve na Rua Azusa 312, Los Angeles, Califórnia). Nessas revistas há uma parte chamada de Verdades Bíblicas, e nesse número (3º trimestre de 2006) na primeira lição encontramos a seguinte afirmação: “Deus é infinitamente poderoso para hoje derramar sobre nós o seu Espírito como um rio transbordante, assim como fez no passado.” (ANTÔNIO, 2006, p. 3). Aqui surge uma pergunta: O que foi que Deus fez no passado que os adeptos do movimento pentecostal deveriam constantemente lembrar e desejar no presente? Além das manifestações do Espírito Santo em Atos dos Apóstolos, deveriam também lembrar a operosidade do Espírito Santo na vida dos seus próprios líderes pioneiros, e ter também essas experiências ainda hoje. E quais foram essas experiências? Gunnar Vingren, no seu *Diário* (2003), faz lembrar algumas:

Concluí meus estudos e fui diplomado em maio de 1909. Durante esse tempo eu havia entregue uma solicitação para ser enviado como missionário. Depois dos estudos, assumi o pastorado da Primeira

Igreja Batista em Menominee, Michigan, de junho de 1909 a fevereiro de 1910. (...) No verão de 1909, Deus me encheu de uma grande sede de receber o batismo com o Espírito Santo e com fogo. Em novembro do mesmo ano, pedi licença à minha igreja para visitar uma conferência batista que deveria ser realizada na Primeira Igreja Batista Sueca em Chicago. Fui à Conferência com o firme propósito de buscar o batismo com o Espírito Santo. E, louvado seja Deus, depois de cinco dias de busca, o Senhor Jesus me batizou com Espírito Santo e com fogo! Quando recebi o batismo, falei novas línguas, justamente como está escrito que aconteceu com os discípulos no dia de Pentecoste, em Atos 2. É impossível descrever a alegria que encheu o meu coração. Eternamente o louvarei, pois Ele me batizou com o seu Espírito Santo e com fogo. (pp.24-25).

Todavia, o que tinha tudo para ser comemorado com bastante alegria, tendo em vista tratar-se da manifestação do poder de Deus, segundo o próprio relato de Vingren (2003), não foi o que aconteceu, ou seja, houve uma reação não tão animadora pela sua própria igreja, pois ele mesmo afirma:

Quando voltei para a minha igreja em Menominee, Michigan comecei a pregar a verdade que Jesus batizava com o Espírito Santo e com fogo. O resultado é que tive de deixar a igreja, que ficou dividida, pois metade creu nesta verdade e a outra metade se endureceu. Os que não creram me obrigaram a deixar o pastorado. Fui então para a igreja em South Bend, Indiana. Todos ali receberam a verdade e creram nela. Na primeira semana Jesus batizou dez pessoas com o Espírito Santo e com fogo. Louvado seja o seu nome para sempre! No total foram quase vinte pessoas batizadas com o Espírito Santo naquele verão. Glória a Jesus! Assim, Deus transformou a igreja batista em South Bend, Indiana, em uma igreja pentecostal. Deixei South Bend no dia 12 de outubro de 1910. (pp. 25-26).

Vingren relata, no seu *Diário* (2003), informações sobre as reuniões de orações que ele frequentava e o que acontecia:

Em um determinado dia Deus colocou no meu coração que deveríamos nos reunir num sábado à noite, para orar na casa de um irmão da igreja que tinha sido batizado com o Espírito Santo. Enquanto orávamos, o Espírito veio de maneira poderosa sobre nós. (...) Durante aquelas semanas de oração, sentimos o poder de Deus vir sobre nós como pressão, como um forte peso, de tal maneira que muitas vezes não conseguíamos nos sentar à mesa para comer. Caíamos no chão, dobrávamos os joelhos e em alta voz louvávamos o nome do Senhor. Estávamos tão cheios de gozo do Espírito Santo, que clamávamos com voz elevada, cada um onde estava. (...) Em uma daquelas reuniões durante esse período de oração, notamos que um

dos irmãos foi arrebatado em espírito de maneira especial, como um arrebatamento profético. (pp.26-27).

É interessante notar que, na proporção da leitura, a impressão é de que estamos lendo informações escritas por um fiel das Assembléias de Deus, feitas nesse exato momento, ou seja, as práticas vivenciadas, apesar de um século de distância entre o pioneiro Vingren e um adepto da igreja Assembléia de Deus hoje, são as mesmas. Isto é, notamos as mesmas buscas, as mesmas ênfases; segundo relato desses adeptos, as mesmas experiências são vivenciadas. Diferentemente do que é visto entre as igrejas tidas como históricas, oriundas da Reforma Protestante do século XVI. Essas igrejas, na sua grande proporção, estão completamente diferentes da visão implantada pelos seus próprios pioneiros, e cada vez mais têm se distanciado.

As experiências na vida de Gunnar Vingren continuaram. Certa vez relatou detalhes da sua convicção para ser missionário no estado do Pará, eis as suas palavras:

Um outro irmão, Adolfo Ulldin, recebeu do Espírito Santo palavras maravilhosas, e vários mistérios sobre o meu futuro Ihe foram revelados. Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que eu deveria ir para o Pará. Foi-nos revelado também que povo para quem eu testificaria de Jesus era um de um nível social muito simples. Eu deveria ensinar-lhes os primeiros rudimentos da doutrina do Senhor. Naquela ocasião tivemos o imenso privilégio de ouvir através do Espírito Santo a linguagem daquele povo, o idioma português. Ele também nos disse que comeríamos uma comida muito simples, mas Deus nos daria tudo o que fosse necessário. (...) O que faltava era saber onde estava situado o Pará. Nenhum de nós o conhecia. No dia seguinte eu disse ao irmão Adolfo: Vamos a uma biblioteca aqui na cidade para saber se existe algum lugar na terra chamado Pará. Nossa pesquisa nos fez saber que no Norte do Brasil havia um lugar com esse nome. Confirmamos mais uma vez que Deus nos tinha falado. Aceitei minha chamada com inteira convicção de sua origem divina. Glória a Jesus! (...). (VINGREN, 2003, pp. 27-28).

Vingren (2003) fala, também, como conheceu o seu inseparável companheiro, Daniel Berg, e como os dois vieram para o Brasil, especificamente para o estado do Pará:

Conheci Daniel Berg em novembro de 1909, em Chicago, quando eu estava buscando o batismo com o Espírito Santo. No ano seguinte, enquanto Berg estava trabalhando numa quitanda em Chicago, o Espírito Santo mandou que ele se mudasse para South Bend, Indiana, onde eu era pastor da igreja, para juntos louvássemos o nome do Senhor. Ele deixou o seu trabalho, veio para South Bend e disse-me: Irmão Gunnar, Jesus ordenou-me que eu viesse me encontrar com o irmão para juntos louvarmos o seu nome. Eu respondi: Está bem! Daniel passou a participar comigo dos cultos, e a testificar e louvar ao Senhor por sua maravilhosa salvação. Um dia sentimos que era a vontade de Deus irmos à casa do irmão Adolfo Ulldin, o homem que Deus usara quando me chamou para o Brasil. Chegamos à sua casa num sábado à tarde, justamente quando ele estava chegando do trabalho. Quando entramos na cozinha, o poder de Deus veio sobre o irmão Ulldin, e ele foi arrebatado em espírito, como das outras vezes. E foi durante aquela poderosa reunião que Daniel Berg recebeu a sua chamada para me acompanhar ao Brasil. Isto tudo aconteceu no verão de 1910. Deus nos revelou, quando estávamos orando em outra ocasião, que deveríamos sair de Nova Iorque com destino ao Pará. E para nos orientar mais ainda, nos revelou a data: 5 de novembro de 1910. Ainda não sabíamos se havia algum navio partindo para o Brasil naquele dia, mas tudo foi comprovado depois. Partimos do Porto de Nova Iorque justamente no dia que Deus nos tinha revelado. (...) Quatorze dias após haveremos saído de Nova Iorque, chegamos ao Pará. Era o dia 19 de novembro de 1910. O navio ficou fora do porto, e uma pequena embarcação nos transportou até o cais. (pp.28-32).

Um fato curioso é que, em relação à região do Pará ter sido escolhida por Berg e Gunnar, a história da Assembléia de Deus, baseada no relato do próprio Gunnar, afirma que tal escolha deveu-se a uma profecia que eles ouviram, e o que fizeram foi obedecer à voz de Deus. Porém, Freston (1994) diz que o pastor sueco que pastoreava a igreja batista no Pará, na realidade também “era um sueco emigrado para os Estados Unidos, que desde 1897 implantava igrejas em toda Amazônia. É provável que o nome *Pará* já tivesse aparecido em relatos seus enviados à comunidade batista sueca nos Estados Unidos.” (p.70). A tese do *Pará* já ser conhecido reforça-se com o estudo/artigo de autoria do professor Siepierski (2002), quando o mesmo afirma que:

Pará era uma palavra muito conhecida na região de Chicago (...). Entre 1860 e 1910 a Amazônia reinou absolutamente como fornecedora de borracha para a indústria mundial, esse é também o período em que Chicago se torna o centro industrial dos Estados Unidos, e o tipo *Pará* era considerado o padrão mundial de qualidade dessa matéria prima (...). Com a borracha, a renda *per capita* da região passou de 49 dólares, em 1840, para 323, dólares, em 1910. Belém, Manaus e Iquitos, estado do Peru, conheceram grande crescimento

econômico. Belém era não apenas um centro de recrutamento de trabalhadores, mas também um local para onde os trabalhadores retornavam para gastar seu dinheiro no período fora da estação de extração do látex. (pp.552-575).

Pelo fato de ser grande a demanda por mão de obra, para os seringais, muitos foram os nordestinos, principalmente os cearenses, castigados pelas secas de 1870, que foram atraídos por uma possível melhora de vida, até porque “no início do século vinte tal salário chegou a ser cerca de cinco vezes maior do que aquele no Nordeste.” (SIEPIERSKI, 2002, p. 552).

Voltando a nossa atenção mais uma vez, à questão da confessionalidade das Assembléias de Deus no Brasil, faremos uso de alguns dos seus posicionamentos relatados no seu próprio *Manual de Doutrinas* (2001).

Em primeiro lugar, é justo lembrar que nem tudo que acontece no meio do movimento pentecostal, seja aprovado por todos, isto é, muito do que se afirma em relação às “experiências” que dizem ter alguns adeptos, é, em alguns casos, reprovado pela própria liderança da igreja. E para deixar claro o que pensam sobre a terceira Pessoa da Trindade, o Espírito Santo de Deus, eles afirmam:

Sobre a doutrina acerca do Espírito Santo, urge prevenirmos os mal-entendidos. Isso porque o tipo de relacionamento que a maioria dos cristãos vem tendo com o Espírito Santo, a terceira Pessoa da Trindade, é absolutamente estranho e ao mesmo tempo paradoxal, quando analisado à luz da nossa declaração de fé, que diz: “Cremos [...] em um só Deus eternamente subsistente em três Pessoas: O Pai, o Filho e o Espírito Santo”. Esse relacionamento resulta, ao que tudo indica, da má compreensão das metáforas que a Bíblia usa para caracterizar algumas das manifestações do Espírito Santo, aliada ao uso exaustivo, sistemático, repetitivo e exagerado de simbologia em algumas culturas pentecostais. Isso fica provado quando ouvimos e analisamos as orações feitas ao Espírito Santo, quando lhe atribuímos apenas poder energéticos. Já parou para observar como nós oramos: “Ó Deus, manda a força do Espírito, o poder do Espírito, a unção do Espírito e nos enche de sua virtude...”? De fato a o Espírito Santo é força, poder, mas, sobretudo a terceira Pessoa da Trindade (...). Quem está acostumado à só ouvir que o Espírito é como fogo, vento, chuva, orvalho, pomba etc., jamais conseguirá enxergá-lo como uma Pessoa. (pp.45-46).

Quanto à questão da interpretação da ação do Espírito Santo, nos dias de hoje, na vida do crente em Jesus Cristo e, particularmente, em relação ao batismo com o Espírito

Santo, para os adeptos da doutrina das Assembléias de Deus há uma distinção entre o momento de conversão e o batismo com o Espírito Santo, ou seja, esses dois eventos acontecem separadamente, no *Manual de Doutrina das Assembléias de Deus* (2001), encontramos a seguinte afirmação:

O batismo com o Espírito Santo é uma bênção distinta da salvação. Conquanto a terceira pessoa da Trindade tenha papel relevante na conversão e passe, desde então, a habitar no novo crente, o Novo Testamento deixa claro que há um momento específico da vida cristã em que o salvo recebe esse batismo, também chamado de revestimento. Essa experiência, toda vez que é mencionada no livro de Atos dos Apóstolos, aparece como algo distinto do novo nascimento (At 2.38; At 11. 12-17). (pp.48-49).

Faz-se necessário também lembrar que o *Pentecostalismo Clássico*, ou seja, os pentecostais oriundos da primeira onda do pentecostalismo (Congregação Cristã no Brasil e Assembléia de Deus), não são favoráveis ao advento do *Neopentecostalismo* (movimento oriundo do pentecostalismo clássico, que aparece no cenário evangélico brasileiro a partir da década de 70). A Igreja Assembléia de Deus, no seu *Manual de Doutrinas* (2001), em relação às práticas do neopentecostalismo, diz:

Com o surgimento do neopentecostalismo, vieram também à tona várias teorias diferentes sobre a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Há quem afirme ser essa evidência uma explosão de alegria, outros inserem no ato de ungir com óleo a garantia do batismo e alguns preferem deixar a questão em aberto, sem determinar uma fórmula específica. Mas a Bíblia continua sendo o nosso padrão nessa área, identificando o falar em línguas como a evidência inicial do batismo no Espírito Santo. Foi assim no dia de Pentecoste (At 2.1-31). A experiência repetiu-se por ocasião da conversão de Cornélio e de sua família (At. 10.45,46), bem como a chegada do apóstolo Paulo em Éfeso, em sua primeira viagem missionária (At 19. 1-6). Nesses casos, o fenômeno que indicava o batismo era falar em línguas. Mesmo no episódio da evangelização de Samaria, quando os apóstolos impuseram as mãos para que os crentes recebessem o Espírito Santo, fica implícita a idéia de um fenômeno físico, visível, que levou o mágico Simão a ambicionar a possibilidade de exercer o mesmo milagre (At 8. 14-24). (p.49).

Como pudemos perceber o livro de Atos dos Apóstolos, para os crentes das Assembléias de Deus, não serve como um livro histórico e transitório, mas, sim, como um manual doutrinário. Pois vimos que, para os adeptos das doutrinas das Assembléias de Deus, a conversão acontece separadamente do batismo com o Espírito Santo, sendo esse acontecimento evidenciado pelo falar em línguas/estranhas. No seu *Manual de Doutrina* (2001) eles ratificam isso quando afirmam:

Pelo contexto de Atos, o que poderia ser senão o falar de línguas? Assim as línguas identificam o crente quando este é batizado no Espírito Santo. O batismo no Espírito Santo tem como finalidade capacitar o crente para a vida cristã vitoriosa e, sobretudo, para testemunhar com ousadia sobre a sua fé em Cristo, mesmo nas circunstâncias adversas, em que as convicções espirituais podem até ser aprovadas pelo martírio. Nessas horas, é o poder advindo do batismo no Espírito Santo que dará força ao crente para suportar a dura prova da perseguição (At 13. 44-52). Por isso, vale a pena estimular os crentes buscar o batismo no Espírito Santo. (pp.49-50).

3.3. J. R. Smith: O pioneiro do presbiterianismo em Pernambuco: A semente foi lançada, a árvore cresceu e deu frutos⁴²

O presbiterianismo, em Pernambuco tem como marco o dia 15 de janeiro de 1873, quando o navio “ONTARIO”, de 4.000 toneladas, atracou no cais do porto do Recife. Entre os tripulantes um jovem missionário, de 27 anos, o Rev John Rockwell Smith. Foram 33 dias de uma longa viagem que partiu dos Estados Unidos da América. O pastor Rockwell Smith era de boa estatura, magro e cheio de esperanças de pregar o evangelho em uma região praticamente não alcançada pela fé evangélica.

Smith nasceu em Lexington, Kentucky, EUA, em 1846, e graduou-se pelo Union Theological Seminary, na Virginia, com 25 anos. Era tido como pastor de forte convicção calvinista, assim, como foi muitos missionários no passado, e tinha como

⁴² No ano de 1978, considerando o Centenário da Primeira Igreja Presbiteriana do Recife, o Jornal *Brasil Presbiteriano* publicou vários artigos, com o seguinte título “As cartas do Rev. J. Rockwell Smith”. Encontramos no primeiro número a seguinte informação: “Ao ensejo das comemorações de centenário do presbiterianismo no Nordeste brasileiro, começamos a publicar as cartas que o pioneiro, Rev. John Rockwell Smith, escreveu desde os seus primeiros dias no Brasil. Estas cartas foram divulgadas pela primeira vez em *The Missionary*, no ano de 1873. A primeira delas data de 31 de janeiro de 1873.” Cf. Ano XVIII, nº 2, 15 de Janeiro de 1978, p. 1 (capa).

objetivo, propagar a semente do protestantismo para ser semeada em terras brasileiras. Seu desejo de pregar a Palavra fica evidenciado quando, ainda no navio que o trazia, pregou no tombadilho para toda tripulação e passageiros, inclusive para um grupo de naufragos do Erie (navio irmão do "ONTARIO"), que naufragara a 60 milhas da costa. Smith relata na sua primeira carta detalhes da sua viagem, e lembra o que aconteceu com o naufrágio do navio Erie:

Depois de uma viagem segura e agradável no vapor Ontário, com a bondade e os cuidados de Deus chegamos a Pernambuco na manhã de 15 de janeiro. O Ontário é uma embarcação grande e confortável, de cerca de 350 pés de comprimento, cerca de 140 pés de largura, 35 pés de profundidade e 4.000 toneladas de porte. Não fomos atingidos por tempestade alguma; nem ao menos tivemos mau-tempo. Durante alguns dias tivemos vento contra forte, diminuindo um pouco nossa velocidade, mas o tempo perdido foi recuperado antes de chegarmos a Pernambuco. Fomos poupado da triste sina do Erie, navio irmão do Ontário, que trouxe o Sr. LeConte da América a 23 de novembro. Queimou-se em sua viagem de volta, 60 ou 70 milhas ao norte deste local, na noite de 1º de janeiro. Partiu aproximadamente às 4 horas daquela tarde, aparentemente bem. Aproximadamente às 10 horas naquela noite foi descoberto que pegava fogo; e o fogo já havia feito tal progresso, que foi impossível salvá-lo. Felizmente estava perto de terra, e toda sua tripulação e passageiros foram salvos nos barcos. Levava a maior carga de café que jamais saiu do Rio – 25.000 sacas – e foi toda perdida. Parece que pegou fogo a partir de uma biela na fornalha de galé, sob o tombadilho. A construção era ruim. A biela correspondente do Ontário foi encontrada um dia vermelha e quente, e a viga em fogo. Não levando carga foi facilmente descoberta e a viga cortada fora, salvando-nos assim.⁴³

Smith passou a residir na Rua Imperial (Recife/PE), no 1º andar do sobrado nº 71, alugado de uma senhora escocesa e pagando 60 dólares por mês. Um mês após sua chegada, escreve uma carta à sua Missão dando notícias dos frutos do seu trabalho⁴⁴:

⁴³ Esta é primeira carta do Rev. Smith, datada em 31 de janeiro de 1873. Cf. o Jornal Brasil Presbiteriano - BP, _ Parte 1_ ANO XIII, nº 2, 15 de janeiro, de 1978, p. 1 (Capa).

⁴⁴ O Rev. Smith chegar a relatar detalhes da sua nova moradia: “Minha saúde é excelente. Estou confortavelmente instalado em uma pensão de uma senhora escocesa, meu quarto é agradável e bem mobiliado. Pago aproximadamente sessenta e cinco dólares por quarto e comida”. Cf. Brasil Presbiteriano, As cartas do Rev. J. Rockwell Smith _ II Parte _ , ANO XVIII, nº 3, 1º Fevereiro 1978, p. 3

A boa obra continua. Desde minha última carta, descobri um fato interessante. O trabalho aqui já se iniciara. Algumas semanas depois, uma carta do irmão Lane me informou de um colportor da Sociedade Bíblica Britânica nesta cidade (...). É um senhor de idade; seu nome é Manoel José da Silva Viana. É um português que viveu no Rio de Janeiro durante quase 20 anos, e é diácono, ali, na Igreja do Dr. Kalley. O Sr. Viana visitou esta cidade (Recife) três vezes. A primeira, em 1869, quando ficou seis meses e não alcançou qualquer resultado. A segunda visita durou nove meses e, nessa ocasião, reuniu de 10 a 20 pessoas à sua volta. Voltou agora, pela terceira vez, chegando aqui em novembro último, e trouxe sua família consigo, pretendendo ficar. Reuniu um pequeno grupo de aproximadamente trinta pessoas (...)⁴⁵.

A religião católica, na época, era oficial. Não havia ainda a separação entre o Estado e a Igreja, o que viria acontecer com a Carta Constitucional de 1891 (após a Proclamação da República, em 1889). O jovem pastor Smith foi, por muitas vezes, vaiado, apupado e insultado pelos católicos.

Meses após sua chegada, visitou o Presidente da Província, quando entrou pela primeira vez no suntuoso Palácio do Campo das Princesas. Para a entrevista usou um intérprete, por não saber falar ainda o português. O Presidente lhe autorizara a pregar o evangelho, mas, em caráter particular, dentro de uma casa residencial e não em templo. Poderia ensinar inglês, vender ou distribuir Bíblias e livros religiosos, segundo o regulamento do Conselho de Instrução Pública, não transgredindo as leis do Império.

Pregou seu primeiro sermão no dia 10 de agosto de 1873, mesmo sem dominar bem o português. O texto escolhido foi Lucas 4:16-22 e seu auditório foi de 10 adultos, incluindo o missionário Boyle, de passagem para o sul do país e três crianças. O local da reunião foi uma casa situada no bairro de Santo Antônio, nas imediações da Rua Nova.

Depois do seu primeiro sermão continuou a pregar apenas nas manhãs dos domingos, fazia visitas durante a semana, e aprendia português com um jovem professor que contratara para ser seu intérprete quando visitou o Presidente da Província. Em setembro, Smith passou a pregar também nas quintas-feiras já com um

⁴⁵ Cf. Jornal Brasil Presbiteriano - BP, _ Parte 1_ ANO XIII, nº 2, 15 de janeiro, de 1978, p. 1 (Capa).

português melhor e mais compreensível. Escreveu uma longa carta à Missão, dizendo que pode pregar todas as manhãs dos domingos e que se comprometeu com os outros cultos nas noites de quinta-feira⁴⁶. Disse ele:

Nestes cultos, leio uma passagem da Escritura e faço alguns comentários “*ex-Tempore*”, enquanto leio. Estou lendo a Epístola aos Romanos, agora, com o intuito de chamar a atenção para dois fatos: o do pecado e o da justificação pela fé e pela graça, com suas conseqüências. O número de presentes não tem sido tão bom ultimamente como no início. A freqüência é geralmente 12 ou 13 pessoas, homens na maioria vindos do rebanho do Sr. Viana. A maioria não vem com regularidade. Mas devido ao fato de alguns terem vindo muitas vezes, espero que se tornem ouvintes do Evangelho com disposição; e que sendo visitados em suas casas possam, pela bênção de Deus, ser induzidos a se tornarem freqüentadores do culto. Dr. Kalley, do Rio de Janeiro, esteve na cidade durante o mês que passou. Batizou, no dia 19, 12 pessoas do pequeno rebanho recolhido pelo Sr. Viana.⁴⁷

O Rev. Smith, após falar o português mais corretamente, fez muitos amigos de várias classes sociais, e pregava em vários pontos da cidade e na Rua do Imperador, n 71. As portas ficavam agora abertas. Tornou-se um professor de inglês muito respeitado por todos. No entanto, quando pregava, geralmente era vaiado e insultado juntamente com os primeiros 12 convertidos. Diziam: Vamos apedrejá-los!. Vamos jogá-los no rio para irem nadando até o Palácio e se queixarem ao Presidente da Província. Esse americano barbudo precisa aprender a respeitar!⁴⁸

Em 1878⁴⁹, o Rev. Smith e os 12 primeiros convertidos, animados pelos resultados alcançados mesmo a duras penas, resolveram por em execução um plano que acalentavam há bastante tempo: organizar uma Igreja Presbiteriana no Recife. Na realidade seria a primeira Igreja Presbiteriana em Pernambuco. Para isso, fizeram dezenas de reuniões, discutiram muito e pediram a orientação do Senhor. Um dos convertidos, Belmiro de Araújo César, que nos anos posteriores seria ordenado pastor, o mais instruído deles, dizia sempre: “A Igreja deve ser organizada imediatamente... Adiante irmãos! Deus nos ajudará!”. Assim, no dia 11 de Agosto de 1878, o Rev.

⁴⁶ Cf. Anais do Centenário da Igreja Presbiteriana do Recife 1878 – Agosto – 1978. p. 83.

⁴⁷ Ibid, pp. 3-4.

⁴⁸ Idem, p. 5.

⁴⁹ Idem, pp. 6-9.

Rockwell Smith e seus 12 companheiros, reunidos em assembleia, fundaram a IGREJA PRESBITERIANA DE PERNAMBUCO, a qual foi instalada na Rua do Imperador nº 71, 1º andar, onde as reuniões se realizavam.

Rev. Smith falou, emocionado: “Meus irmãos, a assembleia aqui reunida acaba de aprovar a fundação, por unanimidade, da IGREJA PRESBITERIANA DE PERNAMBUCO, sob a bênção de Deus, nosso Pai e Criador. Esta data será lembrada através dos anos que virão, pois esta igreja que agora nasce, nesse clima de tensão e de restrições à divulgação da Palavra, tem uma missão a cumprir na história do evangelismo deste país. Olhando para o futuro, vejo que daqui sairão os homens que, pela Graça de Deus, levarão o Evangelho aos confins deste Estado e do País e até as outras partes do mundo! Declaro fundada a IGREJA PRESBITERIANA DE PERNAMBUCO. Declaro arrolados como membros fundadores os seguintes irmãos⁵⁰”:

1. FRANCISCO JOAQUIM PEREIRA PINTO
2. JOAQUIM DA COSTA WANDERLEY
3. JOSÉ INÁCIO DE ARAÚJO PEREIRA
4. EMILE FIAUX
5. BELMIRO DE ARAÚJO CÉSAR
6. JOÃO BATISTA DE LIMA
7. CHRISTIANO EUGÊNIO PEIXOTO
8. JOSÉ FRANCISCO PRIMÊNIO DA SILVA
9. AMÉLIA RUFINO DA SILVA PONTES
10. FRANCISCA ALVES DE ALBUQUERQUE
11. DOMERINDA PEREIRA DE ARAÚJO
12. IRINÉIA MARIA DOS PRAZERES

O irmão Belmiro César disse: “Meus irmãos! Um com Deus é a maioria. E nós somos 13! O Senhor há de nos guiar, de nos proteger, de nos guardar. Proponho que elejamos por aclamação nosso primeiro Pastor, o Rev. JOHN ROCKWELL SMITH, que há cinco anos vem realizando este extraordinário trabalho em nossa cidade”. Eleito o pastor, a assembléia termina em meio à grande alegria, tendo havido também a eleição

⁵⁰ Cf. essa relação nos Anais do Centenário da Igreja Presbiteriana do Recife 1878 – Agosto – 1978. pp. 6-7.

de dois presbíteros e dois diáconos. Foi aprovado um plano de evangelização com abertura de um ponto de pregação na Travessa do Príncipe, outro na Rua Imperial e outro em Areias.

Assim, estava instalada a Igreja Presbiteriana de Pernambuco que, mais tarde, seria chamada de PRIMEIRA IGREJA PRESBITERIANA DO RECIFE, os quais tinham agora pela frente, o desafio de cumprir uma missão espinhosa em meio às adversidades, perseguições e provações.

O trabalho realizado pelo pastor Smith frutificou. Três dos seus convertidos se tornaram ministros do evangelho. Não havia seminário na época e, por isso, todo preparo teológico foi fornecido pelo próprio Pr. Smith, no sobrado da Rua do Imperador. Ele lecionava todas as matérias, inclusive o grego do Novo Testamento. Os ministros se mostraram, posteriormente, com excelente preparo teológico e cultura geral.

Enfrentou perseguições como a movida pelo frade capuchinho Frei Celestino, inclusive através da imprensa, com o folheto “Resposta contra Resposta” que produziu bons frutos, como foi o caso da conversão de Juventino Marinho, em 1895. Era um menino de Goiana que, por fim, foi ordenado pastor, em 1889, e que seria um baluarte desta igreja a partir da última década do século passado, ao lado de William Porter, seu único colega de turma.

Ele permaneceu no Recife até 1892. Organizou cinco igrejas no Nordeste. Fundou o Jornal “Salvação de Graça”, impresso em Lisboa porque nenhuma tipografia queria fazer o trabalho. Casou-se, aos 34 anos, com uma jovem do Alabama, radicada em Santa Bárbara do Oeste, São Paulo. Em 1892, dedicou-se à formação de pastores, transferindo-se para Nova Friburgo, RJ. Depois foi para São Paulo e Campinas. Chegou a preparar mais de 50 ministros da Palavra. Morreu em 1918, em solo brasileiro. Foram seus sucessores no púlpito desta Igreja, George Butler, José Francisco Primênio da Silva, William Calvin Porter, Juventino Marinho (no seu pastorado a Igreja passou a ter o nome de Primeira Igreja Presbiteriana do Recife), Raimundo Bezerra Lima, Dr. Antônio Almeida, Dr. Jerônimo Gueiros, Dr. Israel Gueiros, e atualmente, Samuel Santos.

3.4. Adriano Nobre: um ex-presbiteriano torna-se o pioneiro do pentecostalismo em Pernambuco

Após o Estado do Pará ter sido alcançado com a mensagem pentecostal em 1911, não tardou muito para que essa mensagem alcançasse outros Estados do país. Cronologicamente a fé pentecostal, proferida pela Igreja Assembléia de Deus, disseminou na seguinte ordem: **Pará**, com Gunnar Vingren e Daniel Berg (1911); **Ceará**, com Maria José (1914); **Alagoas**, com Gunnar Vingren e Otto Nelson (1914); **Paraíba**, com Manoel Francisco Dubu (1914) **Roraima**, com Cordulino Teixeira Bastos (1915); **Pernambuco**, com Adriano Nobre (1916); nesse mesmo ano a mensagem pentecostal alcança o Estado do **Amapá**, com Clímaco Bueno Aza (1916), e assim por diante⁵¹.

Como bem pudemos notar, diferentemente do que alguns escritores tentam afirmar o pentecostalismo não chegou a Pernambuco (Recife) através de Joel Carlson⁵², pois, os relatos históricos comprovam que nesse estado, tudo começou com um ex-presbiteriano⁵³ de nome Adriano Nobre. Em relação ao trabalho que começou em Pernambuco, Emílio Conde (2000) diz:

Como ocorreu em tantos outros lugares do Brasil, Pernambuco também recebeu as primeiras chamas do Movimento Pentecostal graças ao espírito evangelizador e o pioneirismo que caracterizaram o trabalho da igreja em Belém do Pará. Foi graças à larga visão espiritual daquela igreja que um de seus membros, Adriano Nobre, foi enviado a Recife, em 1916, com o objetivo de testificar de Jesus e verificar as possibilidades de estabelecer um trabalho de evangelização na capital de Pernambuco. Inicialmente Adriano Nobre dirigiu alguns cultos em casas particulares e visitou famílias interessadas em ouvir a Palavra de Deus. Em uma dessas visitas ele encontrou um crente chamado João Ribeiro da Silva, que pertencia à outra denominação. Conversaram acerca do trabalho do Senhor e Adriano Nobre falou-lhe do batismo no Espírito Santo. João Ribeiro creu na promessa pentecostal e começou a buscá-la. Dessa data em diante os cultos passaram a ser realizados na casa de João Ribeiro, à Rua Ponte Velha, 27, no bairro dos Coelhos. Os primeiros cultos

⁵¹ Cf. a lista completa com ARAÚJO, Isael, Dicionário do Movimento Pentecostal, CPAD, 1ª edição, 2007, Rio de Janeiro, p. 56.

⁵² Falarei mais adiante sobre Joel Carlson.

⁵³ Durante o período (1911) em que Gunnar Vingren e Daniel Berg começaram o seu trabalho pentecostal no estado do Pará, já existia nesse Estado as Igrejas Presbiterianas do Brasil (IPB), bem como a Igreja Presbiteriana Independente (IPI). Todavia, Adriano Nobre fazia parte da IPI, segundo informações encontradas no jornal Estandarte Evangélico, de 1964, Nº 24, p. 1.

foram realizados sem qualquer assistente. Não era fácil naquele tempo atrair ouvintes. Porém, em 1917, Adriano Nobre batizou nas águas do rio Capibaribe duas pessoas, a irmã Lulu e o irmão Francisco Ramos. Foi esse o primeiro batismo de crentes da Assembléia de Deus efetuado em Pernambuco. Logo depois a irmã Lulu foi batizada com o Espírito Santo; a primeira, portanto, no Estado de Pernambuco. (pp.141-142).

Como bem pudermos perceber há inúmeros relatos históricos da própria Igreja Assembléia de Deus que ratifica o pioneirismo de Adriano Nobre no Estado de Pernambuco, exemplo disso são os dados de Silas Daniel (2004) quando informa:

Nobre (1883-1938) fora um crente presbiteriano, filho de seringalistas paraenses e comandante de navio da Companhia Port of Pará. Por falar inglês, ele serviu como intérprete para Gunnar Vingren e Daniel Berg no começo da obra no Brasil. Foi Adriano Nobre quem também ministrou aos pioneiros as primeiras lições da língua portuguesa, tendo se tornado depois um obreiro valoroso a serviço do Movimento Pentecostal. Ele, por exemplo, antecedeu o missionário Joel Carson em Recife, tendo evangelizado aquele Estado de 1916 a 1918, chegando a batizar dois crentes no Rio Capibaribe, entre eles a irmã Luli Ramo. (p.73).

Interessante observar que para Eraldo Omena (1993), mesmo já havendo denominações protestantes no Estado de Pernambuco (Recife), desde o século XVIII, o fato do pentecostalismo ainda não ter chegado ao estado durante esse período, fez com que ele visse a situação como não muito animadora. Ele destaca também a importância do pastor Adriano Nobre:

Nas primeiras décadas deste século, Pernambuco ainda guardava a inospitalidade característica de um deserto adusto e estéril em relação ao evangelho, não havendo nele espaço atrativo em que algumas denominações evangélicas, vindas para o Brasil no século passado, pudessem crescer, florescer e frutificar. Quando tudo parecia fomentar a continuidade de uma situação mórbida e sem perspectiva de vida, os pernambucanos tiveram a felicidade de ver chegar à capital de seu Estado um servo de Deus procedente de Belém do Pará, chamado Adriano Nobre, que servia ao Senhor, como cooperador do missionário Gunnar Vingren, e pregava o evangelho às populações justafluviais da bacia amazônica. [...] Enviado pelo missionário Gunnar Vingren, Adriano Nobre chegou a Recife, capital do Estado de Pernambuco, no ano de 1916, com o objetivo de anunciar o evangelho pleno, por ter em seu contexto a doutrina sobre os dons espirituais e as orações proferidas em grupo, também era chamado de Movimento Pentecostal. (pp.10-11).

Um fato interessante, digno de nota, é que mesmo havendo provas documentais que o trabalho pentecostal em Pernambuco é fruto do pioneirismo de Adriano Nobre, há quem atribua o pioneirismo em Pernambuco a Joel Carlson que só chegou em 1918, ou seja, dois anos após a chegada de Adriano Nobre. Uma possível explicação é que, Adriano Nobre, mesmo tendo abraçado a doutrina pentecostal, não deixou completamente de lado tudo que aprendeu no meio presbiteriano. Isso fez com que ele fosse afastado da Igreja Assembléia de Deus. Por sua vez, em certa ocasião Adriano escreveu uma carta pedindo a sua readmissão. Esse assunto entrou na pauta da 2ª Conversão Geral, em 1933:

À tarde, a segunda reunião teve início às 15h, onde foi debatido o teor de uma carta endereçada aos convencionais e redigida pelo Adriano Nobre. (...) Em 1933, porém, já havia algum tempo que Nobre se envolvera com novas doutrinas. No texto, Nobre pedia a sua readmissão ao ministério. A carta continha, além de uma explicação pessoal, 20 artigos, os quais ele chamava de “O meu credo”, isto é, os pontos doutrinários que dizia aceitar. Depois de largamente debatida a questão, “em um ambiente quase que unanimemente contra a readmissão de Adriano Nobre, ficou resolvido que não devemos fechar as portas das Assembléias a quem quer que seja, desde que os que desejarem voltar se mostrem arrependidos e renunciem a todos os erros passados. A Convenção resolve, então, pedir a retratação de Nobre. (...) A tal retratação nunca foi publicada. Adriano Nobre permaneceu desligado das Assembléias de Deus. (DANIEL, 2004, pp.73-74).

Após dois anos de trabalho no Estado de Pernambuco, Adriano Nobre retorna para Belém, e depois de um breve período chega a Pernambuco, para continuar o seu trabalho, o missionário Joel Frans Adolf Carlson (1889-1942):

Adriano Nobre voltou ao Pará, e os poucos crentes que havia em Recife ficaram sem assistência espiritual. José Domingos, que também pertencia a Assembléia de Deus em Belém, e tinha ido trabalhar em Jaboatão, voluntariamente prestou alguma assistência ao novel rebanho, dirigindo a Escola Dominical e os cultos à noite. No princípio, em 1918, o missionário Otto Nelson, que trabalhava em Alagoas, visitou Recife e efetuou o segundo batismo nas águas. Os batizados foram as irmãs Felipa, Mariquinha e João Ribeiro, o 'anfitrião' da igreja que iniciava suas atividades. Ao mesmo tempo que isso acontecia, chegavam a Belém, vindos da Suécia, Joel e Signe Carlson, que mais tarde deveriam desempenhar papel importante na obra de evangelização em Pernambuco (CONDE, 2000, p.142).

3.5. Joel Carlson, entre o desânimo e os embates, finalmente a promessa: “Jesus fará uma grande obra também em Recife!”

“No dia 20 de outubro de 1918 Joel Carlson e esposa chegaram a Recife” (CONDE, p.142). Com apenas quatro dias depois da sua chegada, dirigiu o seu primeiro culto na casa de um irmão chamado João Ribeiro. No culto compareceram poucas pessoas (os crentes não eram muitos, apenas quatro batizados e alguns ouvintes do Evangelho). As dificuldades seguiram-se por um bom tempo. Mesmo havendo um trabalho realizado antes da sua chegada, isso não significou que a situação foi fácil, pelo contrário. Araújo (2007) afirma que:

Os primeiros anos foram extremamente difíceis. O povo não demonstrava interesse pela Palavra de Deus. Um ou outro se convertia, mas não era o bastante para animar os missionários. Joel Carlson, nessa época visitou Paraíba e o Rio Grande do Norte, verificando que nesses lugares se convertiam muitas pessoas. Ficou tão entusiasmado com o que vira, que desejou mudar-se para um daqueles Estados. Ao retornar a Recife e comunicar sua resolução a João Ribeiro, este aconselhou, dizendo: “Não faça isso! Jesus fará uma grande obra também em Recife!” (p.156).

Tudo leva a crer que as simples palavras de encorajamento do irmão João Ribeiro, foram suficientes para que Joel Carlson sentisse um novo ânimo. No ano seguinte, ou seja, “em 1919, compraram um mocambo (uma pequena casa coberta de palha) no bairro de Gameleira, atual Cabanga, onde realizaram cultos por alguns meses, com bons resultados. Muitas pessoas aceitaram Jesus ali.” (ARAÚJO, p.156). Carlson é consolado por Deus, “através de uma profecia, o Senhor confortou o seu servo dizendo: Não desistam, mas creiam em mim. A obra crescerá neste lugar, quer o povo queira, quer não. Logo após essa profecia as bênçãos divinas desceram do céu, e Jesus salvou muitas pessoas.” (CONDE, p.142).

Em Recife definitivamente o trabalho passou a crescer. O resultado do trabalho já exigia um novo local. Não havia como manter o grupo apenas nas casas dos irmãos. Por esse motivo Joel Carlson resolveu tomar as devidas providências: “Em 1922, Carlson alugou, em Recife, um salão que antes fora um depósito de sal, e que comportava mais de 300 pessoas. Ficava num local estratégico e de muito movimento.” (ARAÚJO, p. 156). Sem falar que “o Senhor batizava muitos com o Espírito Santo, e

outros eram milagrosamente curados. O trabalho confirmava-se e estabelecia-se definitivamente.” (CONDE, 143). “O trabalho tornou-se conhecido e o número de ouvintes crescia continuamente.” (ARAÚJO, p.156). Como o trabalho crescia cotidianamente, conseqüentemente as responsabilidades multiplicaram-se, e “para atender às necessidades do trabalho, em 1923 foram separados para servirem como diáconos quatro irmãos. Dois deles, Alexandrino Rodrigues e Manoel Gomes, tinham vindo da igreja em Belém.” (CONDE, p. 143). E o trabalho na capital pernambucana aumentava mais e mais, segundo os seus próprios relatos, pessoas eram batizadas com o Espírito Santo, e muitas outras eram curadas de enfermidades:

Almas foram salvas, endemoninhados libertos, e crentes, batizados com o Espírito Santo. Muitos doentes foram curados e houve grande despertamento. Num culto, quando vários foram batizados com o Espírito Santo, os vizinhos chamaram a polícia. (...) Uma mulher louca, que tinha estado correndo no mato por uma semana inteira, foi trazida ao culto, e foi liberta, salva e batizada com o Espírito Santo. Um homem que foi salvo queimou dois sacos cheios de ídolos que tinha em casa. Uma mulher que foi salva testemunhou ao seu marido e aos sete filhos. O esposo ficou furioso ao ver todos os filhos entregarem-se a Jesus. Ela quis levar os filhos para o culto de oração, mas o esposo não permitiu; ela teve de ir sozinha. Os filhos mais pequenos foram espancados e os maiores, xingados. Então as crianças entraram num quarto e começaram a orar a Deus. Depois de alguns minutos o primeiro dele foi batizado com o Espírito Santo e logo todos os outros. Quando a mãe voltou do culto onde ela tinha recebido a promessa do Espírito Santo, encontrou todos os filhos orando pelo pai que chorava e pedia perdão dos seus pecados (Atos 16.31). (...) Em certos cultos, até 20 pessoas se entregam a Jesus, e muitas são batizadas com o Espírito Santo no meio do culto. (...) Realizamos batismo cada segundo mês, e sempre há uma grande multidão para batizar. O maior batismo que tivemos foi de 106 pessoas, mas geralmente batizamos 40 a 70 candidatos. (VINGREN, 1987, pp. 57-58).

Como bem pudemos perceber mesmo o trabalho tendo começado com Adriano Nobre, foi com Joel Carlson que o trabalho definitivamente cresceu. Não é por acaso o apreço que os assembléianos pernambucanos têm por esse pioneiro. Foi ainda no ministério de Carlson que o templo-sede da AD em Pernambuco foi inaugurado:

Em 15 de abril de 1928, Joel Carlson inaugurou o novo templo-sede da AD em Pernambuco, que, na época, já contava com mais de 1,5 mil membros. O templo, que existe até hoje e está situado no bairro de Encruzilhada, foi sede do trabalho até 1977, quando foi inaugurado o

atual templo-sede, em Santo Amaro. Por esse tempo, o número de conversões alcançou uma média de 20 decisões por culto. (ARAÚJO, p. 156).

Mesmo havendo um crescimento constante entre o movimento pentecostal durante esse período, isso não significa dizer que foi um momento de paz e que gozou da simpatia de todos. Pelo contrário, não só descrentes eram incomodados, bem como a própria igreja evangélica situada nesse estado, é certo também que houve quem apoiasse o movimento:

Certo dia, um pastor de outra denominação pediu ao delegado de polícia que tomasse providências contra os pentecostais. Então o delegado enviou um soldado, a fim de observar a “nova seita” (assim eram chamados os pentecostais na época) e fazer um relatório do que presenciasse. O militar entrou no salão onde se reunia o casal Carlson com os crentes, sentou-se e observou tudo atentamente, anotando o necessário. Na hora do convite, foi à frente, aceitando Cristo como seu Salvador. Ao retornar à delegacia, deu as melhores informações possíveis. Posteriormente, um grupo de crentes de outra denominação, vendo as injustiças cometidas contra os assembleianos, doou um salão ao missionário. Esse salão tornou-se uma congregação da AD no bairro de Santo Amaro. (ARAÚJO, p. 157).

3.6. Os presbiterianos afirmam: “O Pentecostismo não encontra lugar nas ramificações históricas da Igreja de Cristo”

É possível que alguém associe o grande interesse que está havendo pelo fenômeno pentecostal, ao momento *gospel*⁵⁴ que o país está vivendo. Tal argumento “parece” fazer sentido quando lemos algumas informações atualmente propagadas através de certos meios de comunicação. Por exemplo: A revista *Veja*, de 03 de julho de 2002, trouxe na sua capa a seguinte manchete: *A NAÇÃO EVANGÉLICA: O maior país católico do mundo está ficando cada vez mais evangélico. E isso começa mudar muita coisa no Brasil.* Já a revista *Eclésia*, de Julho de 2003, trouxe também estampada na sua capa a seguinte manchete: *EXPLOÇÃO DE IGREJAS: Templos evangélicos se multiplicam e já chegam a 150 mil no país.*

⁵⁴ Expressão usada para denominar algo relacionado com evangélicos.

É certo que como “objeto” de estudos científicos, o movimento pentecostal não é algo tão antigo⁵⁵. Desde a sua origem ele atraiu a atenção de novos adeptos, bem como de alguns “opositores”. Os novos adeptos viram que o movimento proporcionava maior liberdade de expressão, e todos gozavam do mesmo valor e direito, sem falar das constantes promessas divinas, através das suas múltiplas profecias.

(...) a rápida expansão do pentecostalismo ocorria porque os grupos pentecostais atendiam às necessidades particulares e correspondiam a certas aspirações das massas expostas às fortes mudanças sociais ocorridas a partir dos anos 30. O pentecostalismo funcionaria como instrumento de adaptação das massas recém-chegadas do meio rural ao mundo urbano. (SIEPIERSKI, p.566).

Por outro lado, o protestantismo histórico, não “recebeu” o movimento de forma receptiva, mas com “desprezo” e “ataques”. Exemplo disso é que, “a Assembléia de Deus, na década de 20, era retratada nos jornais das denominações tradicionais como seita **pentecostista**.” (ALENCAR, 2010, p.23)..

Um fato interessante e digno de nota é que 1910 é a data da chegada do pentecostalismo em solo brasileiro; “paralelamente”, essa também é a data da formação da Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana do Brasil (07.01.1910), que, posteriormente, seria denominada de Supremo Concílio (1937). Esse dado é significativo, tendo em vista que, enquanto o pentecostalismo estava chegando para tentar plantar o seu trabalho, a Igreja Presbiteriana do Brasil, por sua vez, já estava enraizada. A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) é a mais antiga denominação reformada do país, tendo sido fundada pelo missionário Ashbel Green Simonton (1833-1867), que aqui chegou em 12.08.1859⁵⁶.

Mas, é exatamente isso que nos leva a indagar: Como é que uma denominação histórica como a Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), já solidificada em solo brasileiro, se preocupa com um movimento (pentecostal) que, dentro de uma lógica humana teria “tudo” para não dar certo? Qual a ameaça que o movimento proporcionaria, sendo o mesmo composto “por imigrantes, negros e mulheres (...) de uma religiosidade de gente marginalizada”? (SAYÃO, 1999, p. 92).

⁵⁵ Isso não significa dizer que não houve estudos sobre o fenômeno pentecostal no passado. Houve, mas, a maioria dos estudos contemplou o movimento, a partir da década de 50, ou seja, no período classificado como sendo a segunda onda.

⁵⁶ Recentemente (2009) a IPB, comemorou seu Sesquicentenário - 150 anos (1859-2009).

Bourdieu (2004) entende que todo o campo “é um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças” (p. 22). Para ele, qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade. “Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições” (p. 29). Dentro dessa perspectiva, o conceito de campo nos ajuda a entender como foram construídas estrategicamente relações de poder pelos diversos agentes sociais na construção de um espaço social marcado por novas ideias políticas, religiosas e, principalmente, com relação ao futuro da Igreja, tendo por pano de fundo a questão da renovação carismática/pentecostal.

É certo que o movimento pentecostal não foi motivo de preocupação por parte de toda liderança da Igreja Presbiteriana do Brasil. “Em 1931, fazendo um levantamento sobre o protestantismo nacional, Erasmo Braga⁵⁷ ironicamente dedicou apenas umas poucas linhas à Assembléia de Deus e nem se referiu à Congregação Cristã no Brasil. (...). *Todavia, as estatísticas fornecidas indicam que os pentecostais já representavam quase 10% da comunidade evangélica.*”⁵⁸. Vejamos o quadro que segue:

1915 - 3 Estados (1 do Norte e 2 do Nordeste).

1920 - 9 Estados (3 do Norte e 6 do Nordeste).

1925 - 15 Estados (4 do Norte, 6 do Nordeste, 3 do Sudeste e 2 do Sul).

1930 - 20 Estados (4 do Norte, 9 do Nordeste, 4 do Sudeste e 3 do Sul).

Os professores GUTÉRREZ e CAMPOS, editores da obra *Na força do Espírito* (1996) contribuem ao lembrar que:

O protestantismo histórico, inicialmente, procurou ignorar o fenômeno pentecostal. Talvez a sua liderança pensasse tratar-se de mais um modismo religioso. Contudo, alguns anos de expansão pentecostal bastaram para mostrar o seu caráter de movimento

⁵⁷ Ministro Presbiteriano, intelectual, educador, escritor que, “na década de 1920 e início de 30, tornou-se o principal representante e porta-voz das igrejas evangélicas brasileiras e latino-americanas junto à comunidade protestante internacional.” Cf. MATOS, Os Pioneiros: presbiterianos do Brasil (1859-1900); missionários, pastores e leigos do século 19.

⁵⁸ Cf. MATOS, Alderi, Souza de, In *Fides Reformata: O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário*. Nota de rodapé. p. 39.

permanente e, o que era mais sério, um movimento com força suficiente para plasmar novas realidades eclesiais e desestruturar teologias e práticas cristalizadas. A percepção desse crescimento gerou no meio protestante um discurso apologético. As forças internas, de muitas denominações foram então concentradas na denúncia dos *aspectos heréticos* do pentecostalismo. Tal estratégia apologética ganhou ainda força com a chegada do neopentecostalismo (...). (p.7).

Por outro lado, quando pesquisamos documentos do início do século 20 (momento em que era recente a chegada dos primeiros pentecostais ao Brasil), documentos oriundos de igrejas tidas como históricas, notamos que a preocupação com o movimento pentecostal existiu desde o seu nascedouro, ou seja, mesmo que o momento atual proporcione uma maior atenção, isso não significa que a atenção tem sido fruto do agora. Desde o início o movimento pentecostal atraiu a atenção das igrejas históricas. Exemplo é o fato que será narrado em seguida.

Em Palmares, no dia quatorze de janeiro de mil novecentos e vinte e dois (14.01.1922), reuniu-se nessa cidade o Presbitério de Pernambuco⁵⁹. Entre os diversos assuntos tratados, as atas deste presbitério informam que, na 3ª Sessão, um dos seus membros o Rev. Jeronymo Gueiros, disse:

(...) notando o rápido alastramento de diferentes heresias principalmente do sabatismo e pentecostismo nos evangélicos, pede que os ministros escrevam artigos de combate no Norte Evangélico, para depois serem publicados em folhetos. Falando diversos oradores sobre o assumpto ficou por fim resolvido o seguinte: que o rev. J. Gueiros fará um apanhado de todos os artigos publicados a respeito do pentecostismo e _ um folheto syntético, e que recomende às sessões das Igrejas que se cupromettam a comprar a maior quantidade

⁵⁹ O Presbitério de Pernambuco durante o ano de 1922 era composto pelos seguintes Pastores (Reverendos): Dr. Antonio Almeida, Antonio C. S. Gueiros, Antonio da C. Montenegro, Antonio Victalino, Benjamin Marinho, Cícero Siqueira, Dr. Geo. E. Henderlite, João F. da Cunha Junior, Jeronymo Gueiros, W. C. Poter, Perciano Alves, Dr. W. M. Thompson, Sergio Maranhão, Aureliano Gonçalves. E as Igrejas que faziam parte desse presbitério eram: Recife, Garanhuns, Catonho, Águas Belas, Cachoeira Dantas, Gilead, Maceió, Natal, Palmares, Canhotinho, Areias, Campo Alegre, 2ª do Recife, Parahyba, Cabedello, Gamelleira. Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª a 43ª. Reuniões. 1920-1930, em anexo, no verso da p. 57. Mantive a ortografia e a escrita da época/original.

possível para distribuição. A proposta que é redigida pelo rev. Cícero, e aprovada.⁶⁰

Nesse mesmo Concílio (14.01.1922), na sua 4ª Sessão, outro membro preocupado com o crescimento de alguns movimentos religiosos, considerados como seitas, e ratificando a decisão da Sessão anterior (3ª Sessão), propões que alguns artigos fossem escritos e publicados no *Jornal Norte Evangélico*⁶¹:

(...) O rev. Antonio Victalino falla e diz, que considerando que o Norte Evangélico tem tido falta de matéria bem distribuída adaptada às diversas necessidades do nosso meio religioso composto de indiferentes, materialistas, romanistas, espíritas, sabatistas, pentecostalista, etc, e propõe o seguinte: que o rev. Cícero Siqueira tome a sério, digo o seu cargo, dar 15 artigos no mínimo durante o anno apropriados aos indiferentes e materialistas, que o rev. B. Marinho escreva no mínimo 15 artigos acerca das principais doutrinas controvertidas com o romanismo; que o rev. Montenegro escreva igual numero acerca do espiritismo; que o rev. Almeida escreva 12 artigos no mínimo sobre práticas cristãs; e que o dr. Hemderlite seja confiada uma secção na qual responde perguntas que sejam feitas sobre interpretações bíblicas.⁶²

Após a decisão do Presbitério de Pernambuco, para que alguns artigos fossem escritos por determinados pastores, tendo os artigos o objetivo de combater as seitas que traziam em seus ensinamentos conteúdos contrários às Escrituras. Finalmente os artigos passam a ser publicados no *Jornal Norte Evangélico*. Entre tantos artigos publicados, destacamos uma série de estudos, com um total de cinco capítulos, intitulados de *A Seita Pentecostal*. O primeiro capítulo, publicado no dia 31 de dezembro de 1923, teve o seguinte título: *Uma heresia dos ultimos tempos*. Nesse primeiro capítulo perceberemos a preocupação da liderança da IPB, para que os seus membros tenham cuidado com a doutrina pentecostista que chegara ao Brasil, classificando-a até mesmo a tal doutrina de anticristã:

⁶⁰ Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930. Registro da 3ª. Sessão, Palmares, 14 de janeiro de 1922. p.28 a. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

⁶¹ Jornal pertencente ao Presbitério de Pernambuco, jurisdicionado pela Igreja Presbiteriana do Brasil.

⁶² Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930. Registro da 4ª. Sessão, Palmares, 14 de janeiro de 1922. p. 30 b. Resolvi manter a escrita e ortografia da época.

Perigosa produção dos últimos tempos, vem da Europa e bate ás nossas portas, uma extravagante novidade religiosa, que, desassocegando os crentes, se intromette sorratamente nos campos evangélicos, anunciando um novo Pentecostes para os últimos dias da Igreja. Vem daí denominarem se pentecostaes os adeptos dessa perigosa heresia – amontoado incoherente de falso christianismo e baixo espiritismo a serviço da astúcia de <obreiros dolosos> que conseguem prender nas malhas do seu embuste as pobres almas inconstantes, levadas á roda de todo o vento de doutrina, aos que desconhecem os planos de Deus nas dispensações religiosas e aos elementos turbulentos e maus excuidos das igrejas evangélicas. Não se trata, pois, de uma corporação christã, de um qualquer elemento respeitável do Christianismo. Não. O Pentecostismo não encontra lugar nas ramificações históricas da Igreja de Christo, não faz parte da Alliança Evangelica Brasileira, nada mais sendo que uma dessas múltiplas manifestações da apostasia dos últimos dias da Igreja, consoante vaticilou S. Paulo em sua I Epistola a Timotheo, capítulo 4, versículo primeiro. Basta isso para pôr em evidencia que essa novidade dos últimos dias não recebe o influxo do Espirito de Christo que tem permanecido com os verdadeiros crentes através de quase vinte séculos, sem solução de continuidade, para cumprimento das promessas: <Estarei comvosco todos os dias até a consumação dos séculos> e <As portas do inferno não prevalecerão contra Ella> (a Igreja). (...) Ora, depois destes quase vinte séculos de combates de fé até ao martyrio, depois do heroísmo christão que as catacumbas de Roma ainda relembram depois da reacção effizaz das fieis testemunhas de Jesus contra os embustes com que o espiritismo orgulhoso do século ameaçou a Igreja durante o predomínio temporal do Papismo, depois da grande Victoria espiritual de século XVI, depois do admirável surto da evangelização do mundo pela acção systematica e perseverante das missões evangélicas, como se nos afigura ridícula a pretensão dos adeptos de uma seita turbulenta e de confusão que, produzindo extertores, gemidos, brados e escândalos reclamadores da acção policial, se arroga, entretanto, o privilegio de ser a <Assembleia de Deus>, a Igreja do Deus vivo, <columna e firmamento da verdade>! Digamos, pois, com o apostolo dos gentios: <Porque os taes falsos apóstolos são obreiros dolosos que se transformam em apóstolos de Christo. <E não é maravilha porque o mesmo Satanaz se transforma em anjo de luz> (II Cor. 11: 13, 14). Como no Papismo, no Espiritismo, no Sabbatismo e nas demais modalidades da apostasia – assim, no Pentecostismo, o espiritismo de erro, que confunde os seus adeptos, os leva a uma repetição mechanica do nome do Redemptor cujo ensino torcem e contradizem, como vamos verificar. Alguns crentes sinceros se tem tornado perpexos deante do constante - < Gloria a Jesus! Alleluia!> que esses sectários constantemente repetem. Não se lembram, porém, taes pessoas de que S. Tiago ensina que os demônios também crêm em Deus e estremecem (e os tremores e os gemidos dos pentecostaes em seus horríveis estertores bem lembram a acção delecteria daquelles espíritos que no tempo de Jesus faziam alguns cair, espumar, gritar, etc...) e não advertem que, certa vez, uma legião de demônios compelliu dois gadarenos a se prostarem aos pés de Jeus, adorando-o como ao <Filho de Deus Altissimo> (Mat. 8; Marc. 5; Luc. 8) e noutra occasião o espírito de Python fez que uma rapariga bradasse, por

muitos dias, atraz de Paulo e seus companheiros, na cidade de Philippos < Estes homens são servos do Deus Excelso que vos annunciam o caminho da salvação>, até que o apóstolo, santamente revoltado, disse ao espírito: < Eu te mando em nome de Jesus Christo que saias desta mulher>. Elle na mesma hora saiu, (Act. 16: 17, 18). Nosso Mestre já predisse que muitos dos que elle havia de repellir, alegariam que prophetizaram e fizeram prodígios em seu nome. E advertiu: < Nem todo o que me diz: Senhor! Senhor! entrará no Reino do céu...> (Math. 7: 21,22). **O Presbyterio de Pernambuco tendo sciencia dos damnos que a perniciosa heresia pentecostal vem causando, sorrateiramente, entre os crentes fracos e poucos instruídos nas Sagradas Escripturas, resolveu refutar os nefastos erros que Ella astuciosamente rotula com mui pomposos títulos evangélicos e, para inicio dessa tarefa, surge o presente trabalho.** Foi difficil coordenar todos os erros propagados pela Babel espiritual que é o Pentecostismo; pois, filho do espírito do erro, esse systema caracteriza-se pela confusão, pela incoherencia, pela contradicção; e o que alguns de seus corypheus no Brasil ensinam, é, ás vezes, por outros contraditado quando argüidos pelos sagrados textos que os refutam. <Chilreando entre os dentes>, á semelhança dos antigos espíritas, a quem combateu Isaias, (Is. 8: 19,20) e publicando jornais e pamphetos ridículos onde o intragável e bárbaro portuguez em que são redigidos revela a piramidal ignorância dos seus redactores e o atraso do espírito dos seus redactores e o atraso do espírito de erro que os anima, têm elles propagado os perigosos erros de doutrina que vamos em synthese refutar.⁶³

O Presbyterio de Pernambuco reunido em Garanhuns nos dias de 9 a 13 de janeiro de 1924, no templo da Igreja Presbyteriana de Garanhuns voltou a tratar da questão relacionada ao pentecostismo. Na realidade o Rev. J. Gueiros resolveu, na 1ª Sessão daquele Concílio, dar algumas informações sobre o andamento dos artigos que deveriam ser publicados no Norte Evangelico. “O rev. Jeronymo Gueiros explicou porque ainda não deu prompto o folheto de combate ao Pentecostismo de que fora incumbido.”⁶⁴

Ainda nessa reunião, na sua 4ª Sessão, em relação aos artigos que estavam sendo publicados, os mesmos deveriam ser reunidos posteriormente, para que fossem

⁶³ Cf. NORTE Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal I, 31 de dezembro de 1923. p. 01. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época. O grifo é meu.

⁶⁴ Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930. Registro da 1ª. Sessão, Garanhuns, 9 de janeiro de 1924. p. 66 a. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

publicados, e também, “foi aprovado, que sejam impressos 3 mil exemplares de folheto contra o pentecostismo e que sejam vendidos às Igrejas pelo preço do custo.”⁶⁵

Ainda durante o período em que o Presbitério de Pernambuco esteve reunido na Igreja de Garanhuns, ou seja, de 9 a 13 de janeiro de 1924, paralelamente foi publicado, no dia 10 de janeiro do mesmo ano, o segundo capítulo da série de estudos *A Seita Pentecostal*, com o seguinte título: *O Pentecostes e a profecia de Joel*. Segue uma parte do artigo:

Exibidos á luz da historia ecclesiastica como os adeptos de uma perigosa novidade do século, de uma seita cuja doutrina característica é filha dos ultimos tempos e alheia inteiramente á historia da Igreja que tem atravessado os séculos vencendo os embustes e as innovações humanas, os pentecostais procuram defender-se, afirmando que se opera entre elles um novo pentecostes e citam a profecia de Joel applicada por S. Pedro em Actos 2: 17, aos primeiros dias da Igreja. Essa desparatada confusão dos ultimos tempos messiânicos em connexão com Israel e os ultimos tempos ecclesiasticos é uma prova inconcussa de que os adeptos da seita pentecostal são animados por espíritos de erro e confusão e nunca pelo Espírito Santo que inspirou a harmonia dourinaria das Santas Escripturas; pois, até uma simples creança intelligente, estudando as phases e dispensações do Reino de Deus, verificará, sem trabalho, que os <ultimos dias> da Igreja, são, por sua natureza tão differentes dos <ultimos dias> messiânicos de que falou o propheta Joel e Pedro applicou aos primeiros dias da Igreja – que eram realmente ultimos para o povo da promessa – como a caliginosa e triste escuridão da meia noite é differente da loura e risonha madrugada. (...) Em face de tudo isso, pode se ver quão grande é a cegueira dos pentecostaes (...) Ora, a seita pentecostal chama de bençams, de despertamento, de maravilhas, de fé a esses dias que o Espírito Santo chama positivamente perigosos, maus, de somno espiritual, de escândalos, etc. Logo, é de erro, de confusão, é do <príncipe deste mundo>, o espírito que anima essa seita; e de sua maldita e sorradeira influencia devem fugir os verdadeiros crentes. Aos que já creram em Christo em qualquer igreja verdadeira evangélica, digo com S. Paulo aos Galatas: <Ainda que nós mesmos, ou um anjo do céu vos annuncie outro evangelho, seja anathema.> (Gal. 2:8). <Como recebeste ao Senhor Jesus, assim também andae nelle...>.⁶⁶

⁶⁵ Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930. Registro da 4ª. Sessão, Garanhuns, 12 de janeiro de 1924. pp. 73 b - 74 a. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

⁶⁶ Cf. NORTE Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal II, 10 de janeiro de 1924. p. 01. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

Após os dois primeiros capítulos da série: *A Seita Pentecostal* serem publicados no Jornal Norte Evangelico, notamos uma sequência dos três últimos capítulos, totalizando cinco. O terceiro capítulo foi publicado no dia 21 de março de 1924, com o seguinte título: *O pentecostes e o dom de línguas*:

(...) Agora, vamos verificar que essa astuciosa heresia não somente altera e contradiz os planos de Deus, anunciando chuvas de bênçãos onde Deus diz haverá chuvas de demônios e maldades (1) e confundindo os tempos e as dispensações que as Escripturas Santas distinguem como a noite do dia, mas inverte o desígnio dos dons do Espírito Santo, especialmente o de línguas, transformando esses elementos de edificação e útil operosidade na causa de Deus em instrumentos de confusão e desordem, de desassocego e escândalo. (...). Admitta-se que enquanto o Espírito Santo no Pentecostes habilitava os apóstolos a se fazerem ouvir na língua de cada povo, o espírito que produz a babel destes ultimos dias ataca os seus adeptos de tal retardamento mental, que mesmo depois de longo tempo de estudo do Portuguez em que pretendem doutrinar, nos revelam uma ignorância pasmosa dos rudimentos vernaculos e um atraso intellectual digno de lastima. Um destes exemplos é-nos offerecido pelo pioneiro da seita do Pará, estrangeiro arguto na propaganda do erro, mas de uma incapacidade piramidal para usar a língua portugueza. Ha annos que está em contacto com o povo brasileiro. Tem mesmo estudado um pouco a nossa língua para vencer a negação glottica e philologica que o caracteriza. Mas é uma calamidade vernacula o que o pobre estrangeiro profere em suas arengas pentecostaes!... O espírito que o anima ensina-lhe a língua inutil com que elle espanta e afogenta os descrentes, e o torna estúpido para aprender a língua em que elle propaga o que chama-as maravilhas de Deus. (...) Na historia da igreja apostólica ninguem ouviu falar em ajuntamentos promiscuos e desordenados, a portas cerradas, taes dos pentecostes convulsos, de olhar anormal, olheiras fundas e sombrias, côr macilenta, arrepiados, chorosos, lamurientos, titubiantes, enquanto outros com inconsciencia dos rezadores mechanicos e fanaticos, bradam desconnexa e tanto logicamente: Alleluia! Gloria a Jesus! _ perturbando e alarmando a visinhança e, algumas vezes, provocando intervenção das auctoridades para restabelecimentos da tranquillidade publica. Que os infieis estremeçam, gemam e chorem, _ é natural. Os proprios demonios _ diz S. Tiago-crêem e estremeecem.⁶⁷

⁶⁷ Cf. NORTE Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal III, 21 de março de 1924. pp. 02 e 03. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

Já o quarto capítulo da série *A Seita Pentecostal* foi publicado no Norte Evangelico, no dia 21 de maio de 1924. Teve a finalidade de fazer uma apologia ao batismo do/com o Espírito Santo segundo uma perspectiva teológico-reformada, algo que é contrário à doutrina pentecostal. Outro detalhe interessante nesse artigo é que alguns nomes ligados à liderança do movimento pentecostista são citados, entre eles, o nome do próprio Gunnar Vingren:

(...) Contrariando, entretanto, essa doutrina tão clara do Novo Testamento, os pentecostaes, não sómente ensinam que pessoas desviadas da fé evangélica, taes os mendicantes do século XIII e os papistas partidários de Jansenio falaram novas línguas pelo poder do Espírito Santo (Veja-se o folheto do Sr. Samuel Nytrom intitulado-Colheita historica sobre as línguas), senão que: 1º-Crentes salvos podem não ter o Espirito Santo. 2º Só é baptisado pelo Espirito Santo aquelle que falar novas línguas. Referindo-se a Act. 8:14-17 escreveu o Sr. Gunnar Vingren, quando diretor da Boa Semente, orgam official da perigosa seita: Aqui succedeu que os apóstolos encontraram crentes convertidos e já baptisados em agua, mas que não tinham recebido o Espirito Santo. O mesmo erro é ensinado á pag. 7 do folheto- O Baptismo do Espirito Santo segundo as Sagradas Escripuras, propagado de norte a sul com o carimbo da seita (...). Ora, é preciso estar obcecado pelo espírito do erro ou allucinado pela heresia para não ver que estes sagrados textos ensinam, de modo inequívoco- 1º- Que só pode ser de Christo e, portanto, salvo, convertido, quem possuir o Espirito de Christo. 2º- Que só são filhos de Deus, e, portanto renascidos, convertidos, salvos, os que são levados pelo Espirito de Deus. 3º- Que só tem o testemunho de que são filhos de Deus, ou salvos, aquelles cujo espirito recebe o testemunho do Espirito de Deus. 4º- Que para ter o espirito filial que clama: Pae, Pae, os filhos de Deus, os salvos recebem o Espirito daquelle Filho amado em quem o Pae se compraz. 5º- Que havendo crido no Evangelho da salvação que fôra promettido por aquelle mesmoque disse: E eu rogarei ao Pae, e elle vos dará outro Paraclito. 6º- Que o crente, o salvo, por isso que é herdeiro daquelle possessão que Christo adquiriu, recebe o Espirito Santo como penhor ou garantia da posse pratica da herança promettida. Deante de tudo isso como audaciosa se nos revela a heresia pentecostal, affirmando, pela palavra de seus corypheus, que alguém pode ser crente convertido, salvo, e não possuir o espírito de Deus!... (...).⁶⁸

Por fim, o último capítulo, ou seja, o quinto artigo da série *A Seita Pentecostal* foi publicado no Norte Evangelico, no dia 30 de junho de 1924, e contemplou a questão

⁶⁸ Cf. NORTE Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal IV, 21 de maio de 1924. p. 01. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

relacionada à contemporaneidade dos milagres. Trouxe o seguinte título: Os milagres, seu desígnio e sua oportunidade. Parte do artigo afirma:

A doutrina dos pentecostistas em referencia aos milagres é, como vamos ver, mais uma prova de que absolutamente não os dirige aquelle Espirito da verdade que ditou as Sagradas Escripuras. Vejamos. Para elles, o milagre deve ocorrer ordinariamente na Igreja, de maneira que, mesmo nos dias maus e perigosos que atravessamos, seria falta de fé consultar um médico, ao envez de apelar para o que chamam cura divina. E assim, com apparencia de piedade e transformados em anjos de luz, precipitam no erro as pobres almas ingênuas que não conhecem bem o Livro de Deus. ao contrario, entretanto, do que ensinam esses falsos apóstolos dos ultimos dias, os milagres, segundo as Escripuras, são operações extraordinarias destinadas a corroborar-como evidencias do sobrenatural-a missão de um mensageiro da verdade e a corresponder a uma necessidade imperiosa que não possa ser satisfeita por meios ordinarios. Isso explica porque motivo os estupendos milagres que caracterizaram os dias apostolicos não ocorrem mais em nossos dias. Não é que Deus tenha mudado, senão que mudaram os tempos, as circunstancias, os meios de acção e as proprias necessidades do Reino de Deus. Seria loucura esperar que um pae criterioso tratasse do mesmo modo o seu filho creança, adolescente, adulto e pae de família. Exactamente porque o seu criterio não mudariam os seus modos de tratar o filho em diferentes edades, circunstancias e relações. (...) o Pentecostalismo revela-se, apesar de dizer: Senhor! Senhor! – uma das mais perniciosas heresias destes ultimos tempos (...). Trata se, nessa seita, nem mais nem menos, do que de lobos vestidos de ovelhas. Cuidado, pois, com os obreiros dolosos!⁶⁹

Como fico decidido em reuniões anteriores do Presbitério de Pernambuco, os artigos deveriam, depois de publicados no Norte Evangélico, ser reunidos e publicados em forma de folheto (livreto), para que os membros das igrejas jurisdicionadas por esse presbitério pudessem ter acesso, podendo adquiri-lo por preço de custo. E isso foi feito. Ainda no ano de 1924, o Rev. Jeronymo Gueiros reuniu os cinco artigos, compostos na série *A Seita Pentecostal* em seguida, editou o livro *Heresia Pentecostal*. Nas Actas do Prebyterio de Pernambuco, reunido no templo da Igreja Presbyteriana da Parahyba do Norte, nos dias 6 a 10 de Janeiro – 1925, na 2ª Sessão, encontramos a seguinte informação:

⁶⁹ Cf. NORTE Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal V, 30 de junho de 1924. p. 01. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

J. Gueiros tomando a palavra faz sentir ao Presbytério a satisfação que tem de entregar nas mãos do mesmo o seu trabalho sobre o Pentecostismo (enfeixado) em folheto publicado no Norte Evangélico. Nessa ocasião foi lançado na acta um voto de agradecimento ao Rev. Jeronymo Gueiros por ter-se desincumbido satisfatoriamente desse encargo. O Rev. Benjamim Marinho, propõe que as Igrejas tomem em consideração instruir os seus membros contra as heresias que surgem nestes tempos perigosos, creando um curso especial que poderá ser feito logo após a reunião da Escola Dominical ou em outra qualquer ocasião.⁷⁰

Bourdieu (1996) considera o espaço social como um espaço multidimensional, formado por um conjunto aberto de campos relativamente autônomos, isto é, subordinados quanto ao seu funcionamento e as suas transformações. O conflito é evidente em todo tipo de campo e cada um dentro das suas possibilidades, procura legitimar suas posições, alianças e oposições, configurando, portanto, um espaço social marcado pela lógica dos interesses de cada grupo. O espaço social é formado por campos, microcosmos ou espaço de relações objetivas, que possui lógica própria e irreduzível. O campo é tanto um “campo de forças”, uma estrutura que constringe os agentes nele envolvidos, quanto um “campo de lutas”, onde os agentes atuam conforme suas posições relativas no campo de forças, conservando ou transformando a sua estrutura (p. 50). A instituição religiosa é, portanto, uma organização humana composta por agentes produtores e consumidores de capital simbólico religioso, participantes de um campo religioso que abarca conflitos de poder. Nesta instituição há uma liderança pensante, eleita, que em algumas ocasiões age de forma autoritária ou consensual, que, por sua vez, detém o poder sobre o capital simbólico religioso e é capaz de legitimar e de qualificar, bem como de deslegitimar ou desqualificar determinados agentes produtores de capital simbólico, bem como o próprio capital simbólico por eles produzido, a fim de manter o controle do campo.

Por sua vez verifica-se que a Igreja contribui para a manutenção da sua ordem política mediante o reforço simbólico das divisões desta ordem. Na sua função de manutenção a instituição religiosa naturalmente lança mão de vários instrumentos tanto de defesa, bem como de ataque.

⁷⁰ Cf. LIVRO de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930. Registro da 2ª. Sessão, Parayba, 7 de janeiro de 1925. pp. 95 b – 96 a. Resolvi manter a escrita e a ortografia da época.

Podemos ainda perceber a ratificação da reação da Igreja Presbiteriana do Brasil, ao movimento pentecostista no Estado de Pernambuco, através dos próprios relatos documentais da Igreja Assembléia de Deus, os quais informam não só a “perseguição”, bem como afirma que a mesma contribuiu para a propagação da doutrina pentecostal no Estado de Pernambuco:

Um dos fatos que contribuiu muito para o crescimento da obra pentecostal em Recife foi, sem dúvida, a campanha difamatória que algumas denominações evangélicas fizeram contra a Assembléia de Deus. Através de folhetos e outros impressos, que continham calúnias grosseiras e apresentavam a obra de Deus como “espiritismo moderno”, a curiosidade da população foi despertada. As pessoas vinham ver se as acusações eram verdadeiras, recebiam a mensagem e se transformavam em autênticas testemunhas. Certo dia, um pastor de outra denominação pediu ao delegado da polícia que tomasse providências contra os pentecostais. Então, o delegado enviou um soldado, a fim de observar a “nova seita” (assim eram chamados os pentecostais na época) e fazer um relatório do que presenciasse. O militar entrou no salão onde se reunia o casal Carlson com os crentes, sentou-se e observou tudo atentamente, anotando o necessário. Na hora do convite, foi à frente, aceitando Cristo como seu Salvador. Ao retornar à delegacia, deu as melhores informações possíveis (...) (ARAÚJO, p.157).

Como bem pudemos ver, não só os relatos documentais dos presbiterianos da IPB registram a reação ao movimento pentecostalista em Pernambuco; os próprios assembleianos confirmam tal reação.

3.7. A IPB resolve criar uma Comissão Permanente de Doutrina e se posiciona contra a doutrina pentecostal

Eclesiasticamente há, basicamente, três tipos de governos: *Episcopal*, onde um só governa; *Congregacional*, onde todos governam; e o *Presbiterial*, onde alguns governam. É dessa forma (presbiterial) que a Igreja Presbiteriana do Brasil é governada. A IPB funciona através de Concílios. Ela tem quatro Concílios: o Conselho de uma

igreja local, o Presbitério, o Sínodo, e o maior de todos que é o Supremo Concílio. As decisões tomadas em instâncias menores podem ser recorridas às instâncias maiores. Por exemplo, um membro sendo disciplinado por um Conselho de uma igreja, pode recorrer ao Presbitério e, se ainda insatisfeito, pode ir ao Sínodo e, por fim, ao Supremo Concílio. Todavia, uma decisão tomada pelo Supremo Concílio é de valor para todas as igrejas que a este concílio pertençam.

Todavia, o que deveria ser norma para todas as igrejas presbiterianas, nem sempre tem funcionado dessa maneira. Estou citando esse fato, porque, como disse no início, a Igreja Presbiteriana do Brasil, na sua Constituição, adotou os Símbolos de Fé de Westminster (Confissão, e os Catecismos Maior e Menor), mas, na prática esses símbolos não são valorizados (observados) por todos os pastores, presbíteros, diáconos e membros que fazem parte dessa igreja. Exemplo disso é que a Igreja Presbiteriana do Brasil, mesmo tendo uma postura/doutrina (teologia) reformada calvinista, ou seja, mesmo prezando por uma doutrina reformada calvinista, isso não significa dizer que todos são reformados calvinistas.

Há, hoje, na Igreja Presbiteriana do Brasil, pastores reformados calvinistas, mas, também, alguns com práticas pentecostais e neopentecostais. Isso já faz um bom tempo, e tem preocupado a liderança dessa igreja. Constantemente, nas reuniões do Supremo Concílio, o que não faltam são documentos oriundos de inúmeros Presbitérios, via Sínodos, os quais são consultas em relação à questão litúrgica da igreja, e assuntos relacionados à obra do Espírito Santo, isto é, sobre a contemporaneidade dos dons. A Igreja Presbiteriana do Brasil vendo a necessidade de tratar do assunto resolveu, no ano de 1995, formar uma *Comissão Permanente de Doutrina*, que na época, foi composta pelos seguintes membros:

Mesa da Comissão Executiva do SC-IPB

Rev. Guilhermino Silva Cunha, Th.M.

Rev. Roberto Brasileiro Silva

Rev. Wilson de Souza Lopes

Pb. Aivaldo Ferreira Vargas

Comissão Permanente de Doutrina

Rev. Héber Carlos de Campos, Th.D.

Rev. Antônio Carlos Barro, Ph.D.

Rev. Antônio José Nascimento, D.Miss.

Rev. Augustus Nicodemus Lopes, Ph.D.

Rev. Caio Fábio d'Araújo Filho

Rev. Elias Dantas Filho, D.Miss.

Pb. Francisco Solano Portela Neto, Th.M.

Rev. Paulo José Benício, Th.M.

Consultor da Comissão de Doutrina

Rev. Odair Olivetti

Essa comissão elaborou uma *Carta Pastoral*, a qual foi endereçada aos concílios e aos pastores da Igreja Presbiteriana do Brasil. Tinha como tema *O Espírito Santo Hoje, Dons de Línguas e Profecias* (São Paulo: Setembro de 1995, e a Segunda Edição: Junho de 1996).⁷¹ Essa *Carta Pastoral* na sua introdução já especificou o seu objetivo:

O Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil criou a Comissão Permanente de Doutrina com o propósito de apresentar respostas às indagações mais urgentes dos seus pastores e membros em várias áreas da fé e da prática, respostas estas que provenham de uma exegese bíblicamente correta e de uma hermenêutica que reflita a teologia dos nossos símbolos de fé e de nossa tradição reformada. Uma destas questões diz respeito à obra do Espírito Santo nos dias atuais. A Igreja tem plena consciência da importância generalizada com que este assunto tem sido recebido em seu meio, bem como da influência visível, entre igrejas locais, de ensinamentos tais como o batismo com o Espírito Santo como uma experiência distinta e posterior à conversão, o falar em línguas como evidência inicial deste batismo, e a ênfase a certos dons (línguas, profecia e curas) nos cultos. Apesar da atenção dada a uma vida espiritual mais profunda, estes ensinamentos têm trazido confusão e divisão em muitas comunidades presbiterianas, particularmente no que se refere ao batismo com o Espírito Santo e aos dons de línguas e profecia. Assim, a Igreja encaminha aos seus concílios e às suas comunidades locais a seguinte carta pastoral, com o propósito de orientá-las bíblicamente nas questões relacionadas acima, e de encorajá-las a uma pesquisa bíblica mais detalhada da matéria. Esta primeira carta pastoral aborda questões relacionadas com o batismo com o Espírito Santo, o dom de línguas, e o dom de profecia. Ela não pretende esgotar o assunto. É apenas uma primeira palavra, num diálogo franco e amadurecido. Ela deverá ser seguida de outros estudos da Comissão tratando de outros temas relacionados com a obra do Espírito Santo. É o desejo sincero e a oração fervorosa da Igreja que a presente carta seja usada pelo Espírito Santo para

⁷¹ Cf. CARTA Pastoral da Comissão Permanente da IPB, 2ª edição 1996. Disponibilizo desse documento, via e-mail enviado pelo Rev. Marcos André Marques, atual diretor do SPN. Data de recebimento: 25 de outubro de 2010 às 17h54.

promover a paz e a unidade tão necessárias às igrejas presbiterianas neste momento crucial de sua existência.⁷²

Nessa *Carta Pastoral*, a Comissão aborda vários temas relacionados à questão da *Pneumatologia* e, particularmente, sobre o batismo com o Espírito Santo, bem como a questão dos dons espirituais. Iremos apenas mencionar algumas partes relevantes (não que as outras não o sejam), para que possamos perceber a compreensão e o posicionamento da IPB (é bom lembrar que o posicionamento exposto é fruto de quase 15 anos atrás). Para um crente presbiteriano, o batismo com o Espírito Santo não acontece separadamente, isto é, tempos após a sua conversão; isso acontece ao mesmo tempo. Nem tampouco a IPB incentiva, ou encoraja os membros a buscarem o batismo com o Espírito Santo (porque creem que isso acontece no ato da conversão). Vejamos o que diz a Carta Pastoral da IPB:

A Escritura ensina que a experiência normal do batismo com o Espírito Santo coincide com a regeneração-conversão, e que são selados por este mesmo Espírito todos os que crêem genuinamente em Cristo Jesus. Portanto, o batismo com o Espírito Santo, indispensável para a genuína regeneração-conversão, não se confunde com a chamada "segunda bênção," referente ao derramamento do Espírito no livro dos Atos dos Apóstolos. Antes, é a graça vitalizadora e capacitadora disponível a todos os crentes, e não apenas a alguns. Acresce que a indizível bênção da regeneração-conversão de modo algum é inferior à chamada "segunda bênção." Portanto, a recepção inicial de Cristo, pela fé, está associada ao batismo com o Espírito Santo. (...) A Escritura dirige-se a todos os que já são crentes como tendo já sido batizados com o Espírito. Em nenhum lugar ela encoraja os que já são crentes a buscar esse batismo, quer por preceito, quer por exemplo. (...)⁷³

Quanto à questão dos pentecostais e particularmente os assembléianos terem o livro de Atos dos Apóstolos como livro doutrinário, para a defesa do que eles creem sobre o batismo com o Espírito Santo, na *Carta Pastoral* encontramos o seguinte argumento:

Aprouve a Deus que o batismo com o Espírito Santo, ocorrido no dia de Pentecoste, como um evento histórico-escatológico crucial, fosse marcado por manifestações especiais, como o som de vento

⁷² Cf. CARTA Pastoral da Comissão Permanente da IPB. p. 2.

⁷³ Cf. CARTA Pastoral da Comissão Permanente da IPB. pp. 4-5.

impetuoso, línguas de fogo e o falar em línguas estrangeiras. As duas primeiras destas manifestações foram restritas àquele evento, e a última ocorreu ocasionalmente na era apostólica. Todas elas estavam ligadas ao processo de universalização do Evangelho, segundo At 1.8, e pertenceram, assim, como sinal do cumprimento da promessa do Espírito, àquele período específico da história da redenção. É importante notar que ao relatar à Igreja de Jerusalém a descida do Espírito sobre Cornélio e os de sua casa, o apóstolo Pedro só pôde referir-se a uma experiência semelhante, ocorrida alguns anos antes, ou seja, à de Pentecoste, e não a experiências mais recentes. Isto sugere que entre o Pentecoste e a conversão de Cornélio, que ocorreu vários anos depois, nenhuma outra experiência semelhante à do Pentecoste havia ocorrido que pudesse servir de referencial mais recente. Alguns têm entendido e afirmado que as línguas são a evidência inicial mais importante do batismo com o Espírito Santo. Essa afirmação baseia-se principalmente nas narrativas do livro de Atos em que o batismo com o Espírito Santo é seguido pelo falar em línguas. Entretanto, o livro de Atos igualmente relata várias outras ocasiões, que podem ser descritas como “batismo com o Espírito Santo,” em que as línguas não aparecem, como a conversão dos três mil no dia do Pentecoste, o caso dos Samaritanos, e a conversão de Saulo. Embora o argumento do silêncio não seja conclusivo, no mínimo revela que, para o autor de Atos, as línguas não eram indispensáveis como evidência do batismo com o Espírito Santo. Quando o autor de Atos as menciona ao narrar o ocorrido na casa de Cornélio e com os discípulos de João Batista, seu propósito é deixar claro que a descida do Espírito sobre estes grupos foi da mesma ordem do ocorrido no Pentecoste, como desdobramentos de um evento inaugural único. Em nenhum lugar do Novo Testamento as línguas são mencionadas como a evidência normal do batismo com o Espírito Santo, ou da Sua plenitude, para os crentes, após o Pentecoste. A evidência inconfundível da plenitude espiritual, segundo Paulo, é o fruto do Espírito. Portanto, o falar em línguas não deve ser considerado como a evidência de nenhuma destas duas experiências.⁷⁴

Como já foi afirmado, a *Carta Pastoral* aborda outros tópicos relacionados à doutrina do Espírito Santo, mas achamos por bem mencionar apenas algumas partes relevantes à discussão do assunto. No termino da *Carta Pastoral* encontramos as recomendações que devem ser vistas e observadas pelas Igrejas e Concílios da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Seguem as recomendações:

À luz do exposto acima sobre os dons de línguas e profecia, a Igreja Presbiteriana do Brasil, partindo de uma hermenêutica baseada não na experiência individual, mas nos princípios da sua tradição reformada, e, sobretudo no entendimento que as Escrituras dão de si mesmas e na busca da iluminação do Espírito, faz as seguintes recomendações aos seus concílios, pastores, oficiais e membros da Igreja:

⁷⁴ Cf. CARTA Pastoral da Comissão Permanente da IPB. pp. 8-9.

1. A doutrina do batismo com o Espírito Santo, como uma "segunda bênção" distinta da conversão, não deve ser ensinada e nem propagada pelos pastores ou membros nas comunidades, por ser bíblicamente equivocada.
2. Os concílios e igrejas locais devem tratar com amor e paciência os pastores e membros das igrejas presbiterianas que professam ter sido batizados com o Espírito Santo, numa experiência distinta da conversão, e devem *pastoreá-los* e *instruí-los* na Escritura e na doutrina reformada, para que sejam *corrigidos* quanto a este modo de crer, e para que demonstrem o fruto do Espírito, que é o sinal inequívoco de toda atuação verdadeira do Espírito.
3. Todo ensino sobre as línguas e profecias que entende a prática moderna como uma experiência revelatória, isto é, uma experiência na qual nova revelação é recebida, é contrário ao caráter final da revelação bíblica e à autoridade das Escrituras como única regra de fé e prática.
4. Todo ensino sobre as línguas e profecias que entende estes fenômenos como um sinal do batismo com o Espírito é contrário à Escritura, bem como todo ensino que vê as línguas e profecias como sinal de espiritualidade.
5. Toda prática do fenômeno das línguas e de profecias que cause divisão e dissensão dentro do Corpo de Cristo, e que não resulte em instrução e ensino em língua conhecida, é contrária ao propósito dos dons do Espírito, que é a edificação da Igreja.
6. Toda prática do fenômeno das línguas e de profecias que não siga as orientações de 1 Co 14.27-28, é contrária ao ensino bíblico e deve ser rejeitada, constituindo-se em desobediência à vontade revelada de Deus. Ou seja, que falem somente dois, ou no máximo três, cada um por sua vez, e que haja intérprete (depreende-se que Paulo se refere a outra pessoa que não o que falou em línguas).
7. A base para as nossas formulações doutrinárias é a Escritura, e não as experiências individuais — por mais emocionantes e preciosas que elas sejam. Portanto, a Igreja recomenda o estudo sério de todos os fenômenos e experiências, à luz da Palavra de Deus.
8. A Igreja recomenda que os Concílios estudem esta Pastoral e que cultivem o diálogo com a Comissão Permanente de Doutrina.⁷⁵

Mesmo que a nossa pesquisa tenha como objetivo, se deter apenas na reação da IPB, no período proposto, digo, de 1920-1930, consideramos ser importante relatar ainda, mesmo que de forma concisa, a atual situação dessa denominação em relação a sua postura as questões relacionadas a doutrina do Espírito Santo (*Pneumatologia*).

⁷⁵ Cf. CARTA Pastoral da Comissão Permanente da IPB. pp. 18-19.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho efetivado pretende contribuir, para o estudo da relação não amistosa que houve entre históricos e pentecostais, no início da década de vinte, no Estado de Pernambuco, ou seja, período extremamente recente da chegada do pentecostalismo no Brasil (1910/11) e, particularmente, mais recente ainda, no Estado de Pernambuco, onde o pentecostalismo só chegou em 1916.

Por incrível que possa parecer esse é um assunto pouquíssimo conhecido tanto por presbiterianos, quanto por pentecostais. Na realidade, o assunto torna-se até motivo de espanto para a grande maioria, quando toma conhecimento desse fato. Talvez por existir, hoje, uma relação pacífica entre os membros dessas denominações, mesmo que os posicionamentos doutrinários permaneçam divergentes.

O trabalho permite perceber as formas, isto é, os métodos usados por parte da liderança dos presbiterianos em relação à reação assumida para com a doutrina pentecostal. Com isso percebemos que, durante essa época, não houve nenhuma possibilidade de relação amigável entre presbiterianos e pentecostais, mas, sim, um intenso ataque a doutrina proferida pelos pentecostais, através de publicações de jornais oficiais da própria denominação presbiteriana.

Como já afirmamos no decorrer da dissertação, atualmente há inúmeros trabalhos sendo feitos, por acadêmicos de várias áreas, em relação ao movimento pentecostal, isto é, pesquisas empreendidas nos âmbitos da Sociologia, Antropologia, Teologia, e até mesmo na área da História. Todavia, na grande maioria, esses trabalhos têm dado uma atenção maior ao movimento neopentecostal, tendo em vista as constantes mudanças e invenções por parte desse movimento.

Por sua vez, sendo o movimento neopentecostal fruto da década de 1970, pouco se conhece sobre o início do pentecostalismo clássico. Há poucos trabalhos feitos sobre esse grupo em particular. Até porque os líderes dessas denominações pentecostais clássicas e, aqui, particularmente, cito a Igreja Assembléia de Deus, não têm nenhum interesse de abrir os seus arquivos para que eles sejam objeto de pesquisas.

Porém, mesmo diante da complexidade do assunto, somos motivados a pesquisá-lo, considerando o fato de que, por menor que seja a nossa contribuição, sabemos que ela servirá como uma fonte a mais de consulta para outros pesquisadores. Por sua vez, as palavras do historiador Paulo D. Siepierski (2002), ratificam as nossas, e nos motivam a pesquisar o assunto em questão:

(...) o pentecostalismo é um fenômeno não apenas multifacetado como também paradoxal que se revela de diferentes formas em diferentes circunstâncias, e por outro lado, que os analistas são parciais em suas interpretações. Nesse mosaico de interpretações, contudo, ainda há espaço para contribuições que, como peças de quebra-cabeça, talvez se encaixem nas existentes e produzam um quadro mais nítido. Uma contribuição necessária é uma melhor compreensão dos primórdios do pentecostalismo no Brasil, pois a maioria das análises foram feitas a partir do momento em que o pentecostalismo adquiriu grande visibilidade social, ou seja, a partir de seu crescimento exponencial nos anos 50. (p.574).

Penso que uma boa contribuição como continuidade dessa pesquisa, está em tentar, desvendar alguns motivo(s) específico(s) dessa reação da liderança da IPB, em Pernambuco ao movimento pentecostal. Até porque a nossa primária intenção sempre esteve relacionada em relatar apenas os fatos históricos (os quais puderam ser comprovados), tentando ser o máximo possível neutro (se é que é possível) para com a questão debatida, ou seja, procurei, contudo não emitir juízos.

Porém, colocando nessas linhas “finais”, o que acho sobre a reação da liderança da IPB, no Estado de Pernambuco, ao movimento pentecostal, na década de vinte, deduzo (penso que o assunto noutra momento pode ser pesquisado com esse foco), que a reação estava relacionada ao cuidado que os líderes (pastores) deveriam ter com o seu rebanho, tendo em vista que alguns membros dessas denominações históricas estavam sendo alcançados pela doutrina pentecostal. Exemplo disso é o que foi visto com o próprio pioneiro da mensagem pentecostal, em Pernambuco _ Adriano Nobre _ que foi um ex-presbiteriano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ALENCAR, Gedeon. **Protestantismo Tupiniquim, hipóteses sobre a (não) contribuição evangélica a cultura brasileira.** São Paulo: Arte Editorial, 2005.
- _____, **Assembléia de Deus, Origem, Implantação e Militância (1911-1946),** 1ª edição, São Paulo: Arte Editorial, 2010.
- ALVES, Rubem. **O Suspiro dos Oprimidos.** São Paulo: Paulinas, 1984.
- ANTÔNIO, Gilberto (comentarista), **Lições Bíblicas da CPAD.** São Paulo: CPAD, 1ª Lição, 3º trimestre de 2006.
- ANGLADA, Paulo, **Sola Scriptura – A Doutrina Reformada das Escrituras.** São Paulo: Os Puritanos, 1998.
- ARAÚJO, Isael, **Dicionário do Movimento Pentecostal.** 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BRUNER, Frederick Dale, **Teologia do Espírito Santo.** São Paulo: Vida Nova, 1983.
- BLACKFORD, Alexander L., **Sermões escolhidos de Simonton.** São Paulo: Cultura Cristã, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas Sobre a teoria da ação.** São Paulo: Papirus, 1996.
- _____, **A economia das trocas simbólicas.** 5ª ed., São Paulo: Perspectiva, 1998.
- _____, **Os usos sociais da ciência, por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.
- BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes, **Música Sacra Evangélica no Brasil, contribuições a sua história.** Rio de Janeiro: Kosmos Editora, 1961.
- BRAKEMEIER, Gottfried. **Preservando a Unidade do Espírito no Vínculo da Paz, um curso de ecumenismo.** São Paulo: ASTE, 2004.
- CAMPOS, Leonildo Silveira, **As Origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada.** In: Revista USP, nº 67 (set.-nov. 2005), pp. 100-115.

CAMPOS JR., Luís de Castro. **Pentecostismo e ética.** In: revista teológica da ASTE: Simpósio nº 38, São Paulo, 1995, p. 201.

CÉSAR, Elben M. Lenz. **História da Evangelização do Brasil, dos jesuítas aos neopentecostais.** Viçosa-MG: Ultimato, 2000.

CONDE, Emílio, **História das Assembléias de Deus no Brasil.** Rio de Janeiro: CPAD, 2ª edição, 2000.

CONSELHO DE DOCTRINA DA CGADB, **Manual de Doutrina das Assembléias de Deus no Brasil.** 4ª Edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

CHAMPLIM, R.N., e BENTES, J. M., **Enciclopédia da Bíblia, Teologia e Filosofia.** São Paulo: Candeias, Vol. VII, 1991.

CRESPIN, Jean, **A Tragédia da Guanabara.** São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

DANIEL, Silas, **História da Convenção Geral das Assembléias de Deus.** 1ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DAYTON, Donald W., **Theological Roots of Pentecostalism.** Michigan: Hendrickson Publisher, Peabody, 1987.

EDMAN, V. Raymond, **Despertamento, A Ciência de um milagre.** Belo Horizonte: Betânia, 1980.

ELWELL, Walter A. **Enciclopédia Histórica - Teológica da Igreja Cristã.** São Paulo: Vida Nova, Volumes I, II e III, 1990.

FERREIRA, João Cesário Leonel (Org.), **Novas Perspectivas sobre o Protestantismo Brasileiro.** São Paulo: Fonte Editorial/Paulinas, 2009.

FORSYTH, William B., **Jornada no Império: Vida e obra do Dr. Kalley no Brasil,** São Paulo: Fiel, 2006.

FRESTON, Paul, Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: Alberto Antoniazzi (Org.) **Nem Anjos nem demônios, interpretações sociológicas do pentecostalismo.** Petrópolis-RJ: Vozes, 1994. pp. 67-131.

GIRALDI, Luiz Antônio, **História da Bíblia no Brasil,** Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil - SBB, 2008.

GUTIÉRREZ, Benjamin F., e CAMPOS, Silveira Leonildo (editores). **Na força do Espírito: Os pentecostais na América - Latina: um desafio às igrejas históricas**. São Paulo: AIPRAL, 1996.

HACK, Osvaldo H., *Sementes do Calvinismo no Brasil Colonial*, Ed. Cultura Cristã, São Paulo, 2007.

HODGE, A.A, **Confissão de Fé de Westminster (Comentada)**. São Paulo: Os Puritanos, 1999.

HOLLENWEGER, Walter Jr., **O Movimento Pentecostal no Brasil**. In: revista teológica da ASTE. São Paulo, Simpósio nº 3, 1969.

KAYPER, Abraham, **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

LÉONARD, Émile-G. *O Iluminismo num protestantismo de constituição recente*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1988.

LÉRY, Jean, *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2007.

LUCAS, Sean Michael, **O Cristão Presbiteriano – Convicções, práticas e histórias**. Uma cartilha sobre a identidade presbiteriana. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

MANUAL PRESBITERIANO (com Jurisprudência). 1ª edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

MATOS, Alderi S., **Os Pioneiros: presbiterianos do Brasil (1859-1900); missionários, pastores e leigos do século 19**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____, Uma avaliação bíblica de tendências doutrinárias atuais. In: **Fé Cristã e Misticismo**, São Paulo: Cultura Cristã, 2000.

_____, Simonton e as Bases do Presbiterianismo no Brasil, In: **Simonton 140 anos de Brasil**. Série Colóquio da Universidade Mackenzie, São Paulo, Mackenzie, 2000. pp. 51-72.

_____, **O Movimento Pentecostal: reflexões a propósito do seu primeiro centenário**. In: *Fides Reformata* Vol. XI, nº 2 (jul.-dez. 2006), São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 2006. pp. 23-50.

_____, Eventos Marcantes da História do Cristianismo no Brasil (Apêndice), In: NOLL, Mark, A., **Momentos Decisivos na História do Cristianismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2000. pp. 333-357.

MENDONÇA, Antônio Gouveia, **O Celeste Porvir: A Inserção do Protestantismo no Brasil**, São Paulo: EDUSP, 2008.

_____, Evangélicos e pentecostais: um campo religioso em ebulição. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata. (Org.). **As Religiões no Brasil: Continuidades e Rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. pp. 89-110.

_____, Dois pioneiros e um passeur de frontières. TEIXEIRA, Faustino (Org.). In **A(s) Ciências da Religião no Brasil – Afirmções de uma área acadêmica**. São Paulo: 2ª edição, Paulinas, 2008 b. pp. 251-296.

MELLO, José A. Gonsalves, **Tempos dos Flamengos**, 3ª edição, Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

MUIRHEAD, H. H., **O Cristianismo Através dos Séculos**, Ed. Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1949.

NICHOLS, John Thomas, **Pentecostalism**, Ed. Harper & Row, Nova York, 1966.

OMENA, Eraldo, **Síntese Histórica da Assembléia de Deus em Pernambuco, Jubileu de Diamante 1918-1993**. Recife, Gráfica Filgueira e Leal Ltda. 1993.

REILY, Duncan Alexander, **História Documental do Protestantismo no Brasil**. São Paulo: ASTE, 2003.

RIVERA, Paulo Barrera, **A reinvenção de uma tradição no protestantismo brasileiro: a Igreja Evangélica Brasileira entre a Bíblia e a Palavra de Deus**. In: Revista USP nº 67 (set.-nov. 2005), pp. 78-99.

ROBERTS, W.H., **O Sistema Presbiteriano**. 3ª edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2003.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a Graça: esperança e frustrações no Brasil neopentecostal**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SAYÃO, Luiz Alberto. Uma Avaliação Sociológica do Pentecostalismo e do Neopentecostalismo. In: **Vox Scriptura, Revista Teológica Latino-Americana**, São Paulo: 1999.

SCHALKWIJK, F. Leonard, **Igreja e Estado no Brasil Holandês**. 3ª edição, São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

_____, **Aprendendo da História dos Avivamentos**. In: *Fides Reformata*, Vol. II, nº 2 (jul.-dez. 1997), São Paulo: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 1997. pp. 61-68.

SHELLY, Bruce L., **História do Cristianismo – ao alcance de todos**. São Paulo: Shedd Publicações, 2004.

SIEPIERSKI, Paulo D., A inserção e expansão do pentecostalismo no Brasil. Vol. 2, In: **História das Religiões no Brasil**. Brandão, Sylvana (Org.). Recife: CEHILA/UFPE, 2002. pp. 541-582.

SIMONTON, Ashbel Green, **O Diário de Simonton: 1852-1866**. 2ª edição. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

VINGREN, Ivar, **Diário de Gunnar Vingren**. 6ª edição, Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

_____, (Tradutor), **Despertamento Apostólico no Brasil**, Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

WALKER, W., **História da Igreja Cristã**. São Paulo: ASTE, 2006.

ATAS, JORNAIS E REVISTAS:

Livro de Actas do Presbyterio de Pernambuco. Vol. IV, 33ª. a 43ª. Reuniões. 1920-1930.

Jornal Brasil Presbiteriano - BP, _ Parte 1_ ANO XIII, nº 2, 15 de janeiro, de 1978, p. 1 (Capa). Bem como, *As cartas do Rev. J. Rockwell Smith _ II Parte _*, ANO XVIII, nº 3, 1º fevereiro, de 1978, p. 3

Jornal a Imprensa Evangelica, Intolerancia e Prepotencia Vergonhosa, Rio de Janeiro, 3 de janeiro de 1874.

Jornal o Norte Evangélico. Garanhuns: A Seita Pentecostal I - V, 31 de dezembro de 1923 a 30 de junho de 1924.

Revista ECLÉSIA, Ano 11, nº. 118.

ANEXO:

Anexo I _ Resumo doutrinário da IPB

Eis um resumo da doutrina da IPB (é certo que há outras partes doutrinárias que não serão citadas, como por exemplo: A pessoa de Cristo, O Espírito Santo, as quais são tão importantes como as que serão citadas, porém, resolvemos apenas fazer uma síntese doutrinária):

DE DEUS E DA SANTÍSSIMA TRINDADE: Há um só Deus vivo e verdadeiro, o qual é infinito em seu ser e perfeições. Ele é um espírito puríssimo, invisível, sem corpo, membros ou paixões; é imutável, imenso, eterno, incompreensível, - onipotente, onisciente, santíssimo, completamente livre e absoluto, fazendo tudo para a sua própria glória e segundo o conselho da sua própria vontade, que é reta e imutável. É cheio de amor, é gracioso, misericordioso, longânimo, muito bondoso e verdadeiro remunerador dos que o buscam e, contudo, justíssimo e terrível em seus juízos, pois odeia todo o pecado; de modo algum terá por inocente o culpado. Deus tem em si mesmo, e de si mesmo, toda a vida, glória, bondade e bem-aventurança. Ele é todo suficiente em si e para si, pois não precisa das criaturas que trouxe à existência, não deriva delas glória alguma, mas somente manifesta a sua glória nelas, por elas, para elas e sobre elas. Ele é a única origem de todo o ser; dele, por ele e para ele são todas as coisas e sobre elas tem ele soberano domínio para fazer com elas, para elas e sobre elas tudo quanto quiser. Todas as coisas estão patentes e manifestas diante dele; o seu saber é infinito, infalível e independente da criatura, de sorte que para ele nada é contingente ou incerto (...). **EM RELAÇÃO ÀS ESCRITURAS:** A Fé Reformada considera a Bíblia com a maior seriedade. Esta não é senão outra maneira de dizer: “Porque dele, e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém.” (Rm. 11.36). A Fé Reformada busca manter corretamente entendido o ensino integral da Bíblia. Não temos espaço aqui para desenvolver as ênfases específicas da Fé Reformada. Mas esperamos que apenas através deste breve estudo o leitor poderá: (1) ver que há uma profunda diferença entre a Fé Reformada e todas as demais formulações menos consistentes da Fé Cristã e (2) ser desafiado a investigar com mente aberta nossa reivindicação de que esta Fé Reformada é nada mais nada menos, que o ensino que a Bíblia consistentemente expressou. **a. Suficiência:** A Fé Reformada encontra toda a sua autoridade no ensino da Palavra de Deus. A Bíblia é a única regra infalível sobre o que devemos crer e como devemos viver. Revelações carismáticas contínuas, profecias ou línguas estranhas não mais são necessárias porque Deus falou Sua Palavra final e toda suficiente ao completar-se o cânon das Escrituras Sagradas. A Bíblia e apenas a Bíblia - esta é a nossa confissão! **b. Necessidade:** A Bíblia é a revelação da vontade e da pessoa de Deus. “o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor” (Dt 8.3). Mas as pessoas tentam por natureza viver de pão apenas sem aquela Palavra;

eles tentam viver pela sua própria sabedoria (cf. Sl. 36.1-4). A verdade, entretanto, é que homem nenhum pode viver sem a luz da revelação especial de Deus. Isto era verdade para o primeiro homem criado, Adão, mesmo antes de ele cair em pecado ao negar a luz de Deus e desobedecê-LO. Adão, embora criado perfeito e com a lei de Deus inscrita em seu coração, mesmo assim necessitava de que uma luz exterior brilhasse sobre ele para habilitá-lo a andar de acordo com as ordens de Deus. Adão ainda necessitava de que Deus falasse com ele. Ele sabia muito, em virtude de ter sido feito à imagem de Deus, mas ainda necessitava da voz divina. E é também assim com todos os descendentes de Adão, gostem eles ou não de ouvir isto. Em Romanos 1.21, o apóstolo Paulo faz a surpreendente afirmação de que por natureza todos sabem a respeito da existência e poder de Deus devido ao Seu trabalho na criação do universo, e ainda assim rejeita e despreza essa luz que eles têm. Desde a queda da humanidade, a vontade humana foi grosseiramente pervertida. Cada um de nós, afastados da ação salvadora de Deus, quer seguir seu próprio caminho, ao invés do caminho de Deus (...). **Inerrância:** A Bíblia está livre de erros, uma vez que foi entregue pelas mãos de Deus. O salmista diz o seguinte: “A lei do Senhor é perfeita... Os estatutos do Senhor são dignos de confiança... Os preceitos do Senhor são justos... Consequentemente, como a Fé Reformada insiste, a Bíblia é infalível e absolutamente digna de confiança. **Clareza:** A Bíblia é clara e isso é fruto de sua Inerrância. Salmo 19:8 diz, “Os mandamentos do Senhor são radiantes, trazendo luz aos olhos.” A analogia (trazer luz) é: sem mácula, pura, que não se mistura com outro material conflitante ou controverso. Pois como diz nossa confissão de fé: “Na Escritura não são todas as coisas igualmente claras em si, nem do mesmo modo evidentes a todos; contudo, as coisas que precisam ser obedecidas, cridas e observadas para a salvação, em um ou outro passo da Escritura são tão claramente expostas e explicadas, que não só os doutos, mas ainda os indoutos, no devido uso dos meios ordinários, podem alcançar uma suficiente compreensão delas.” (CFW, I-7).

Anexo II _ Artigo XII do Tratado do Comércio e Navegação de 1810:

XII. Sua Alteza Real, o Príncipe Regente de Portugal, declara, e se obriga no seu próprio nome, e no de seus herdeiros e sucessores, que os vassallos de Sua Majestade Britânica, residentes nos seus territórios e domínios, não serão perturbados, inquietados, perseguidos ou molestados por causa da sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus quer sejam dentro de suas casas particulares, quer nas suas igrejas e capelas, que Sua Alteza Real agora, e para sempre graciosamente lhes concede a permissão de edificarem e manterem dentro de seus domínios. Contanto, porém, que as sobreditas igrejas e capelas sejam construídas de tal modo que externamente se assemelhem a casas de habitação; e também que o uso dos sinos não lhes seja permitidos para o fim de anunciarem publicamente as horas do serviço divino. Ademais, estipulou-se que

nem os vassallos da Grã-Bretanha, nem quaisquer outros estrangeiros de comunhão diferente da religião dominante nos domínios de Portugal serão perseguidos, ou inquietados por matérias de consciência, tanto no que concerne a suas propriedades, enquanto se conduzirem com ordem, decência e moralidade e de modo adequado aos usos do país, e ao seu estabelecimento religioso e político. Porém se se provar que eles pregam ou declamam publicamente contra a religião católica, ou que eles procuram fazer prosélitos [sic], ou conversões, as pessoas que assim delinquirim poderão, manifestando-se o seu delito, ser mandadas sair do país, em que a ofensa tiver sido cometida. E aqueles que em público se portarem sem respeito, ou com impropriedade para com os ritos e cerimônias da religião católica dominante serão chamados perante a polícia civil e poderão ser castigados com multas, ou com prisão em suas próprias casas. E se a ofensa for tão grave e tão enorme que perturbe a tranquilidade pública e ponha em perigo a segurança das instituições da Igreja e do Estado estabelecidas pelas leis, as pessoas que tal ofensa fizerem, havendo a devida prova do fato, poderão ser mandadas sair dos domínios de Portugal. Permitir-se-á também enterrar em lugares para isso designados os vassallos de Sua Majestade Britânica que morrerem nos territórios de Sua Alteza Real o Príncipe Regente de Portugal; nem se perturbarão de modo algum, nem por qualquer motivo, os funerais, ou as sepulturas, dos mortos. Do mesmo modo, os vassallos de Portugal gozarão nos domínios de Sua Majestade Britânica de uma perfeita e ilimitada liberdade de consciência em todas as matérias de religião, conforme o sistema de tolerância que se acha neles estabelecido. Eles poderão livremente praticar os exercícios da sua religião pública, ou particularmente nas suas casas de habitação, ou nas capelas, e lugares de culto designados para este objeto, sem que se lhes ponha o menor obstáculo, embaraço, ou dificuldade alguma, tanto agora como no futuro. (REILY, 2003. pp. 47-48).